

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

OS CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL E O DESENVOLVIMENTO DO  
IMAGINÁRIO NA CRIANÇA

Ana Morgado Figueiredo e Silva

Relatório Final realizado no âmbito da Área  
Científica de Prática de Ensino Supervisionado  
Mestrado em Educação Pré-Escolar  
Trabalho orientado por: Mestre Joana Duarte d'Almeida e  
Mestre Dora Batalim Sotto Mayor  
Ano Letivo: 2014/2015

Lisboa  
Novembro de 2015

A velha da casa do alto da serra  
contava ao menino coisas espantosas:  
A velha dizia que havia na terra  
fadas, feitiçeras e bruxas maldosas.

Mas quando o menino cresceu em idade  
e trocou a serra pela povoação  
e foi para a escola que era na cidade  
aprendeu as coisas tal como são.

Passaram-se anos e então quis voltar  
e ao subir a serra ficou admirado  
de encontrar a velha que estava a fiar  
tal como nos dias do tempo passado.

Então quis explicar-lhe nessa mesma hora  
tudo o que aprendera e tudo o que ouvira.  
Quis dizer à velha que sabia agora  
que em suas histórias tudo era mentira.

- “Tanta coisa, tanta que tu me dizias  
histórias tão esquisitas e tão baralhadas.  
Não sei para quê tantas fantasias  
se afinal as coisas já estão inventadas.

Lembras-te da bruxa que tinha a mania  
de andar de vassoura, de varrer o chão  
voando nos ares de noite e de dia?  
Se queria voar...tinha o avião.

E o conto pateta da princesa bela  
que foge ao gigante seu amo e senhor  
e deixa-lhe um cuspo a falar por ela  
tal como se o cuspo fosse um gravador?

E aquele rochedo do Ali-Babá  
que abria e fechava com certas falinhas.  
Mas que disparate! Agora há portas  
que se abrem e fecham sozinhas!”

A velha ia ouvindo toda a explicação  
que parecia nunca mais ter fim.  
Até que encontrou uma ocasião  
de poder falar, e falou assim:

- “Se os homens fizeram o que pensaram,  
sonharam bem antes de o realizar;  
e se o conseguiram foi porque o sonharam  
sonhos que ninguém queria acreditar.

E os contos de fadas, sempre repetidos  
de velhos e novos pelas gerações,  
traziam em si sonhos escondidos  
que os homens guardavam em seus corações.”

Anónimo

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho aos meus pais e avós maternos que povoaram a minha infância e juventude de histórias, contribuindo para o enriquecimento do meu imaginário, ensinando-me a ser livre e nunca deixar de sonhar!

## **Agradecimentos**

Nada se constrói do nada, nem tão pouco a sós, como tal a concretização deste projeto não se deve somente à minha dedicação e empenho aliados às experiências por mim vivenciadas, mas também à particular presença de determinadas pessoas durante o desenvolvimento deste estudo. Assim serei eternamente grata:

À minha família por nunca ter deixado de acreditar em mim, em especial à minha mãe e às minhas irmãs pela disponibilidade, apoio, compreensão e carinho com que me acompanharam ao longo deste percurso.

À minha amiga Cecília que partilha da mesma paixão pelos contos, tendo sido minha cúmplice e confidente em alguns dos momentos difíceis da redação deste trabalho.

Às minhas professoras e orientadoras, Joana Duarte d'Almeida e Dora Batalim, que me orientaram no processo de redação do relatório, e através das suas aulas, reacenderam o meu fascínio pelas histórias e pelo ato de as contar, atividade que realizo com o maior prazer e total entrega.

## Resumo

Os contos de tradição oral são uma das maiores riquezas do espólio cultural da humanidade. Atravessando gerações, permaneceram vivos até aos dias de hoje, disseminando-se através dos tempos pelas vozes de quem por eles se encantou. Conhecidos universalmente, fazem o deleite de adultos e crianças, que desde cedo privilegiam de um contacto próximo com estas narrativas, assim como da cumplicidade e afeto que o momento do conto oferece à relação íntima e reveladora que se cria. Conhecidas as suas imensuráveis potencialidades e valores, instigam a curiosidade de todo o ser humano, que enredado nos contornos maravilhosos e fantasistas destas histórias tradicionais, se perdem na própria imaginação.

O estudo apresentado, partindo de tais princípios, foi estruturado a pensar na descoberta das implicações que os contos de tradição oral têm no desenvolvimento da imaginação das crianças de três e quatro anos de idade, nomeadamente em contexto de pré-escolar, local onde foram efetuadas as recolhas para análise.

De uma investigação atenta e cuidada, nasceu esta criteriosa redação resultante do aprofundamento do tema central do estudo assente nos dados recolhidos, os quais se encontram divididos em três grupos principais: contos tradicionais contados pelo adulto às crianças; a presença dos contos tradicionais nas brincadeiras imaginativas das crianças e contos tradicionais e fantasia na gestão da rotina diária das crianças.

Palavras chave: contos, tradição oral, imaginação, crianças, pré-escolar

## **Abstract**

Folktales can be considered to have their place among the wealthiest assets of humanity's cultural heritage. Trespassing generations, they have survived the tests of time, kept alive until our days by the voices of those that they have managed to enchant. Known and celebrated worldwide, these narratives make the delights of those children and adults who make it a priority to cherish the moments of affection, complicity and revelation that the occasion of telling this kind of tale between intimates can provide. With undeniable potentialities and values, they are capable of evoking the curiosity of anyone who gets wrapped up in the wonder and fantasy contained in their imaginative plots.

The current study, making these assumptions its starting point, was structured with the goal of exploring the implications that folktales have in the development of the imagination of three to four year old children in the context of preschool, which is the place where the data of this study was collected.

The end product that is here presented stemmed from a field investigation and analysis of the collected data and a further theoretical exploration of the central theme in which the investigation is based. The collected data is divided in three main groups: folk tales told by the adult to children; the presence of folktales in the imaginative play of children; folktales and fantasy in the management of the daily routines of children.

Key words: folktales, imagination, children, preschool

## Índice

Introdução .....	1
Capítulo I - Enquadramento Teórico .....	7
1. Tradição Oral - O legado vivo do povo .....	7
2. Contos Tradicionais ou Contos Autorais ? .....	8
3. Contos Tradicionais - Histórias de sempre para sempre .....	10
4. Pedagogia e Tradição - O valor pedagógico dos Contos Tradicionais .....	12
5. Imaginação - O âmago da evolução humana .....	15
6. A criança de três e quatro anos - O voo na fantasia e o despertar de um novo olhar .....	18
7. O educador contador de histórias e promotor de fantasia .....	21
Capítulo II - Opções metodológicas: material e métodos.....	25
Cronograma - Processo de Investigação .....	29
Capítulo III - Apresentação dos dados recolhidos .....	31
1. Análise e interpretação dos dados recolhidos nas notas de campo.....	31
Categoria A: Contos tradicionais contados pelo adulto às crianças .....	33
Categoria B: A presença dos contos tradicionais nas brincadeiras imaginativas das crianças .....	40
Categoria C: Contos tradicionais e fantasia na gestão da rotina diária das crianças ...	49
Considerações finais .....	59
Referências bibliográficas .....	63
Anexos .....	64

## Introdução

O presente relatório, elaborado no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino Supervisionado, encontra-se alicerçado nas experiências vividas durante o estágio curricular do mestrado de Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, realizado na instituição Marcolândia, na valência de Jardim de Infância, mais precisamente numa sala de 3/4 anos, por um período de onze semanas, no ano letivo de 2012/2013.

A escolha da temática do estudo e decorrente problemática a investigar, provêm de ‘questões’ suscitadas no referido contexto, aliadas ao meu interesse pessoal e profissional.

Contextualizando o campo de estágio, a Marcolândia é uma instituição de ensino particular e cooperativo, com valências de creche e jardim-de-infância, que se situa na Avenida dos Bombeiros Voluntários de Algés. Instituição esta, dirigida e administrada por duas educadoras de infância, caracterizada por um ambiente acolhedor e familiar, onde se privilegia o contacto direto e próximo entre toda a ‘comunidade’ institucional, e que tem como principais objetivos:

- Incentivar a criança para o lúdico, estimulando-a na sua curiosidade, nos seus afetos e apoiando-se no seu desejo de comunicar;
- Concretizar intervenções pedagógicas que estimulem o desenvolvimento das crianças, fundamentadas em modelos pedagógicos coerentes;
- Assegurar em todas as áreas, ambientes educativos propícios ao desenvolvimento das crianças, a nível geral e específico;
- Criar condições para que a criança tenha contacto com o mundo da cultura e da ciência, através de situações simples e instrumentos próprios, adaptados à sua idade;
- Levar a criança progressivamente e sistematicamente a encontrar a sua própria autonomia nas diferentes situações.

O grupo da sala de 3/4 anos, na qual realizei o meu estágio, era constituído por 18 crianças (10 do sexo feminino e 8 do sexo masculino), as quais representam a população-alvo da investigação. Com gostos e interesses diversos, atendendo à personalidade de cada criança, às suas diferenças de idade e fase de desenvolvimento

em que se encontravam, houve aspetos comuns que foram fulcrais para a orientação do estudo.

As crianças deste grupo adoravam ouvir contar histórias. Frequentemente pediam-me que lhes narrasse “O Coelho Branco”, “Os Três Porquinhos”, “O Capuchinho Vermelho” e a “Carochinha”, contos que algumas somente conheceram através de mim.

A narração de contos de tradição oral, não sendo uma prática comum na sua rotina de pré-escolar, considerando que a educadora titular recorria essencialmente à leitura de histórias de autor em situações espontâneas, a dinâmica da ‘hora do conto’ foi instituída por mim. Nesta atividade, que comporta alguns rituais e cuidados específicos quanto ao ambiente e à natureza da narração, ofereci a estas crianças um contacto diferenciado com o universo maravilhoso dos contos de tradição oral.

As histórias, contadas com ou sem qualquer elemento de apoio (livro, adornos, ‘objeto mágico’, fantoches, entre outros) revelaram-se sempre um deleite para as crianças, que se mostravam naturalmente predispostas para novas sessões de conto, fossem as histórias familiares ou desconhecidas. A par do gosto por estes momentos predestinados à narração, as crianças demonstravam interesse em escutar histórias nos contextos mais variados e inesperados, assim como em participar em conversas fantasiosas.

Na rotina deste grupo era frequente a criação de brincadeiras imaginativas entre pares e também em cumplicidade com os adultos da sala. O espaço de que dispunham estava organizado e equipado com materiais diversos, selecionados pela educadora com o intuito de promover e apoiar as brincadeiras de faz-de-conta. Diariamente as crianças usufruíam de um tempo destinado à exploração e brincadeira livre, que ocorria no espaço interior e/ou exterior da instituição.

A relação entre os pares era boa, ainda que houvessem alguns conflitos característicos destas idades, a amizade, carinho, cumplicidade e interajuda prevaleciam entre as crianças.

Detentoras de uma considerável autonomia, ainda eram muito dependentes do adulto, sendo a sua atenção, ajuda, cumplicidade e afeto sempre bem acolhidos e muitas vezes solicitados.

Extremamente energéticas, ativas, faladoras, eram muitos os momentos de grande agitação, havendo períodos de difícil atenção e concentração, que implicavam

um esforço acrescido de intervenção cativante e até mesmo criativa por parte dos adultos.

Entre as crianças, a educadora e a auxiliar existia uma relação recíproca de afeto e respeito. Contudo, sendo comum aos três e quatro anos de idade a crescente procura de afirmação pessoal, as crianças diversas vezes adotavam atitudes de desafio e provocação, sucedendo com regularidade não atenderem de imediato às chamadas de atenção dos adultos de referência.

Bem acolhida por todos os funcionários da instituição, em especial pelas crianças, pela educadora e pela auxiliar, da sala em que realizei o meu estágio, e com quem criei laços de afeto, respeito, cumplicidade e solidariedade, que beneficiaram um bom e saudável relacionamento com toda a ‘comunidade’ institucional, consegui efetuar com sucesso uma recolha de dados fidedigna e de qualidade para a concretização do presente projeto de investigação.

Apresentado o contexto da minha intervenção profissional e investigativa, alio a este o meu interesse e ligação particular ao tema que norteia o estudo. Os contos sempre fizeram parte da minha vida, na infância irrompiam no meu dia-a-dia pelas vozes dos meus pais e avós maternos.

Desde cedo senti que as narrativas de tradição oral eram um tesouro único, que povoava o coração da minha família, marcando alguns dos momentos mais significativos da nossa vida, onde não faltava amor, afeto e cumplicidade. Através destas histórias maravilhosas era-me permitido imaginar, sonhar, criar novos e diferentes universos, desenvolver o meu imaginário pessoal e conceber diferentes formas de enfrentar as dificuldades da vida. Nas viagens da minha mente, tudo era possível e concretizável. Como enunciou Azcuy, no prefácio de *Mitos e Ritos de Iniciação nos Contos de Fadas* (1992, p. 12) os contos do maravilhoso “(...) têm a capacidade de desvelar, para os que os escutam ou leem, fragmentos desse «mundo diferente», dessa «realidade separada», que todo o homem armazena nas matizes da sua imaginação”.

Talvez por me ter encantado com a descoberta da minha capacidade criativa e inventiva, tenha nascido em mim um vínculo especial ao mundo das artes. Até aos dias de hoje não concebo a minha vida sem histórias, sem sonhos, sem fantasias. Acreditando na riqueza destes elementos, que em muito contribuíram para o meu crescimento e desenvolvimento salutar e pleno, defendo a sua importância e valor na vida de todos nós, crendo ser na infância o momento ideal para promover a

familiarização com as histórias e fomentar a exploração das temáticas adjacentes. Segundo Bettelheim (1998, p. 197),

O conto de fadas comunica à criança um entendimento intuitivo, subconsciente da sua própria natureza e daquilo que o seu futuro lhe reserva se ela desenvolver as suas potencialidades positivas. Ela pressente através dos contos de fadas que ser humano neste mundo significa ter de aceitar reptos difíceis, mas também achar aventuras maravilhosas.

Assim privilegio na minha prática pedagógica tempo destinado ao contar de histórias, em especial sem livro, espaço para brincadeiras imaginativas de faz-de-conta, diálogos fantasiosos e criação de ambientes mágicos.

Se enriqueceram o meu mundo, nunca poderia privar as crianças de que enriquecessem o seu, os contos de tradição oral prevalecem ao longo dos tempos, dada a generosidade e grandeza do ser humano em ser capaz de partilhar com o outro o seu conhecimento e a sua riqueza espiritual. Bettelheim (1998, p. 11) defende que “(...) nada é mais enriquecedor e satisfatório, quer para a criança quer para o adulto, do que o popular conto (...)”, Traça (1992) explica que a partir dos contos é possível “fecundar inteligentemente o imaginário”, nutrir os sonhos e desenvolver a memória e a imaginação, de acordo com os autores (ibidem), os contos contribuem positivamente para o nosso crescimento interior.

Considerando o contexto em estudo e as minhas aspirações profissionais e pessoais, naturalmente determinei como principal pretensão para este trabalho de investigação, compreender a relação entre os contos de tradição oral e o desenvolvimento do imaginário infantil.

A pergunta de partida – “De que modo os contos de tradição oral favorecem o desenvolvimento da imaginação/fantasia das crianças de três e quatro anos?” – surge da premissa de que tais histórias beneficiam o imaginário infantil. Como Traça (1992, p. 115) afirma, “o conto maravilhoso constitui um estímulo rico para a fantasia. (...) o desenvolvimento da imaginação constitui um fator importante no desenvolvimento da criança”.

As questões que orientaram o estudo foram formuladas criteriosamente em conformidade com o tema central, a par de algumas curiosidades suscitadas no campo de estágio, sendo estas:

- A criança familiarizada com os contos de tradição oral tem maior potencial criativo?
- A atitude do educador enquanto contador de histórias e promotor de uma interação com o imaginário fantástico dos contos de tradição oral influenciará o modo como a criança de três e quatro anos desenvolve a sua capacidade imaginativa?
- Poderão os contos de tradição oral e a fantasia que deles emerge ajudar o educador e a criança de três e quatro anos, na gestão de situações de rotina diária?

Os objetivos delineados foram pensados para dar resposta às questões colocadas, passando estes por:

- Perceber a relação que as crianças de três e quatro anos estabelecem entre os contos de tradição oral e o seu universo imaginário/fantasia.
- Compreender de que modo a atitude do educador perante a fantasia influencia a construção do universo imaginário das crianças de três e quatro anos.
- Percecionar se o recurso aos contos de tradição oral e/ou à fantasia que deles emerge é eficaz e profícuo para o educador e para a criança de três e quatro anos no que concerne à gestão do cumprimento das rotinas diárias.

O relatório encontra-se dividido essencialmente em três capítulos principais:

- Capítulo I - Enquadramento Teórico,
- Capítulo II – Opções metodológicas: material e métodos,
- Capítulo III – Apresentação dos dados recolhidos.

No primeiro capítulo, alicerçadas em fundamentação teórica, serão explanadas todas as temáticas inerentes ao estudo, nomeadamente: a definição de tradição oral; a diferenciação entre contos de tradição oral e contos autorais; a caracterização dos contos

tradicionais, suas origens, potencialidades e valor pedagógico; a compreensão do funcionamento da imaginação; a caracterização da faixa etária da população em análise e a intervenção do educador face ao problema central desta investigação.

No segundo capítulo, será efetuada uma abordagem à natureza do estudo em causa, atendendo aos materiais e métodos utilizados.

No terceiro e último capítulo, encontrar-se-á a análise efetiva dos dados recolhidos.

Por fim regressamos às questões iniciais sob um olhar esclarecedor acerca das descobertas realizadas no decorrer deste trabalho de natureza investigativa.

## Capítulo I - Enquadramento Teórico

### 1. Tradição Oral - O legado vivo do povo

Somos bilhões de pessoas a povoar o mundo, caminhando a pensar no futuro, distraídos no presente e muitas vezes esquecidos do passado. Cada um de nós é um ser singular, que encerra em si um conjunto de características que o define. Contudo, dependentes por natureza e descendentes de um vasto império, construído pelos nossos antepassados, seja qual for a nossa forma de ser e estar na vida, existe um elo comum que nos une, as origens culturais. Com efeito, a história de um povo está sempre marcada por um conjunto de costumes, crenças, práticas, doutrinas, leis, entre outros, que se perpetuam ao longo dos tempos, mediante a partilha oral deste legado, permitindo a continuidade de uma cultura ou de um sistema social. Enquanto seres pertencentes a uma sociedade, a tradição oral faz parte do nosso passado coletivo, da nossa história de vida.

De acordo com Parafita (2005), entenda-se como tradição oral, “a transmissão de saberes feita oralmente, pelo povo, de geração em geração”, sendo que tais conhecimentos passam pelos hábitos e costumes das comunidades assim como a sua literatura oral, de que podem fazer parte os mitos, as lendas, os contos tradicionais, entre outros textos, que permanecem vivos na memória coletiva de um povo. Esta herança, também designada de património imaterial, liga o passado ao presente, permitindo a preservação da história e cultura das pessoas, concedendo-lhes a possibilidade de descobrir as suas raízes e protegendo a sua identidade cultural. Ainda acerca da tradição oral, Traça (1992, p. 86) diz-nos que “(...) proporciona, de uma forma poética e estilizada, elementos de resposta a questões sobre a causa das coisas, a origem de certos comportamentos, fornece receitas para crescer”.

Cada nação, cada cultura, está enredada num manancial de histórias, relatos mais ou menos fantasiosos, sempre alicerçados na realidade, nas vivências e experiências do ser humano. De diferentes proveniências e com características próprias, as narrativas orais, podem variar na sua forma e modo como são partilhadas, havendo ainda a possibilidade de se modificarem com o decorrer do tempo através de um processo de recriação coletiva ou até mesmo individual. Estes testemunhos vitais daqueles que nos antecedem, ajudam-nos a conhecer e compreender melhor o mundo em que vivemos, as pessoas que nele habitam

e também nós próprios. A relação que o homem tem com a sua terra, assim como com o mundo na sua globalidade, desenvolve-se a par do conhecimento e ensinamentos que advêm da sabedoria popular.

Num sentido mais lato, Azcuy, no prefácio de *Mitos e Ritos de Iniciação nos Contos de Fadas* (1992, p. 9), fala-nos de tradição oral enquanto herança cultural que conferiu um significado particular ao mundo e à vida, assim como permitiu ao homem crescer e desenvolver-se, alcançando um “novo nível de conhecimento”. Este legado, vindo de longe, do passado, reflete os sentimentos da alma de um povo, que expressando-se através da linguagem, concebeu os mais diversos relatos e histórias maravilhosas, utilizando-os como veículo transmissor da sabedoria popular às gerações sucessoras.

Segundo Jean, no prefácio de *O fio da memória* (1992, p. 7),

(...) acontece que desde a noite dos tempos, os homens contam. Sem recorrer à escrita, mas transmitindo de boca em boca como o aedo helénico, histórias cheias de aventuras, de personagens simples e de coisas maravilhosas. Estas histórias que constituem o “tesouro dos contos” e que se encontram em todas as culturas e sob formas infinitamente diversificadas tornam-se para nós, (...) a nossa memória coletiva em que se exprimem todas as matizes que fazem a originalidade, mas também a universalidade das nossas culturas nacionais.

Assim se verifica que por todo o mundo, desde sempre se contam histórias, atravessando fronteiras; seja qual for a etnia, estrato socioeconómico e cultural, este é um costume comum a todos os povos.

Renascendo nas vozes de quem tão bem conhece e guarda na memória os tesouros da tradição oral, este imenso espólio tem-se mantido vivo ao longo dos tempos, tendo-se difundido pelos mais diversos e até mesmo recônditos lugares do planeta Terra.

De modo subtil, por vezes impercetível aos nossos sentidos, a tradição encontra-se presente no quotidiano de todos nós e das mais variadas formas.

## **2. Contos Tradicionais ou Contos Autorais?**

Numa perspetiva abrangente, o género conto é definido como narrativa de pequena dimensão, estrutura e ação simples, com um reduzido número de personagens,

espaço e tempo diegético curto e impreciso, em que os acontecimentos narrados são geralmente inusitados, mas de certa forma, possíveis de suceder.

Estando as suas raízes na oralidade do povo, esta forma literária, de origem remota e incerta, tem-se disseminado pelo mundo, conquistando o universo da literatura escrita contemporânea.

Nas obras de Traça (1992), Bettelheim (1998) e Pires (2005) está patente a divisão dos contos em de dois tipos distintos, os contos tradicionais, populares ou de fadas, e os contos autorais, também designados como contos modernos.

O conto tradicional é uma narrativa de autoria desconhecida, criada e enriquecida pelo imaginário popular, podendo corresponder ao narrar de um facto de experiência real, de invocação fantástica, extraordinária ou exemplar. Transmitido oralmente, de geração em geração, como refere Traça (1992, p. 39), “(...) sendo uma narrativa herdada da tradição, uma criação anónima mantida pela memória coletiva, não se transmite de maneira imutável”. Cada pessoa faz a sua própria efabulação de uma mesma história, o que dá origem a diversas variantes.

Parafita (2001, p. 11) acrescenta, que, “os contos populares fazem parte de um universo cultural que tem como suporte a tradição oral de um povo”.

Em contra partida, o conto autoral é concebido e transmitido por meio da escrita, sendo que, habitualmente sabe-se quem é o seu autor.

Numa boa síntese, efetuada por Aguiar e Silva, encontram-se referenciados outros elementos diferenciadores destes dois tipos de contos. O autor (citado por Pires, 2005, p. 45) declara que a grande diferença existente entre estes dois modelos, encontra-se ao nível do seu sistema semiótico, ou seja, das divergências nos sinais, códigos, produção, estruturação e receção das narrativas, sabendo-se que, o funcionamento do sistema semiótico dos contos tradicionais é mais diverso, que o dos contos autorais.

Segundo Bettelheim (1998, p. 15), “os contos modernos para crianças evitam sobretudo os problemas existenciais (...)”. O mesmo autor menciona ainda que contrariamente ao que sucede nos contos tradicionais, o bem e o mal não se encontra omnipresente nos contos modernos, dualidade ubíqua na vida, sendo que todo e qualquer ser humano é seu portador.

Relativamente às relações existentes entre estes dois tipos de conto, é importante referenciar, o facto de que durante um longo período de tempo, muitos dos textos de autor inspiraram-se nas narrativas de tradição oral. Havendo ainda hoje em dia, alguns

contos tradicionais que têm vindo a ser (re)escritos ou até mesmo reelaborados, por diversos escritores. Pires (2005, p. 57) faz menção a esta realidade,

(...) encontramos criações individuais que, bebendo nas fontes tradicionais, as absorvem de formas mais ou menos subversivas, mais ou menos «reconhecíveis», estabelecendo vários níveis de intertextualidade, sem qualquer preocupação de respeitar matrizes para o seu desenvolvimento; por outro lado encontramos opções que tentam uma mimese dos processos da cadeia tradicional (...)

Considerando o acima descrito, pode-se afirmar que os contos tradicionais são de uma riqueza imensurável, proveniente das suas origens populares e consequentes características singulares, que lhes conferem uma importância primordial na vida de todos nós.

### **3. Contos Tradicionais - Histórias de sempre para sempre**

Os contos tradicionais, tendo a sua origem na memória e oralidade do povo, assim atravessaram os séculos e permaneceram vivos até aos dias de hoje, tornando-se conhecidos como parte integrante do património oral e imaterial da humanidade.

Entre as mais diversas expressões, Traça (1992) designa estas narrativas como “formas vivas”, “elementos de identidade de um povo” ou “vestígios de sociedades desaparecidas”, enquanto Parafita (2001) as enuncia como “testemunhos fiéis de uma comunidade” ou “sinais de sobrevivência das estruturas de um contexto social”.

Segundo Parafita (2001) e Pires (2005), os textos de tradição oral, nomeadamente os contos, começaram a ser fixados em suporte escrito desde o século XVI, tendo vindo a conquistar um verdadeiro lugar na literatura, nos séculos XVII e XVIII, com a publicação de numerosas coleções de contos, por toda a Europa. Porém, de acordo com Jolles (citado por Traça, 1992, p. 16) e Parafita (2001, p. 15), somente no século XIX é que os contos assumiram um autêntico “sentido de forma literária”, assim que os irmãos Grimm, em 1812, editaram uma coletânea de textos de tradição oral, que intitularam de “Contos para Crianças e Famílias (Kinder-und Hausmarchen)”.

Pires (2005) refere que os irmãos Grimm sucedendo a Charles Perrault, célebre folclorista do século XVII, tornaram-se uma referência na literatura de tradição oral, distinguindo-se o seu trabalho a nível mundial, por se afirmar que as recolhas foram

feitas junto dos camponeses. No entanto, aparentemente muitas das narrativas foram recolhidas entre a classe média e aristocrática, mais precisamente junto de jovens mulheres, que lhes contavam as histórias que ouviam das amas e das criadas.

Em Portugal, também muitos folcloristas contribuíram para a preservação deste património cultural, de entre os quais a autora (ibidem) ressalta, Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso, Teófilo Braga, José Leite de Vasconcelos, Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho, Ataíde de Oliveira, António Tomás Pires e Sílvio Romero.

Muitos dos contos recolhidos, tendo sido publicados primeiramente em revistas regionais e folclóricas e só depois reunidos em volumes, encontram-se atualmente inscritos em inúmeros livros para crianças. Sem perder a sua identidade de cariz popular, seja qual for a sua proveniência, modo como foram recolhidos, registados, e posteriormente (re)escritos e coligidos, os contos sofreram sempre alterações mais significativas do que os seus coletores admitem (idem ibi). Podendo justificar-se esta situação porque, devido aos mais diversos fatores, na oralidade os contos são constantemente reelaborados pelos seus narradores/coletores, que os adaptam às situações de acordo com as suas conveniências. Bettelheim (1998) afirma que os contos de tradição oral, antes de passarem a escritos e a adquirirem uma forma definida, estão continuamente a ser alterados, fruto de serem contados e recontados ao longo dos séculos, havendo histórias que se misturam. Assim, vêm surgindo diversas versões do mesmo conto, que chegam até nós, tanto por via oral como escrita.

Segundo Traça (1992) e Albuquerque (2000) a transformação e evolução dos contos, deve-se especialmente, à luta pela sua sobrevivência, mediante a adaptação destas narrativas a diferentes contextos socio-históricos. Como explica Soriano (1989, citado por Pires, 2005, p.70),

Ao longo das épocas, o conto apresenta-se simultaneamente como uma realidade que opõe resistência à mudança e como material permeável, que se molda, se transforma para se adaptar às necessidades. Por isso as diversas elaborações correspondem à evolução de costumes, de crenças, de modos de vida, evolução essa que pode tomar, pouco a pouco, incompreensíveis ou inaceitáveis certos temas, certos motivos ou certos traços.

Reforçando a ideia, Parafita (2001, p. 24) refere que a elaboração de variantes permite a atualização dos contos em conformidade com as circunstâncias espaço-temporais e conjuntura vivida no momento, sendo cada história transmissora de um

determinado sentido, assumindo-se “(...) como um veículo de informação de algo que está por detrás do conto”.

Por todo o mundo existem semelhanças entre contos, mesmo que ao longo da história da humanidade não se tenha descoberto provas concretas de qualquer contacto entre certos povos. Conforme afirma Traça (1992, p. 131), “versões de um mesmo conto encontram-se em povos de sítios opostos do globo”.

No cerne do processo de recriação dos contos, de acordo com Pires (2005), naturalmente convergem a experiência e reminiscência do novo escritor ou contador, o seu conhecimento acerca das versões anteriormente registadas por escrito, e em especial, a sua imaginação, personalidade e ideologia.

A carga histórica e simbólica destes contos, só por si já os torna especiais e de grande valor, mas a sua função e potencial vai mais além do que, e somente, questões culturais, atingindo dimensões de cariz pedagógico.

#### **4. Pedagogia e Tradição - O valor pedagógico dos Contos Tradicionais**

Os contos de tradição oral, antigamente dedicados a um público indiferenciado, ao longo dos últimos séculos têm vindo a conquistar um lugar de destaque na literatura infantil. Atualmente, estas narrativas são direcionadas principalmente às crianças, revelando-se indispensáveis ao seu crescimento e desenvolvimento integral.

Fazendo parte da nossa herança cultural literária, segundo Traça (1992), os contos são importantes na formação pessoal, social, emocional, intelectual e cultural, da criança.

Bettelheim (1998, p. 34) alega que os contos “(...) orientam a criança no sentido de descobrir a sua identidade e vocação e sugerem também quais as necessárias experiências para melhor desenvolver o seu carácter”. Histórias repletas de emotividade, são transmissoras de esperança, como refere o autor, elas insinuem que se aceitarmos os desafios impostos pela vida, mesmo que estes impliquem envolver-nos em lutas difíceis, ou até penosas, perante os infortúnios sairemos vitoriosos, conseguindo alcançar os nossos objetivos, vivendo uma vida rica, salutar e feliz.

O universo maravilhoso dos contos, de acordo com Santos (citado por Branco, 2000, p. 239) provém “(...) da fantasia antiga e atual, que serviu desde sempre ao homem para descobrir pensando”. Porém, por mais fictícios que nos possam parecer, os

enredos destas narrativas foram tecidos com realidade e fantasia, elementos que Menéres no prefácio de *No Reino das Fadas* (1997, p. 11) defende afluírem “(...) para um ponto de encontro e de compreensão (...)” - possivelmente com função reveladora e de advertência - do facto de que o bem e o mal podem surgir nas mais diversas formas, caminhando inevitavelmente lado a lado, como acontece na realidade dos nossos dias. Abrindo-nos as portas do mundo da sabedoria tradicional, os contos são transmissores de conhecimento e valores, instruem, advertem e inspiram, sem agredir o ser humano, em especial as crianças, que, conforme Traça (1992, p. 102) menciona, encontram nestas histórias maravilhosas “(...) uma primeira forma de explicação do universo”. Reforçando esta ideia, a autora (*ibidem*, p. 115) afirma,

As descobertas essenciais para a condição humana – a vida, a morte, o trabalho, a amizade, o amor, o sofrimento – são muitas vezes feitas pela criança ao nível do simbólico que lhe propõem primeiro os contos, que apreende intuitivamente para em seguida os decifrar a pouco e pouco no plano do intelecto.

Os contos tradicionais são muito apreciados pelas crianças, que perante a sua trama ficam encantadas, segundo Albuquerque (2000), devido ao poder tranquilizador destas narrativas, que contribui para o aumento da confiança em si e na vida. Traça (1992, p. 35) alega que este interesse se deve também, à simplicidade estrutural dos contos, à universalidade dos temas abordados, inerentes a todos nós, à utilização de expressões ou palavras que rimam e por vezes se repetem, e à sua linguagem metafórica que, “(...) permite à criança projetar-se em diferentes personagens e situações”.

Na maior parte dos casos, uma criança saudável consegue reconhecer que a «realidade» dos contos não corresponde à realidade do mundo em que vive, porém, como refere Menéres no prefácio de *No Reino das Fadas* (1997, p. 12), a criança não aceita os contos “(...) como falsos, na medida em que eles, como que descrevem, de um modo imaginário e simbólico, os passos do seu próprio crescimento”. De facto, nestas histórias todas as situações são retratadas com singeleza, facilitando à criança a apreensão dos conteúdos e mensagens implícitas.

O conto tradicional oferece-nos uma viagem fantástica onde se ultrapassam os limites do que é conhecido, palpável e perceptível aos sentidos, levando-nos a imergir num universo surpreendente e mágico, onde tudo se torna possível.

De acordo com Bettelheim (1998) e Traça (1992), estas narrativas apresentam-nos um mundo de múltiplos cenários admiráveis, que aparentemente pouco nos

instruem sobre a sociedade moderna, mas muito revelam acerca da vida e da natureza humana, ajudando-nos a encontrar estratégias para afrontar as diversas circunstâncias com que nos confrontamos na senda da vida. Em conformidade, Santos (2002) aborda os contos sob a mesma perspectiva salientando um aspeto peculiar, o facto de estas narrativas nos mostrarem que, a solução para os nossos problemas se encontra naturalmente conosco, devendo a sua resolução depender essencialmente de nós.

A simbologia e fantasia, características dos contos tradicionais, traduzem-se numa linguagem única, que Bettelheim (1998) afirma, estar ao nível da compreensão da criança. Capazes de tocar o nosso 'eu' interior, estas histórias apelam aos sentimentos mais profundos de cada um de nós. Albuquerque (2000, p. 21) alega que “Consciente e inconsciente unem-se nestas narrações, cumprindo a função primordial de expressarem os medos e os desejos recalcados nas crianças, parecendo-se um pouco com os sonhos”. Aqui a criança encontra respostas para as suas necessidades, angústias e ambições, adquire ensinamentos que a ajudam no autoconhecimento e compreensão, na construção de relações interpessoais e sociais, descobrindo assim o seu lugar no mundo, enquanto ser único mas dependente por natureza, caminhando para atingir o equilíbrio e maturidade que a torna consciente dos seus atos.

Bettelheim (1998, p. 34) citando Chesterton e Lewis, enaltece o potencial dos contos tradicionais referindo que os supracitados críticos literários sentiam-nos como “(...) «explorações espirituais», e daí «as mais próximas da vida», já que revelam «a vida humana tal como ela é vista, sentida ou adivinhada por dentro»”. O que nos chega ao coração tem o poder de nos libertar, fazer voar, sonhar, imaginar, criar, e assim crescermos e evoluirmos enquanto seres pensantes, inteligentes, sensíveis e capazes de chegar mais longe.

Os contos abrem-nos caminho para o universo do maravilhoso onde impera a fantasia. Segundo Traça (1992) e Bettelheim (1998), estas obras da literatura tradicional, têm grande potencial pedagógico, na medida em que libertam e fertilizam a imaginação infantil, desenvolvem a observação e a memória das crianças, fornecendo-lhes um contacto com novas dimensões e problemáticas, que sozinhas não conseguiriam alcançar, concorrendo para o aumento das suas competências criativas. Como menciona Rodari (2006, p. 165), “(...) nas estruturas do conto a criança contempla as estruturas da sua própria imaginação e ao mesmo tempo as fabrica, construindo um instrumento indispensável para o seu conhecimento e domínio do real”.

Completando o precioso império destes contos, com função pedagógica, cultural, social e lúdica, não poderia esquecer um dos seus elementos mais importantes, a contemplação e valorização das ligações afetivas, imprescindíveis para que encontremos um verdadeiro sentido para a vida. Como alega Albuquerque (2000, p. 110), “são realmente fatores afetivos que permitem à criança conferir ao mundo e à vida uma sistematização, utilizando então o seu potencial de fantasia com uma função afetiva de reconciliação e de ordenação do próprio mundo”.

Contribuindo para atingir e fortalecer a segurança emocional e o espírito positivo do ser humano, o conto tradicional, sob um olhar encantador, desvenda muitos dos mistérios da vida, ensinando que nos devemos amar, respeitar, aceitar, compreendendo que a vida é feita de lutas e desafios, muitas vezes difíceis mas sempre superáveis, pois o mundo tem tando de cruel para nos oferecer, como de bom para nos maravilhar.

### **5. Imaginação - O âmago da evolução humana**

A capacidade imaginativa é inata ao ser humano, mas necessita de estímulo para que se mantenha acesa dentro de nós. Desde tenra idade, é imprescindível não privar a mente desses estímulos, que contribuem substancialmente para o desenvolvimento e consolidação do poder ilimitado de fantasiar-pensar, que naturalmente nos permite crescer como seres criativos.

Segundo Rodari (2006, p. 195), “a função criadora da imaginação pertence ao homem comum, ao cientista, ao técnico; é tão essencial às descobertas científicas como ao nascimento da obra de arte; inclusivamente, é condição necessária da vida quotidiana”.

A imaginação permite-nos viver neste mundo sendo capazes de ultrapassar dificuldades que surgem ao longo da vida, vivenciando-as enquanto desafios. Sem ela não evoluiríamos, seríamos seres inertes que aceitam pacificamente qualquer situação.

Conforme Vygotsky (2009, p. 11) afirma, “(...) o nosso cérebro constitui o órgão que conserva experiências vividas e facilita a sua reiteração”, no entanto, se a sua atividade se limitasse a isso, as nossas ações resumir-se-iam a simples reproduções do passado, condenando o homem à condição de “(...) ser exclusivamente virado para o ontem e incapaz de se adaptar a um amanhã diferente”. De acordo com o autor (ibidem, pp. 9-11), se nos focarmos no comportamento humano é fácil detetar a presença

elementar de dois tipos de impulso, os quais o autor distinguiu como, “atividade reprodutora” e “atividade criadora ou combinatória”. A primeira, comumente ligada à nossa memória, consiste essencialmente “(...) no facto do homem reproduzir ou repetir normas de conduta já criadas e elaboradas ou ressuscitar traços de impressões antigas”; a segunda, como o nome indica, assenta na combinação de elementos que nos vão permitir criar algo de novo, indo além da mera reprodução de acontecimentos e sensações vividas, fazendo uso da nossa capacidade imaginativa para, “(...) reelaborar e criar novas normas e conceções a partir de experiências passadas”.

Imaginação e realidade encontram-se profundamente ligadas, existindo entre si uma relação de interdependência. A criação provém da imaginação e fantasia, características do ser humano, contudo, nada se cria a partir do nada, a imaginação desenvolve-se com base no que apreendemos do mundo real, na nossa sabedoria e experiência acumulada, assente em episódios vivenciados diretamente por nós e factos que eventualmente nos foram transmitidos.

Vygotsky (2009, p.11), diz que “é a atividade criadora do homem que faz dele um ser projetado para o futuro, um ser que contribui para criar e que modifica o seu presente”, porém não esqueçamos que, a imaginação está na origem de toda a atividade criadora. Imaginar, fantasiar, sonhar, proporciona-nos conceber representações mentais do que não nos é oferecido aos sentidos, contemplando a realidade sob diferentes perspectivas, ampliando a nossa visão do mundo e o nosso horizonte de possibilidades. Estas faculdades, impulsionadas pelos pensamentos, sentimentos, desejos e necessidades do ser humano, libertam a mente, contribuindo significativamente para a compreensão de qualquer uma das áreas do conhecimento, independentemente da sua natureza. Como declara Dewey (citado por Rodari, 2006, p.199),

A função própria da imaginação é a visão de realidades e possibilidades que não se podem mostrar nas condições normais da percepção sensível. O seu objetivo é penetrar claramente no remoto, no ausente, no escuro. Não só a história, a literatura, a geografia e os princípios das ciências, mas também a geometria e a aritmética contêm uma quantidade de assuntos sobre os quais tem de atuar a imaginação para serem compreendidos (...)

A imaginação, ainda que seja uma aptidão natural de todo o ser humano, implica um processo construtivo extraordinariamente complexo. Assim, Vygotsky (2009) determina quatro principais formas de ligação entre a capacidade de fantasiar, imaginar e a realidade. A primeira forma consiste na recriação mental, mais ou menos fantasiosa,

originária de diversas associações entre os demais elementos extraídos da realidade e experiência humana. Conforme o autor (ibidem, p.16) afirma,

A análise científica das elucubrações mais fantásticas e afastadas da realidade, como por exemplo os mitos, os contos, as lendas, os sonhos, etc. convencem-nos de que as maiores fantasias não são mais do que novas combinações dos mesmos elementos tomados, bem vistas as coisas, da realidade, mas simplesmente submetidos a modificações ou reelaborações pela nossa imaginação.

A segunda forma consta da interligação de “produtos preparados da fantasia” e “fenómenos complexos da realidade” (idem ibidem p. 19), que resulta na criação de novas combinações e conseqüente aumento da experiência humana. Apoiando-se na fantasia, o homem é capaz de imaginar o que não viu nem experienciou diretamente, saindo dos limites da sua própria experiência de vida, assimilando outros saberes.

Na terceira forma de ligação, aos demais elementos anteriormente referidos juntam-se fatores emocionais, influenciando o processo de imaginação numa relação de reciprocidade. A emoção é a expressão de sentimentos que resultam da interação entre sensações, ideias e imagens, que dominam o nosso pensamento em diferentes momentos, conferindo subjetividade à nossa imaginação.

A quarta forma, contendo em si algumas características da terceira, resume-se ao facto de a fantasia e imaginação produzirem algo totalmente novo, fora dos padrões da realidade, mas que ao materializar-se torna-se real.

Contemplando o modo de funcionamento da imaginação, este aparenta ser um processo estritamente pessoal onde nos encontramos sozinhos, porém, na realidade existe sempre relativa dependência de terceiros. De acordo com Ribot (citado por Vygotsky, 2009, p. 36), “por muito individual que pareça, toda a criação comporta sempre em si um coeficiente social. Nesse sentido, não há invenções individuais na acepção estrita da palavra: em todas elas existe sempre uma colaboração anónima”. Intimamente ligada à nossa experiência, necessidades e interesses, é impossível negar que, a imaginação é um dos principais alicerces da formação da nossa personalidade e inteligência.

A imaginação é indispensável à vida de todos nós, sendo a infância o momento ideal para se iniciar a bela experiência de fantasiar. Assim, desde muito cedo deve-se promover o desenvolvimento desta capacidade, fornecendo às crianças instrumentos fundamentais que as incentivem a pensar, sonhar e criar. Segundo Santos (citado por

Branco, 2000, p. 239), “não há seres humanos inteligentes, sem que um mínimo de simbolismo e fantasia tenha aflorado o espírito da criança”.

## **6. A criança de três e quatro anos - O voo na fantasia e o despertar de um novo olhar**

Cada criança é única, cresce e desenvolve-se a um ritmo próprio, sendo impossível saber com exatidão em que momento da sua vida adquirirá determinadas competências. Contudo, existem parâmetros que caracterizam as diferentes fases do crescimento infantil, sendo esperado que as crianças alcancem certas capacidades em determinada idade, visto estas desenvolverem-se de modo sequencial e previsível. Assim, pensando nas crianças de três e quatro anos, no modo como vivem e se relacionam com as histórias e o universo da fantasia e imaginação, há um conjunto de características que se reconhecem como próprias destas idades.

Segundo Gesell (1998. p. 19) quase tudo o que a criança de idade pré-escolar faz é um “exemplo da atividade da sua mente”. As crianças são inocentes, espontâneas, verdadeiras, não escondem as suas emoções, deixando transparecer com naturalidade o que lhes vai na alma.

Habitualmente todas as crianças gostam de contos, havendo nestas idades um particular interesse em ouvir e contar histórias, momentos de deleite onde privilegiam estar próximo das pessoas que lhes são queridas. Como Rodari (2006, p. 162) afirma, “(...) a história para a criança é um instrumento ideal para reter consigo o adulto.”.

A “hora do conto” é um espaço privilegiado de entretenimento, harmonia, serenidade, socialização, cumplicidade e afeto, elementos indispensáveis ao desenvolvimento integral da criança, e que em muito as apraz.

Gesell (1998) refere que na fase dos três/quatro anos o poder de atenção e concentração aumenta consideravelmente, as crianças mantêm-se sossegadas e atentas por mais tempo, acontecendo ficarem encantadas a ouvir cinco a seis histórias de seguida. De acordo com Albuquerque (2000, p. 10.), ninguém jamais conseguiu explicar na sua totalidade,

(...) a paixão com que as crianças, mesmo as de três anos, acompanham a narração desses contos com uma significação tão profunda e complexa,

esforçando-se por entender conceitos, estruturas linguísticas, organização da narrativa, supostamente complicadas para a sua idade.

A autora (ibidem) relembra que aos três/quatro anos comumente pedem para escutar a mesma história repetidas vezes, mediante o seu interesse pela narrativa. Igualmente o afirma Bettelheim (1998, pp. 77-78),

Só com a repetição frequente do conto, e quando tenha tido tempo suficiente e oportunidade para se debruçar sobre ele é que a criança pode aproveitar-se plenamente do que a história tem para lhe oferecer no tocante à compreensão de si própria e do mundo.

Contudo não devemos esquecer que a reação das crianças aos contos nunca é igual. Traça (1992) e Bettelheim (1998) lembram que a importância e o sentido de cada história difere de criança para criança, segundo o seu estágio de desenvolvimento psicológico, a sua personalidade, sensibilidade, imaginação, interesses e necessidades de momento.

Nestas idades são diversos os temas que lhes despertam curiosidade, porém, Gesell (1998) declara haver uma predileção por histórias fantasiosas, de maior complexidade, que envolvam pessoas e animais reais, em especial animais antropomorfizados, acontecimentos medonhos, salvamentos miraculosos e situações cômicas. Nas histórias que estas crianças contam espontaneamente, denota-se uma predominância de ações de violência, onde as personagens reais ou imaginárias sofrem diversos males, ainda assim, estando a desenvolver o seu sentido de humor, usam frequentemente linguagem disparatada e exageros, conferindo humorismo às suas narrativas. Os animais encontram-se entre as suas personagens de eleição, sendo que além destes, enquanto as meninas narram principalmente situações da vida quotidiana e quadros sociais, onde incluem personagens como «mães», «pais» e «crianças»; os meninos tendem a falar essencialmente de si próprios, mencionando nas suas histórias outros «meninos» e adultos que não sejam o «pai» e a «mãe».

Traça (1992) e Bettelheim (1998) afirmam que a criança pensa de forma animista, ou seja, para ela não existe separação entre os objetos e os seres vivos. Na sua ideia, ambos pensam e sentem como os humanos, encontrando-se a sua representação do mundo assente nesta premissa.

Segundo Santos (citado por Branco, 2000, p. 244), “o cinema, como a literatura infantil, tendo relações muito estreitas com o sonho e com a fantasia da criança, são o

suporte do seu pensamento concreto, dos seus conhecimentos e, portanto, do seu desenvolvimento intelectual”.

Os três e quatro anos são idades marcadas pela crescente socialização e interesse nos outros, a criança procura identificar-se com os adultos de referência, com a cultura e sociedade em que se encontra inserida, esforçando-se por compreender as suas complexidades. Conforme Gesell (1998, p. 201) afirma, a criança “está numa fase «desenvolvente», em particular no que respeita às relações interpessoais e à comunicação social. É um período de aquisição e de rápida aculturação”.

De acordo com Homann e Weikart (1997, p. 597), as crianças de três e quatro anos de idade preocupam-se com os outros, sendo “(...) capazes de observar as outras crianças, compreender os seus sentimentos, imaginar aquilo que poderão estar a querer, e responder com ações de apoio”, competências que podem ser exercitadas, devido à sua capacidade para representar e fazer-de-conta.

Gesell (1998) menciona que aos três anos de idade o realismo deixa de imperar sobre a fantasia, o mundo imaginário da criança adquire novos contornos, desenvolvendo-se lentamente mas de forma substancial, de modo que aos quatro anos de idade, a imaginação da criança encontra-se na grande maioria do tempo ativa. Neste período, a criança mostra-se mais inventiva, passa grande parte do seu tempo envolvida em verdadeiras brincadeiras imaginativas, representa diversos papéis, imita animais e pessoas, dramatiza personagens dos contos, brinca com objetos e amigos imaginários, cria cenários e histórias, a partir dos quais constrói entusiasmantes brincadeiras de faz-de-conta. Comunicativa e curiosa, com um gosto particular por inventar e descobrir novas palavras, utilizá-las, experimentá-las, brincando com as mesmas em diversos contextos, a criança verbaliza intensamente e de forma altamente imaginativa, desenvolve monólogos, longas conversas com os adultos e sobretudo com as outras crianças, especialmente no decorrer das brincadeiras. O seu vocabulário enriquece diariamente, mediante a exploração da linguagem nas mais variadas situações, como é o caso das brincadeiras de faz-de-conta, o ouvir e contar histórias, que contribuem significativamente para o aumento do conhecimento, compreensão e domínio das palavras, e consequentemente do funcionamento da língua.

Conforme nos diz Albuquerque (2000, p. 113), a imaginação é imprescindível para que a criança compreenda o mundo em que vive, como tal, “o mundo da fantasia surge então como o suporte necessário, o grande organizador, o fator de compreensão do sentido, e por isso, nas histórias que narram, as crianças de 3/4 anos atribuem-lhe

uma presença fundamental”. A autora (ibidem) refere ainda que é através da linguagem que a criança tem a possibilidade de ingressar em “mundos imaginários possíveis e não-circundantes”, criando ideias que concorrem para a sua descoberta e para a compreensão do mundo real. Frank Smith (citado por Albuquerque, 2000, p. 15) designou este processo de “teoria do mundo na cabeça”, declarando tratar-se de “uma construção cognitiva, afetiva e moral do mundo que lhe irá permitir, ao mesmo tempo que constrói múltiplas variantes de contextos, optar por um ou outro em particular”.

Em suma, aos três/quatro anos de idade, a criança atravessa uma fase de grande desenvolvimento a nível cognitivo, social e afetivo, marcado por um crescente interesse pelo mundo da fantasia, onde o realismo, tão presente nas idades anteriores, deixa de imperar, dando espaço à imaginação e criatividade. Neste novo ciclo, a criança, descobrindo a possibilidade de reinventar a realidade, reportando para o plano do imaginário os seus medos, necessidades e desejos, avança na sua caminhada da vida, conhecendo-se melhor a si e aos outros, assim como ao mundo que a rodeia, por meio de recursos que vai criando para vencer as dificuldades, encontrando um verdadeiro sentido para a vida.

## **7. O Educador contador de histórias e promotor de fantasia**

Quando nasce, a criança fica exposta aos demais fatores externos que permeiam a sua vida e naturalmente orientam o modo como vai descobrindo e compreendendo o mundo à sua volta.

Suscetível a diversos estímulos, a criança cresce e desenvolve-se por meio de interações diárias, sendo as experiências vivenciadas, com as pessoas mais próximas e significativas, umas das principais responsáveis pela formação gradual da sua personalidade e identidade pessoal, na medida em que influenciam a sua forma de ser, agir, ver, pensar, aprender, viver e socializar. (Homann & Weikart, 1997)

O educador, tendo um papel fundamental e de extrema relevância no desenvolvimento integral da criança, deverá privilegiar um ambiente envolto em afeto, respeito e serenidade, rico em estímulos, e conseqüentemente promotor de um saudável crescimento e desenvolvimento, a nível pessoal, social, emocional e intelectual. Segundo Santos (citado por Branco, 2000, p.243)

O destino do homem determina-se na forma como ele é gerado, no calor dos braços que se lhe estendem, na ideologia que o envolve e na liberdade que lhe é proporcionada para imaginar, experimentar e pensar. Para ser criativo da sua própria Pessoa e Obras.

O educador é um modelo de referência para a criança, porém tem de ser genuíno e hábil, oferecer o melhor de si, para marcar a diferença e conquistar um lugar especial na sua vida. Conforme Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p. 27) referem, “a interação diária com o educador de infância é uma fonte inesgotável de estímulo para a criança. É muito importante que o educador tenha consciência que é um modelo (...)”.

Quando o educador não acredita verdadeiramente naquilo que pretende transmitir às crianças, torna-se difícil que estas aceitem, acolham e interiorizem, como seria desejado. Para as cativar, despertar o seu interesse e curiosidade em fazer novas descobertas explorando prazerosamente diferentes áreas e temáticas, o educador, de forma consciente e adequada, deve mostrar gosto, entusiasmo e maravilhamento pelos desafios que promove. Como Traça (1992, p. 164) afirma, “(...) só se consegue fazer amar aquilo que se ama”. Se não nos encantamos não seremos capazes de encantar ninguém, é importante aprender a contemplar a vida, em toda a sua plenitude, adquirindo a sabedoria necessária para melhor conduzir as crianças nesta jornada.

Nas palavras da autora (ibidem, p. 33), segundo Platão “(...) o mais importante não é a educação formal, o ensinar-lhes isto ou aquilo, mas desenvolver-lhes a imaginação, a máquina com a qual recriamos o mundo. Educaria as crianças servindo-se de histórias, contos e mitos”.

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (1997, p. 18),

Numa idade em que as crianças ainda se servem muitas vezes do imaginário para superar lacunas de compreensão do real, importa que a educação pré-escolar proporcione situações de distinção entre o real e o imaginário e forneça suportes que permitam desenvolver a imaginação criadora como procura e descoberta de soluções e exploração de diferentes “mundos”

Este é um princípio para o concretizar de uma educação plena e de qualidade, somente exequível se o educador, que acredita e segue esta premissa, investir continuamente no aperfeiçoamento da sua prática pedagógica. Para tal é imprescindível que reflita diariamente sobre as suas ações e, não se limite a ideias pré-concebidas, crie e inove, entregando-se à busca constante de respostas adequadas às necessidades de cada grupo e de cada criança, melhorando a sua atuação face às diferentes circunstâncias. As *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (1997),

objetivando uma educação que concorra para uma maior igualdade de oportunidades, salientam a importância de concretizar de uma pedagogia estruturada, que pressupõe uma organização intencional e sistemática do processo pedagógico, exigindo que o educador reflita, observe, planeie, aja e avalie todos os procedimentos, inerentes às suas ações de âmbito profissional, e suas implicações no desenvolvimento das crianças, o que lhe permitirá aperfeiçoar e adequar a sua prática às necessidades das crianças.

Albuquerque (2000, p. 13) lembra que a função primordial dos contadores de histórias sempre foi a de entreter e encantar os seus ouvintes, e subtilmente os instruir, transmitindo-lhes valores culturais e outros saberes. Assim aliavam a transmissão de conhecimentos ao “prazer da efabulação”, prática que se veio a consagrar como “um dos princípios fundamentais de uma boa pedagogia”.

De acordo com Santos (citado por Branco, 2000, p. 239), “o maravilhoso dos contos tradicionais, se tiver um bom e afetuoso narrador, tem tudo o que é preciso para estimular o sonho, a fantasia, a sabedoria e o saber da criança e do homem”.

O educador, reconhecendo as potencialidades dos contos tradicionais, deverá investir na sua formação e crescimento enquanto ‘contador de histórias’, capaz de seduzir e deslumbrar as crianças por meio de uma narração imersa em emoção e expressividade.

A arte de contar histórias é uma competência que qualquer educador pode adquirir, desenvolver e aprimorar. Havendo interesse e afeição por esta prática, o educador somente tem de se dedicar, investir e empenhar na sua realização, atendendo a aspetos imprescindíveis à execução duma dinâmica com qualidade, para conseguir oferecer ao seu auditório momentos de excelência.

Traça (1992) menciona que o educador-contador deve conhecer bem as crianças a quem se dirige, as suas idades, características comportamentais, capacidade de atenção, interesses e necessidades, fatores relevantes para a escolha da história, preparação e elaboração da sua narração. No que concerne à história que ambiciona contar, é importante que se familiarize com a mesma, a ponto de dominar as suas estruturas narrativas, o que lhe permitirá recorrer ao improviso sempre que seja necessário ou desejável. Sendo essencial que conte de forma empenhada e dramática, simples e coerente, utilizando uma linguagem clara e adequada ao seu público. A autora (ibidem) ressalta ainda ser fundamental o educador-contador revelar autodomínio, serenidade e descontração a par com uma comunicação vivaz, conquistando a confiança das crianças, e promovendo a proximidade e sintonia entre contador e ouvintes. Durante

a narração é desejável que o educador evite interrupções, designadamente fazer reparo/observações ao comportamento de alguma criança, preservando o momento de envolvimento e encantamento da história.

Às demais supramencionadas particularidades a serem consideradas pelo educador durante o contar da história, Albuquerque (2000) acrescenta ser estimulante e enriquecedor: descrever os cenários; retratar as personagens principais, enunciando as suas características físicas e psicológicas, sentimentos e pensamentos; e incluir monólogos e diálogos. Elementos que convergem para dar mais vida à narração e causar maior impacto nas crianças, permitindo-lhes a identificação afetiva com as personagens e a história.

De acordo com a autora (ibidem, p. 45) os educadores-contadores com experiência adquirida ao longo do tempo, “(...) mais seguros e subtis, vão também descobrindo a multiplicidade de interpretações que podem ser conferidas a muitos dos contos de fadas, de acordo com a deferente ênfase que é colocada numa personagem, situação ou pormenor do enredo”.

A narração de histórias gera encantamento, contudo, segundo Bettelheim (1998) e Traça (1992) a experiência apenas se tornará significativa se todos os participantes, o educador-contador e a criança-ouvinte, se envolverem ativamente no processo, partilhando mutuamente aquilo que a história lhes suscita, pois é da troca de vivências sucedidas em torno da narrativa que vive o ato de contar.

Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) defendem que os educadores deveriam incluir na sua prática educativa de rotina diária um momento especialmente destinado à narração de histórias.

Um educador promotor de fantasia tem de investir no desenvolver da sua própria capacidade imaginativa e criadora, para conseguir exprimir o melhor de si às crianças, proporcionando-lhes os meios necessários para em segurança viverem e explorarem as suas fantasias.

## Capítulo II – Opções Metodológicas: Material e Métodos

Considerando a natureza do problema a investigar, o contexto em estudo e os objetivos a alcançar com a pesquisa, o projeto de investigação que concorreu para a elaboração do presente relatório seguiu o método de abordagem relativo às Ciências Sociais e Humanas, assente no paradigma qualitativo e interpretativo.

Tendo a investigação emergido do contexto educativo de jardim-de-infância em que realizei o meu estágio, das experiências e vivências decorrentes da minha prática pedagógica no mesmo, e da observação e análise das reações e comportamentos das crianças, era espectável a escolha da metodologia em questão.

Segundo Walsh, Tobin e Graue (2010) numa investigação em educação de infância as abordagens qualitativas são “extremamente vantajosas e estimulantes”. (p. 1037).

Bolster, (1983, citado por Walsh *et al.*, 2010, p. 1040) defende que a investigação interpretativa é a metodologia que:

(...) revela maior potencial para gerar um conhecimento que seja proveitoso e interessante para os professores (...) esta abordagem tem como enfoque os significados situados que incorporam as variadas reações e perspetivas dos alunos. Em comum com a perspetiva do professor, ela contempla as causas e motivações dos vários acontecimentos em toda a sua multiplicidade; a sala de aula é vista como um sistema social complexo em que se operam influências diretas e indiretas.

Uma investigação qualitativa-interpretativa sucede no âmbito de um ambiente natural, privilegia a compreensão dos factos mediante as perspetivas dos participantes, sendo a formulação das questões de investigação, assim como, a escolha dos métodos de pesquisa, resultantes do trabalho desenvolvido no contexto em estudo (Jacob, 1988, citado por Walsh *et al.*, 2010, p. 1038), e as observações, extensivas e recorrentes, ocorridas no referido cenário natural (Spindlers, 1982, citado por Walsh *et al.*, 2010, p. 1038). Numa investigação de carácter qualitativo-interpretativo é central a relação que se estabelece entre o investigador e as pessoas em estudo ao longo do decorrer do processo. Assim torna-se fulcral a promoção de um contacto próximo entre ambas as partes. O investigador embrenhando-se no mundo do grupo-alvo da sua pesquisa, pretende conhecê-lo, dando-se também ele a conhecer com o intuito de conquistar a sua confiança, fatores imprescindíveis para o sucesso da investigação, visto os dados

recolhidos, por meio da elaboração de registos escritos e sistemáticos, estarem focalizados na observação direta dos comportamentos naturais das pessoas envolvidas (Bogdan & Biklen, 1999).

De acordo com Fine e Sandstrom (1988, citados por Walsh *et al.*, 2010, p. 1051) o principal objetivo da investigação qualitativa com crianças é conhecê-las e compreendê-las melhor através da contemplação e legitimação da sua visão do mundo, acreditando ser especial, digno e benéfico “(...) olhar o mundo através dos seus corações e das suas mentes”.

Segundo Bogdan e Biklen (1999, p. 47) “a investigação qualitativa possui cinco características” ainda que as mesmas nem sempre sejam incluídas em todos os estudos desta natureza.

Como primeira característica os autores (ibidem) referem, “(...) a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (p.47). Nos projetos de pesquisa de cariz qualitativo, a integração e participação ativa do investigador, no contexto natural em que sucedem os fenómenos que deseja estudar, é primordial e imprescindível. Especialmente devido à crença de que as pessoas quando se encontram no seu ambiente natural agem de forma mais genuína e espontânea, deixando transparecer as suas emoções. Assim, o investigador, para captar a essência das atitudes dos sujeitos ‘observados’, e não comprometer a recolha dos dados efetuada diretamente por si, tem de investir numa relação de proximidade entre ambos.

Como segunda característica salientam a propriedade “descritiva” desta investigação (p. 48). Os dados recolhidos, através de registos escritos ou fotográficos, traduzem-se numa descrição exaustiva e detalhada de tudo o que é ouvido e observado pelo investigador. Aqui todos os pormenores são valorizados, em benefício de uma leitura clara e fidedigna dos acontecimentos, e de uma melhor análise e compreensão dos mesmos.

Como terceira característica definem que os investigadores se interessam “(...) mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (p. 49). A investigação qualitativa orienta-se segundo os fenómenos observados pelo investigador a par da sua ação em campo, fundamentando-se o estudo nos dados recolhidos. O que confere primordialidade ao processo, pois é no decorrer deste que se delineiam as estruturas da investigação, segundo a perceção e entendimento dos acontecimentos assistidos.

Como quarta característica enunciam a tendência dos investigadores em analisar indutivamente os dados recolhidos. Desapropriando-se de ideias pré-concebidas, em conformidade com a sua familiarização e profundo domínio do contexto, especialmente dos sujeitos em estudo, o investigador, à luz das experiências vivenciadas neste ambiente e dos conhecimentos teóricos, analisa, reflete e interpreta os dados recolhidos.

Como quinta característica expõem a “importância vital” do “significado” (p. 50). O investigador está empenhado em descobrir o sentido que cada pessoa atribui à sua vida, ou seja, ele interpela os sujeitos da investigação com intuito de perceber “aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem” (Psathas, 1973, citado por Bogdan e Biklen, 1999, p. 50).

De acordo com Walsh, Tobin e Graue (2010), numa investigação qualitativa-interpretativa, o investigador pode recorrer à observação, à entrevista e à análise documental, como meios de recolha de dados.

Neste projeto de investigação, as técnicas/instrumentos utilizados na recolha de dados foram a observação direta e participativa e as notas de campo.

A observação direta e participativa “(...) é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos (...)” (Afonso, 2005, p. 91). Este método de observação implica uma participação ativa do investigador, que deverá intervir no contexto em estudo de acordo com os objetivos da sua pesquisa. Privilegiando o contacto direto com o meio natural e as pessoas que nele se movem, o investigador elabora descrições pormenorizadas e realistas que confluem para a melhor compreensão das situações observadas *in loco*.

As notas de campo resultam das observações efetivadas pelo investigador. Bogdan e Biklen (1999, p. 150) afirmam que “o resultado bem sucedido de um estudo de observação participante (...) baseia-se em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas”. Nestes registos escritos, o investigador relata factos concretos, descrevendo minuciosamente o que vê, ouve, experiencia, pensa e sente, refletindo posteriormente sobre as informações recolhidas. Conforme os autores (*ibidem*) referem, as notas de campo comportam dois sistemas de registo, o descritivo e o reflexivo. A parte descritiva, ao ser metódica e rigorosa, pretende traçar uma imagem realista dos acontecimentos observados. A parte reflexiva é mais subjetiva, aqui “a ênfase é na

especulação, sentimentos, problemas, ideias, palpites, impressões e preconceitos” do investigador (p. 165).

As notas de campo são redigidas mediante os critérios de seleção do investigador, que determina o que é relevante registrar para o sucesso do seu estudo.

No seguimento da recolha dos dados procede-se à análise e interpretação dos mesmos. Processo “ambíguo”, “moroso” e “reflexivo”, devido ao cariz qualitativo da informação recolhida. (Afonso, 2005, p. 118).

Nesta fase as notas de campo são organizadas em diferentes categorias, mediante o seu conteúdo. Para tal o investigador lê e relê os seus registos escritos, e em função disso vai denotando alguns padrões de semelhança e diferença, que lhe facultam uma classificação das notas de campo. Naturalmente “(...) a análise é moldada pelas perspetivas e posições do investigador e pelas ideias que este partilha acerca do assunto” (Bogdan e Biklen, 1999, p. 232), e sempre em conformidade com a problemática em investigação.

Numa investigação desta natureza raramente se consegue seguir um plano de forma linear e rigorosa, efetuando-se sempre alguns ajustes no decorrer de todo o processo. Havendo ainda algumas ações que se repetem em diferentes fases da investigação. Posto isto passo a enumerar os procedimentos/etapas da investigação que convergiram para a elaboração do presente relatório:

- Aquisição e aprofundamento de conhecimentos teóricos e práticos, do âmbito da Investigação em Educação e da Prática de Ensino Supervisionada, os quais concorreram para o desenvolvimento de competências ao nível da execução de um trabalho de qualidade nas referidas áreas. A salientar, o estágio em jardim-de-infância e subsequente projeto de investigação em educação.
- Integração no contexto de estágio a par com o conhecimento geral da instituição, da dinâmica da sala em que estagiei, das características do grupo de crianças que acompanhei, e do meio envolvente.
- Observação e interação com as crianças no contexto educativo, a par da promoção de uma relação próxima assente em afeto, respeito e confiança mútua.
- Orientação Tutorial - Sessões de grupo e individuais, em proveito de um acompanhamento direcionado à realização do projeto de investigação e redação do relatório final.
- Seleção da temática central do projeto de investigação.

- Recolha de dados por meio de observação direta e participativa, e registos escritos em formato de notas de campo, com enfoque na temática do estudo.
- Definição do problema.
- Elaboração das perguntas de partida.
- Elaboração das questões que norteiam a investigação.
- Definição dos objetivos a alcançar com o projeto de investigação.
- Pesquisa, conhecimento e seleção de literatura teórica referente ao tema em estudo.
- Análise e interpretação dos dados recolhidos.
- Redação do relatório final em conformidade com o guião previamente estabelecido.
- Revisão e entrega do relatório final.

### Cronograma – Processo de Investigação

Etapas Tempo		Aulas teórico-práticas	Estágio em J.I. (1ª fase)	Estágio em J.I. (2ª fase)	Orientação Tutorial	Projeto de Investigação/ Elaboração do Relatório Final
2012	Outubro	Investigação em Educação/ PES				
	Novembro					
	Dezembro					
2013	Janeiro	Explicitação dos objetivos da PES referentes ao guião do relatório final.	Integração no contexto de estágio. Conhecimento geral da instituição e meio envolvente. Observação e interação com as crianças. Recolha de Notas de Campo.			Observação direta e participativa no contexto do estudo. Redação de notas de campo e sínteses reflexivas. Definição do problema a investigar (1ª abordagem).
	Fevereiro					

OS CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL E O DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO NA CRIANÇA

	Abril			Observação e interação com as crianças. Recolha de Notas de Campo.	Sessões de acompanhamento personalizado e em grupo, do projeto de investigação e elaboração do relatório final.	Definição final do problema. Elaboração das perguntas de partida. Elaboração das questões que norteiam a investigação. Definição dos objetivos a alcançar com a investigação. Redação de notas de campo e sínteses reflexivas. Pesquisa e conhecimento de literatura teórica referente ao tema em estudo.
	Maio					
	Julho					
	Agosto					Seleção de literatura teórica referente ao tema em estudo. Reflexão e análise dos dados recolhidos em formato de notas de campo.
	Setembro				Sessões de acompanhamento personalizado e em grupo, do projeto de investigação e elaboração do relatório final.	Organização de toda a informação recolhida: empírica e teórica. Redação do relatório final em conformidade com o guião previamente estabelecido.
	Outubro					
	Novembro					
	Dezembro					
2014	Janeiro				Sessões de acompanhamento personalizado do projeto de investigação e elaboração do relatório final.	
	Fevereiro					
	Março					
	Abril					
	Maio					
	Junho					
	Julho					
	Agosto					
	Setembro					
2015	Fevereiro				Sessões de acompanhamento personalizado do projeto de investigação e elaboração do relatório final.	
	Março					
	Abril					
	Maio					
	Junho					
	Julho					
	Agosto					
	Setembro					
	Outubro					
	Novembro				Revisão e entrega do relatório final.	

### **Capítulo III – Apresentação dos dados recolhidos**

#### **1. Análise e interpretação dos dados recolhidos nas notas de campo**

A análise dos dados efetua-se mediante os instrumentos de recolha utilizados na investigação. No presente estudo os dados foram recolhidos por meio de observação direta e participativa que resultou na redação de notas de campo, material empírico posteriormente examinado criteriosamente quanto ao seu conteúdo, de forma a proceder-se à sua organização em diferentes categorias.

Segundo Afonso (2005, p. 121), “o desenvolvimento de categorias de significação resulta da interação entre os eixos de análise que presidiram à conceção e operacionalização do dispositivo de recolha de dados, e as regularidades padrões e tópicos que emergem da leitura analítica dos textos”.

Sendo esta uma investigação qualitativa-interpretativa, a análise e interpretação dos dados esteve patente nas diversas fases do estudo; como tal, a par da recolha de dados, foram-se efetuando algumas reflexões e inferências respetivamente às situações observadas e em conformidade com a problemática central da investigação.

De acordo com Bogdan e Biklen (1999, p. 50), em pesquisas desta natureza os investigadores “não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando”.

Efetivamente, é o campo que fornece o conteúdo da investigação. As hipóteses que tenham sido construídas previamente cumprem a função de preparar o olhar do investigador, tratando de direcionar a sua perceção para determinadas questões. O foco que estas proporcionam, que deverá afunilar à medida que a investigação avança, poderá também desviar-se, caso o contexto o exija. Se o campo é necessariamente rico, a função do investigador será a de saber retirar dele o que este verdadeiramente tem para oferecer, independentemente desses dados se harmonizarem na perfeição com os seus pressupostos iniciais ou de exigirem, pelo contrário, que estes se reorganizem. Apenas o acesso ao conteúdo fornecido pelos sujeitos em estudo possibilita a orientação do rumo da investigação.

Assim, após leitura e releitura dos registos escritos (notas de campo), atendendo aos objetivos do presente trabalho de investigação, os quais se encontram diretamente ligados às questões que nortearam o estudo, os dados recolhidos foram organizados e categorizados do seguinte modo:

- Categoria A: Contos tradicionais contados pelo adulto às crianças  
Notas de Campo: 1<sup>a</sup>; 2<sup>a</sup>; 8<sup>a</sup>; 11<sup>a</sup>
  
- Categoria B: A presença dos contos tradicionais nas brincadeiras imaginativas das crianças  
Notas de Campo: 4<sup>a</sup>; 7<sup>a</sup>; 12<sup>a</sup>; 14<sup>a</sup>; 15<sup>a</sup>
  
- Categoria C: Contos tradicionais e fantasia na gestão da rotina diária das crianças  
Notas de Campo: 3<sup>a</sup>; 5<sup>a</sup>; 6<sup>a</sup>; 9<sup>a</sup>; 10<sup>a</sup>; 13<sup>a</sup>

A análise criteriosa do conteúdo das suprarreferidas categorias pretende dar resposta aos objetivos definidos para este estudo. São estes: observar a receptividade das crianças, de três e quatro anos, aos contos de tradição oral; perceber a relação que estas estabelecem entre os contos e o seu universo imaginário; refletir acerca do papel do educador-contador enquanto promotor desta relação, no que concerne à construção do universo imaginário das crianças e à gestão do cumprimento das rotinas diárias em contexto educativo de pré-escolar.

Tendo os dados sido recolhidos em contexto educativo, nas situações relatadas encontra-se presente a influência, direta ou indireta, do adulto/educador que acompanha o grupo de crianças em estudo, em especial o educador titular.

É importante ter consciência da multiplicidade de fatores que, antecedendo a intervenção do investigador, confluíram para o desenvolvimento das crianças; os quais condicionaram, inevitavelmente, as experiências deste grupo em relação à problemática em análise. Fatores como, a organização espaço-temporal do contexto pedagógico em que se encontram, a socialização entre pares e com os adultos de referência, e as experiências que já haviam tido com contos de tradição oral.

Análise concreta dos dados recolhidos:

Categoria A: Contos tradicionais contados pelo adulto às crianças

A categoria A encerra em si relatos de situações em que o adulto/educador contou histórias ao grupo de crianças, em momentos destinados à ‘hora do conto’, com a particularidade de não utilizar qualquer suporte escrito (havendo porém um episódio em que recorreu à manipulação de fantoches).

Nesta categoria refletir-se-á acerca das reações verbais e não-verbais das crianças, quando percebem que vão ouvir uma história, durante o decorrer da mesma e logo após o seu culminar. Quanto à atuação do adulto/educador, a análise incidirá sobre o modo como este conta as histórias, nomeadamente o valor que atribui ao momento do conto, a sua atitude, o seu envolvimento, a sua expressividade (verbal e não-verbal) e a cumplicidade que estabelece com o público.

Relembrando que todas as histórias foram contadas e não lidas, é importante considerar a relevância desta escolha na subsequente repercussão ao nível do desenvolvimento do imaginário das crianças. Nas palavras de Santos (2002, pp. 119-120),

Consideramos o conto de fadas como uma forma superior de psicopedagogia aplicada a toda e qualquer criança, no sentido do seu desenvolvimento integral e integrado, não só devido ao seu tipo literário mas também ao encantamento que ele determina em quem o ouve, quando bem contado, muito melhor do que lido, tendo em conta a criatividade e vitalidade que é possível emprestar à contagem ou recontagem de uma história, em detrimento da sua simples leitura (...)

De acordo com Gesell (1998) e Albuquerque (2000), é característico das crianças de três e quatro anos o gosto e interesse por ouvir histórias. Apesar de não haver quem consiga explicar totalmente o encanto que os contos geram nas crianças, existem algumas características destas idades que ajudam à compreensão deste facto. Como explica Gesell (1998), aos três/quatro anos a capacidade de atenção e concentração das crianças aumenta consideravelmente, acontecendo ficarem sossegadas e em silêncio por maiores períodos de tempo a ouvir uma ou mais histórias, nesta fase “(...) o mundo da fantasia vai-se-lhes tornando também cada vez mais sedutor” (p. 320), o seu mundo imaginário encontra-se em constante desenvolvimento, sendo que o realismo deixa de imperar sobre a fantasia. Quanto ao ‘momento do conto’ Albuquerque (2000, p. 97) refere que “as crianças mais pequenas, de 3/4 anos, escutam atentamente:

olhos pregados no Educador, bebem com concentração cada palavra, e seguem as ondulações da história, não só com um olhar interessado, mas também conivente (...).

Estes foram aspetos possíveis de verificar através da observação das reações das crianças perante o contar de uma história. Em algumas das situações relatadas nas notas de campo verificou-se como as crianças ficavam sossegadas e em silêncio antes e durante a ‘hora do conto’, havendo ainda demonstrações do prazer e interesse em ouvir as histórias, como se pode constatar nos seguintes excertos:

Eu sentei-me no chão, voltada de frente para as crianças.  
A Guadalupe (4 anos) olhou para mim, levantou as sobrancelhas, encolheu os ombros e disse: “Ana esqueceste-te do livro!”  
Eu retorqui: “Hoje vou contar-vos uma história sem livro.”  
Algumas crianças riram, outras ficaram imóveis a olhar para mim.  
O Ivan (4 anos) disse: “Sem livro? Haha!”  
Em seguida falou a Aurora (4 anos): “Assim como é que vais saber a história?”  
Eu olhei para as crianças, sorri e depois disse: “As histórias não moram todas nos livros. Para contar uma história não é preciso um livro. A história que vos vou contar, eu guardo dentro de mim. Mas têm de fazer silêncio para eu começar.”  
As crianças sossegaram, ficando em silêncio a olhar para mim.  
Eu comecei a contar o conto *O Coelho Branco*.  
De repente o Lucas (3 anos) diz: “Eu conheço essa história! Eu quero, eu quero ouvir! Shhh...” (...)  
Enquanto eu contava a história com expressividade e emoção, as crianças permaneciam sossegadas nos seus lugares, olhando na minha direção. (...)  
Após ter terminado a história (...) O Lucas disse: “Eu já sabia esta história. A ‘Formiga’ e o ‘Coelhinho’ mataram a ‘Cabra Cabrês’! Podes contar outra vez? Eu gosto muito!” (...)  
A Lara (4 anos) disse: “Só mais uma! Uma pequenina!”

Nota de campo nº 1, 7 de janeiro de 2013

Com a minha mão fechada, eu bati três vezes na madeira, tentando ‘prender’ a atenção das crianças, para que me ouvissem, sossegassem e fizessem silêncio, preparando-se para ouvir a história.  
Depois disse: “Atenção, atenção! Sentem-se nos vossos lugares. Shhh... Silêncio, a história vai começar...”  
As crianças riram e logo em seguida pararam de falar, ficando em total silêncio.  
Eu voltei a bater três vezes na madeira e comecei a contar o conto *A Carochinha*. (...) Ao longo da história, houve momentos em que as crianças permaneceram em silêncio, outros em que se riram e alguns em que falaram baixinho. (...)  
Eu terminei o conto e as crianças riram e aplaudiram.

Nota de campo nº 2, 15 de janeiro de 2013

Ao longo da história, todas as crianças se mantiveram sossegadas, tendo rido em alguns momentos (...)

Nota de campo nº 8, 12 de abril de 2013

Eu sentei-me no chão, voltada de frente para as crianças, olhei para elas, estiquei o meu braço e contei; “Um, dois, três”, ao mesmo tempo que ia levantando um dedo de cada vez.

As crianças sossegaram nos seus lugares e ficaram em silêncio.

Acompanhando com gestos eu comecei a cantar: “Olha o céu lá no fundo do chapéu...”

As crianças também fizeram os gestos e cantaram comigo.

Assim que terminámos de cantar eu comecei a contar o conto *A Velha e os Lobos*, também conhecido como *Corre, Corre, Cabacinha*.

As crianças olhavam na minha direção, mantinham-se sentadas, imóveis e em silêncio.

Nota de campo nº 11, 19 de abril de 2013

De facto, nestes relatos encontram-se indícios de que as crianças de três e quatro anos têm um gosto natural por histórias, ainda assim, é difícil durante a narração de um conto dissociar a receptividade das crianças-ouvintes da atuação do educador-contador, uma vez que ambas se influenciam mutuamente, como afirma Bettelheim (1998, p. 192) “para que contar uma história à criança seja o mais eficaz possível, tem de ser uma coisa interpessoal, modelada pelos que tomam parte nisso”. O valor que o educador-contador atribui à prática de contar histórias, especialmente na ‘hora do conto’, o seu envolvimento, a sua expressividade e a cumplicidade que estabelece com o público, são fatores que influenciam, ainda que parcialmente, a receptividade das crianças-ouvintes, ao mesmo tempo que as reações destas, antes e durante o ‘momento do conto’, interferem na atuação do educador-contador, que vai adaptando a sua *performance* para dar resposta às expectativas e anseios do seu auditório. Esta constatação, estando subtilmente presente em alguns dos excertos acima transcritos, encontra-se bem ilustrada na situação descrita na nota de campo nº 2, mais especificamente na fase final do teatro de fantoches da história ‘A Carochinha’. Neste contexto, não havendo um contacto visual direto entre o narrador e o público, a voz foi crucial para o sucesso do momento. A expressividade vocal impressa no decorrer da narração, as vozes criadas para cada uma das personagens e os divertidos diálogos estabelecidos entre estas, permitiram a aproximação entre o educador-contador e as crianças-ouvintes. A par disso, os risos, os sussurros e até mesmo os silêncios das crianças, possibilitaram ao

educador perceber o gosto e interesse que sentiam pela história. Desta entrega e envolvimento mútuo surgiu naturalmente o seguinte diálogo:

Quando eu comecei a contar a passagem da história em que o João Ratão volta a casa sozinho e diz: “Cheira tão bem! E se eu fosse espreitar o que há no caldeirão? Talvez pudesse provar um pouquinho...”; as crianças começaram a gritar: “Não, não podes! Não podes, não vás!”.

Através do fantoche do João Ratão eu fui falando com as crianças: “Ai, mas eu tenho tanta fome...e cheira tão bem. Eu não vou resistir. Vou só provar um bocadinho”.

As crianças continuaram a gritar e de repente eu ouvi a Beatriz (3 anos) a dizer alto: “Não, não. Não podes. Ai, ai vais cair... Não! Não!”

Eu deixei cair o ‘João Ratão’ (fantoche) numa panela.

Algumas crianças riram, outras gritaram: “Oh, não!”.

A Beatriz continuou “não, não.”

Entretanto, eu ia continuando a história, e quando mostrei a ‘Carochinha’ (fantoche), as crianças começaram a dizer alto “O João Ratão está no caldeirão, ele está no caldeirão”.

(...) Eu ainda ouvi a Beatriz dizer: “Não. Eu não gosto.”.

Nota de campo nº 2, 15 de janeiro 2013

Sem descurar a estrutura da narrativa e como tal não abdicando do seu predestinado final, o educador-contador, aceitando e integrando as espontâneas intervenções das crianças, permitiu que o contar da história se tornasse um processo interativo no qual os ouvintes tiveram a oportunidade de participar ativamente no desenrolar do conto. Segundo Bettelheim (1998, p. 199),

O sentido de participação ativa, ao contar a história, constitui um factor vital, que grandemente enriquece a experiência que a criança retira dela. Implica uma afirmação da sua personalidade através de determinada experiência, compartilhada com outro ser humano, o qual, embora adulto, pode apreciar plenamente os sentimentos e as reações das crianças.

Embora as reações tenham sido diversas, o importante foi permitir que cada criança se manifestasse livremente, envolvendo-se na magia do momento. Como refere Traça (1992, p. 123) relativamente ao conto “ cada criança reage à sua maneira, segundo a sua personalidade, temperamento, imaginação, sensibilidade e ‘sem dúvida igualmente segundo os dados escondidos do seu inconsciente’”, mas para que o acolha com veemência, rendendo-se com deleite à ‘sessão de conto’, é imperativo que esta seja dirigida por um afetuoso narrador, capaz de se embrenhar no universo imaginário das histórias de tradição oral, demonstrando prazer e encanto pela transmissão destas narrativas.

Como explanado num dos capítulos deste estudo, os contos de tradição oral são de uma imensurável riqueza, não só pelo seu valor histórico e cultural, como pelas suas inúmeras potencialidades pedagógicas. Santos (2002, p. 118) declara que estes contos “(...) exercem a sua benéfica influência, propondo à imaginação infantil terreno fértil e desenfreadas cavalgadas de fantasia e maravilha, sem a absurda necessidade de reprimir o inconsciente que, pelo contrário, vai gradualmente fluindo à consciência (...)”, contudo, conforme acima constatado, para o processo de interiorização da fantasia e ativação da capacidade imaginativa da criança, concorrem um conjunto de fatores que vão além da simples audição, narração ou leitura da história. No relato que se segue, é evidente como a atuação do educador-contador exerce uma relevante influência no modo como as crianças reagem emotivamente durante a ‘hora do conto’:

Eu sentei-me de joelhos em frente das crianças; estava descalça e tinha um alforge ao ombro.

(...) A Teresa (3 anos) olhou para mim e perguntou-me: “Ana, porque estás descalça? Porque não calças os teus sapatos?”

Algumas crianças riram.

Eu disse-lhe: “Shhhh...vamos descobrir.” Em seguida comecei a cantar: “No alforge do burrinho (...) ninguém sabe o que ele tem”.

Assim que terminei aproximei-me do Lucas (3 anos) e abri um dos bolsos do alforge. O Lucas olhou para mim e riu, ao mesmo tempo que colocou as mãos em frente da sua boca.

Falando baixinho, quase em segredo, eu disse-lhe: “Mostra o que está lá dentro.”

O Lucas colocou a mão dentro do alforge e tirou duas meias, que me deu para a mão. Algumas crianças riram, outras ficaram de olhos arregalados e com a boca semiaberta. Eu segurei nas meias e calcei-as, ao mesmo tempo que comecei a contar o conto *O Velho, o Rapaz e o Burro*.

De repente quando olhei na direção do José (4 anos), do António (4 anos) e do Ivan (4 anos) escutei o que falavam entre eles:

José – “Onde é que está a história? Como é que a Ana sabe contar a história?”

Ivan – “Não sei.”

António – “A história está lá dentro.”

Ao mesmo tempo que falou, o António apontou na minha direção.

Eu não parei de contar a história.

O António, o José e o Ivan pararam de falar.

Nota de campo nº 8, 12 de abril de 2013

Nesta sessão de conto, o educador, além de ter elegido contar a história sem recorrer à simples e comum leitura do livro, realizou uma dinâmica de introdução à narração, que se revelou surpreendente e inovadora para estas crianças. Ao investir em práticas como, sentar-se no chão junto das crianças, cantar uma rima adequada à narrativa e à ocasião, usar um alforge e meias de lã como ‘objetos mágicos’ de ligação ao conto, o educador criou um ambiente intimista e sereno, envolto em encanto e

mistério, o qual conseguiu preservar independentemente das interpelações do seu auditório. Perante as dúvidas da Teresa, astutamente contornou a situação, evitando grandes explicações e prosseguindo com a sessão de conto como havia estruturado, o que o ajudou a sustentar a atenção e interesse das crianças, que ficaram expectantes em descobrir por si, respostas para os acontecimentos que presenciavam. O desfecho inesperado, como se pôde verificar foi fascinante para as crianças, que se mostraram surpresas, extasiadas e divertidas ao ver o par de meias surgir do interior do alforje e ser calçado pelo educador-contador. O modo como os diversos elementos (rima, alforje, meias, história, etc.) foram interligados, conferiu maior encanto ao momento e simultaneamente estimulou a imaginação das crianças, fazendo-as sonhar, envoltas no universo mágico e fantástico que se instalara. Outro aspeto importante foi a ininterrupção da narração, nomeadamente no instante em que o José, o Ivan e o António começaram a segredar, exteriorizando os seus pensamentos perante o que observavam. Apesar de esta não ter sido a primeira vez que as crianças escutaram o educador contar uma história sem se servir de qualquer suporte escrito; o José revelou-se ligeiramente confuso com o desenrolar dos acontecimentos, questionando os amigos como era possível o educador saber contar aquela história sem ter um livro. Curiosamente, o Ivan não lhe soube dar qualquer resposta; já o António, afirmou que a história estava dentro do alforje, convicto de que era esse o auxiliar mágico do educador. Ao não interferir na conversa dos três meninos, agindo naturalmente como se nem os tivesse ouvido falar, o educador respeitou “(...) as suas atitudes reflexivas de interiorização e fantasia”, como João dos Santos (citado por Branco, 2000, p. 211) defende que um “educador consciente” deve fazer. Deste modo, deixou o José e o Ivan aceitarem a explicação do António enquanto verdade, prosseguindo com a narração ignorando o burburinho de fundo que produziam, compreendendo que reações espontâneas como estas, não são representativas da dispersão, desinteresse ou falta de atenção e concentração das crianças, mas sim reveladoras do seu envolvimento e curiosidade, perante a dinâmica envolvente da sessão de conto e da história narrada.

Na situação descrita na nota de campo nº 11 (Narração do conto ‘A Velha e os Lobos’), também se observam aspetos interessantes relativamente à importância da atuação do educador-contador, no que concerne à envolvência das crianças no universo imaginário das histórias e subsequente interiorização da fantasia. No conto narrado, os lobos são retratados como seres famintos e ferozes, o que deixou algumas crianças assustadas. No desenrolar da história, foram raros os momentos em que as suas

expressões faciais se alteraram, havendo porém instantes em que sorriram e riram. Para tal contribuiu a rima “não vi velha nem velhinha (...) corre, corre, cabacinha (...)”, que se repete ao longo da narrativa, conferindo-lhe um certo pendor cômico, devido às palavras pronunciadas com ritmo e musicalidade, que fizeram as crianças descontraírem-se, repetindo com o narrador. Considere-se a seguinte passagem:

Quando terminei de contar o conto as crianças começaram a mexer-se nos seus lugares e, de repente o António (4 anos) disse:  
“Ana o que é que aconteceu aos lobos?”  
Eu respondi: “Ninguém sabe! Nunca mais ninguém os viu!”  
Subitamente a Beatriz (3 anos) levantou-se e começou a falar: “Os lobos. Onde estão os lobos? Eu não quero os lobos. Eles não vêm, pois não? Ana, eles não vêm?”  
Eu olhei para a Beatriz e tentando acalmá-la disse-lhe: “Não Beatriz. Os lobos estão muito longe, na floresta. Eles não vêm aí.”  
A Beatriz voltou a falar: “Eu não quero que os lobos venham.”  
O Pedro (3 anos) e o Gustavo (3 anos) riram-se.  
Falando serenamente eu continuei a tentar tranquilizar a Beatriz dizendo-lhe: “Os lobos não vêm Beatriz, não tenhas medo, a Ana está aqui! Em seguida levantei-me, fui até junto da Beatriz, sentei-me no chão ao seu lado e coloquei-a no meu colo.  
Enquanto isso algumas crianças foram-se levantando do tapete.  
A Lara (4 anos) veio sentar-se ao meu lado, olhou para a Beatriz e disse: “Aqui não há lobos. Eles estão longe. Lá na floresta. Na história. Não é Ana?”  
Eu respondi: “É. Aqui não há lobos. Eles moram longe, nas florestas, nos bosques.”

Nota de campo nº 11, 19 de abril de 2013

A versão contada foi coligida por Adolfo Coelho e, como tal, no final da história a velha é comida pelos lobos, o que desencadeou inquietação em algumas crianças. O António, perplexo com este desfecho, questionou o educador acerca do que acontecera aos lobos, provavelmente curioso por saber qual seria o seu paradeiro; a Beatriz revelou-se atemorizada, pensando na possibilidade de os lobos aparecerem por ali, ideia certamente fortalecida após o educador, em resposta ao António, ter afirmado que nunca mais ninguém havia visto os lobos da história. A reação das crianças revela como se envolveram intensamente na narração da história, transpondo as barreiras do ‘mundo real’, para imergir plenamente no universo fantástico do conto e explorar a sua capacidade imaginativa. A expressividade e emoção que o educador conferiu ao seu desempenho enquanto contador, assim como o facto de ter mantido o final trágico da história, sem desmistificar os acontecimentos relatados e concedendo um cariz real à narrativa, contribuiu para o desencadear das referidas reações nas crianças. Embora tenha sentido necessidade de tranquilizar a Beatriz, o educador não o fez à custa do

desvelar da magia intrínseca nos contos de tradição oral, até porque os mesmos muito nos instruem acerca da realidade em que vivemos. Ainda que as suas mensagens cheguem até nós numa linguagem fantástica e metafórica, como refere Bettelheim (1998, p.15), se às crianças apenas falarmos das coisas boas da vida, estaremos a privá-las de conhecer a realidade do nosso mundo, impossibilitando que cresçam e se desenvolvam plenamente.

Mediante as reflexões analíticas efetuadas acerca das supramencionadas ocorrências, torna-se clarividente a existência de uma inter-relação entre a atuação e desempenho do educador-contador e as reações das crianças-ouvintes, uma vez que ambas as partes naturalmente se influenciam e condicionam.

O sucesso da ‘hora do conto’ advém maioritariamente da solenidade conferida ao momento, nomeadamente, da ênfase com que o contador narra a história, com sinceridade, emoção e deleite, entregando-se plenamente à realização desta prática. Para sustentar a atenção e interesse dos ouvintes, é primordial que o contador acompanhe o seu público na viagem pelo universo mágico e único de cada conto, estando à sua responsabilidade a habilidade de esbater as fronteiras entre a realidade e fantasia, fomentando o desenvolvimento da criatividade e imaginação, individual e coletiva, no decorrer desta dinâmica interpessoal.

Ainda que se conheça o gosto e interesse natural das crianças em escutar histórias, facto observável nos relatos acima analisados, é importante ter consciência que tais sentimentos somente perduram e crescem quando são devidamente nutridos. A ‘hora do conto’ deve ser um espaço de cumplicidade e encantamento, onde todos os presentes se envolvam e participem, havendo necessariamente um investimento especial do educador-contador.

#### Categoria B: A presença dos contos tradicionais nas brincadeiras imaginativas das crianças

Na categoria B encontram-se reunidos os registos referentes a brincadeiras imaginativas de faz-de-conta concebidas pelas crianças, e nas quais se deteta a presença de elementos existentes nos contos de tradição oral que outrora lhes foram contados. Nesta categoria, a análise incidirá sobre a relação que as crianças estabelecem entre os contos de tradição oral que conhecem e o seu universo do imaginário/fantasia, no que concerne à construção de brincadeiras criativas de faz-de-conta. A par disso, refletir-se-

á acerca da atitude do adulto/educador ao presenciar o desenrolar das referidas brincadeiras, especialmente quando é convidado a participar ativamente no processo.

Recordando algumas características das crianças de três e quatro anos, segundo Gessel (1998) nestas idades verifica-se uma particular progressão ao nível do desenvolvimento da imaginação e criatividade. O autor (idem) evidencia como próprio desta faixa etária, o crescente interesse e gosto das crianças pelo mundo da fantasia e imaginação, passando este a ocupar o lugar de primazia que nas idades precedentes pertencia ao realismo. Nesta fase a imaginação da criança encontra-se extremamente ativa e cada vez mais presente nas suas ações diárias, podendo observar-se uma predileção e particular investimento nas brincadeiras teatrais, onde a criança explora genuinamente as suas capacidades inventivas. (ibidem)

Conforme ressaltado diversas vezes ao longo deste trabalho investigativo, os contos de tradição oral são dotados de inúmeras potencialidades, considerados verdadeiras preciosidades para um rico e exponencial desenvolvimento da fantasia. Traça (1992, p.166) salienta que “os contos, enquanto fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, desbloqueiam e fertilizam o imaginário pessoal do ouvinte/leitor, contribuem para a formação de crianças (que serão adultos) mais criativas e livres”.

O encanto que estas narrativas evocam são um deleite para as crianças, que desde tenra idade, espontaneamente as solicitam junto dos adultos, revelando-se ávidas por histórias. A oportunidade de fruir do imaginário dos contos, surge como um prazer intrínseco, indispensável à vida humana. Como defende Bettelheim (1998, p.156) “(...) sem fantasias para nos darem esperança, não temos força para enfrentar as adversidades da vida. A infância é a altura em que estas fantasias precisam ser nutridas”.

Perante a narração oral de um conto, torna-se imperativo aceder ao poder imagético pessoal para conceber o que não se mostra tangível no momento, “(...) o que o texto diz não está lá e é preciso imaginá-lo” (Traça, 1992, p.77). No decorrer destas experiências a criança vai desenvolvendo a sua capacidade imaginativa e enriquecendo o seu universo fantástico, com os demais elementos que passam a povoar a sua mente, conforme refere a autora (idem) “(...) as personagens do conto continuam a viver na imaginação das crianças (...)” (p. 139). Naturalmente nasce uma inter-relação entre o pensamento imagético e o mundo real, surgem as teatralizações de cariz diverso, esbatem-se as fronteiras entre o real e o imaginário, assim defende Bettelheim afirmando que, ao representar uma história, um conto, a criança confere-lhe maior veracidade, o enredo fantástico torna-se real (1998, p.77).

Na análise das notas de campo relativas a situações ocorridas em contexto de brincadeira livre, facilmente se identificam, nas criações fantásticas das crianças, alguns dos aspetos supramencionados. Observando atentamente os exemplos que se seguem, é inegável a presença de elementos provenientes de alguns contos/histórias, nomeadamente ao nível da criação e recriação de personagens:

(...) a Guadalupe começou a andar e disse: “Estão prontas? Vamos para o nosso castelo.”

A Margarida, a Filipa e a Lara seguiram-na e de repente sentaram-se todas num dos tapetes da sala.

As meninas continuaram a falar entre si:

Filipa - “Vamos dormir, já está muito tarde.”

Lara - “Sim as nossas camas de princesa já estão prontas.”

Margarida - “Esperem, vou tapar-vos para dormirem melhor.”

(...) a Guadalupe levantou-se e disse: “Que belo dia! Vou passear nos jardins do castelo. Querem vir comigo princesas?”

As outras meninas levantaram-se e as quatro andaram a passear pela sala.

Eu fui ouvindo algumas partes das suas conversas:

Margarida - “Estás muito bonita princesa Lara”

Lara - “Obrigada. Tu também princesa Margarida.”

Guadalupe - “Olhem as flores, cheiram tão bem. O nosso jardim está muito bonito.”

Lara - “Pois está.”

Filipa - “Podíamos fazer um piquenique.”

Guadalupe - “Boa. Vamos.”

Nota de Campo nº 4, 29 de janeiro de 2013

Este evento teve início na exploração da área das ‘trapalhadas’, espaço equipado com adereços pensados para atividade de faz-de-conta, como tal, as quatro meninas haviam-se vestido e adornado de acordo com os seus gostos, desejos e interesses de momento. Os diálogos foram surgindo espontaneamente a par da ação que se desencadeava em conformidade com as intervenções de cada uma das crianças envolvidas. De acordo com Homann e Weikart (1997, p. 494), “a brincadeira de faz-de-conta tende a ser fluída e flexível e as crianças envolvem-se frequentemente em diálogos complexos, inventando o guião à medida que vão representando”, dinâmica patente na situação relatada.

No trecho acima transcrito, atendendo ao facto das quatro meninas se intitularem de princesas, desenvolverem diálogos ternurentos, passearem alegremente pela sala, fazendo menção a um castelo, a camas da realeza, a jardins floridos e a um piquenique, desfrutando em pleno do universo imaginário que iam criando, torna-se evidente que a temática que impera está ligada aos contos de fadas. Ainda que possam haver dúvidas quanto à fonte de inspiração destas crianças, pois o ‘mundo das princesas’ atualmente

irrompe na nossa vida sob as mais variadas formas, é importante compreender que são os contos de fadas os grandes influentes deste universo. Além disso, convém referir que no dia anterior à concretização da brincadeira, as crianças haviam assistido à narração de histórias que continham elementos idênticos aos supracitados, fator que enuncia uma forte probabilidade de se encontrar nestas narrativas a principal motivação para a realização da brincadeira relatada. Conforme Albuquerque (2000, p. 110) enuncia,

(...) ao familiarizar-se com os contos de fadas, a criança aprende a mencionar castelos, princesas, montes e perseguições, perdas e reencontros, com um à-vontade, como se conhecesse na pele todas essas realidades (...)

Perante tais evidências torna-se inegável aceitar que estamos na presença de uma brincadeira envolta na fantasia própria dos contos.

Nos próximos excertos transcritos, provenientes dos relatos de situações teatrais ocorridas em contexto de brincadeira livre, a figura mítica do lobo tem um lugar de destaque:

A Beatriz (3 anos), a Teresa (3 anos) e o Pedro (3 anos) corriam e gritavam, “Ahhhh! O lobo! Ahhhh!”; atrás deles corria o Gustavo (3 anos).  
(...) a Beatriz dirigiu-se a mim e disse: “Ana, olha o lobo! O lobo quer morder os Porquinhos!”  
Eu perguntei-lhe: “Onde está o Lobo?”. A Beatriz olhou para o lado, apontou na direção do Gustavo e disse “Ali! É o Gustavo, o lobo é o Gustavo.”  
O Pedro a Teresa e a Beatriz subiram para o interior de uma estrutura de plástico.  
Quando estavam lá em cima, os três gritaram: “Ahhh, o lobo! O lobo vem aí!” (...)  
Cá em baixo, o Gustavo olhava para cima e gritava: “Grrr...Grrr!”. (...)  
A Teresa e o Pedro disseram: “Vai-te embora lobo!” A Beatriz gritou: “O Lobo vai morder o rabo dos Porquinhos. Ahhh, ele quer comer os Porquinhos.”  
Quando o Gustavo chegou junto do Pedro, da Teresa e da Beatriz, levantou os braços e gritou: “Grrr...Grrr!”.

Nota de Campo nº 14, 8 de Maio de 2013

Na descrição deste episódio deparamo-nos com informações adjacentes ao enredo do conto “ Os três Porquinhos”. Nesta brincadeira as crianças dão vida às personagens principais desta história tradicional, familiarizadas com a narrativa em virtude das inúmeras vezes que esta lhes foi contada. Na distribuição de papéis encontram-se três crianças a representar os ‘porquinhos’ e uma a representar o ‘lobo mau’, sendo entregue ao adulto/educador o lugar de observador atento, disponível e protetor quando a Beatriz o procura para partilhar o teor da brincadeira, como se deste

modo garantisse a sua segurança. Naquele momento o adulto/educador era o seu ‘porto seguro’, o elo de ligação com o ‘mundo real’, que lhe permitia brincar livremente e sem receios.

De acordo com Rodari (2006, p. 165), para a criança,

O conto (...) tem a mesma seriedade e verdade do jogo: é-lhe útil para se empenhar, para se conhecer, para se medir. Por exemplo, para medir forças com o medo. Tudo o que se diz sobre as consequências negativas que poderiam ter na criança os «horrores» dos contos – criaturas monstruosas (...) nada disso me parece convincente. Depende das condições em que a criança encontra por assim dizer o lobo. (...) Pode «brincar a ter medo» (um jogo que tem o seu significado na construção dos mecanismos de defesa), seguro de que para afugentar o lobo basta a força do pai, basta o chinelo da mãe.

No decorrer da ação, como sugere o relato transcrito e se encontra explanado pormenorizadamente na nota de campo nº 14, as crianças, envoltas numa fusão de sensações como o medo, a excitação e a alegria, passaram por instantes alternados de maior e menor agitação, explorando criativamente o temível e irresistível adorado lobo, personagem pela qual se encantam, por maior que seja o medo que dele têm.

O lobo, animal possível de encontrar em variadas zonas do mundo, ainda que seja conhecido universalmente por inúmeras das suas características, habitualmente surge na vida das crianças por meio de audição dos contos de tradição oral que o contemplam. Estabelecido este contacto, as crianças constroem as primeiras imagens mentais deste ser, enriquecendo o seu universo imaginário.

Seguindo esta análise, ainda que possam sempre existir fatores que causem dúvidas e incertezas, tudo indica que a brincadeira acima referida foi inspirada no conto “Os Três Porquinhos”.

No episódio apresentado em seguida as crianças desafiam o adulto/educador a participar ativamente na brincadeira, atribuindo-lhe o papel de lobo:

(...) o Gustavo (3 anos) correu na minha direção, assim que chegou perto de mim tocou-me com uma mão e gritou: “Ahhh...”  
Depois deu meia volta e correu para o outro lado do terraço ao mesmo tempo que gritava: “O lobo, ahhh...O lobo vem aí!”  
Posteriormente ao Gustavo, também o Pedro (3 anos) e o Lucas (3 anos) correram na minha direção e, quando chegaram perto de mim gritaram: “Ahhh...” Depois deram meia volta e foram correr atrás do Gustavo.  
As três crianças voltaram a aproximar-se de mim dizendo:  
Gustavo – “Ó lobo! Não me apanhas lobo.”  
Pedro – “Lobo. Haha, vou fugir, não me apanhas.”  
Lucas – “Lobo mau. Grrr...não tenho medo de ti. Não vais apanhar-nos, não, não!”

Tentando assustar as crianças eu olhei para elas, levantei os meus braços, inclinei-me para a frente e gritei num tom grave e medonho: “Ahhh...Grrrr...eu vou comer-vos.”

Os três riram e desataram a correr aos gritos dizendo: “O lobo, o lobo...Ele vem aí!”

(...) o Pedro, o Gustavo e o Lucas voltaram a aproximar-se de mim. (...)

Subitamente o Lucas tocou-me com a mão e disse: “Não nos apanhas. Haha...”

Eu gritei: “Grrrr...”

O Gustavo olhou para mim e disse: “Lobo, haha, estou aqui!”

Fazendo-me de desentendida, eu olhei para as três crianças e disse-lhes: “Lobo? Mas que lobo? Eu não vi nenhum lobo. Esteve aqui algum?”

O Lucas disse: “O lobo és tu! És tu!”

Eu retorqui: “Eu? Eu não sou nenhum lobo, mas se eu o vir eu não lhe digo onde é que vocês estão. Mando-o logo embora!”

O Lucas, o Pedro e o Gustavo riram-se e o Pedro disse: “Mas tu és o lobo!”

Eu olhei para o Pedro e disse-lhe: “Ai, ai, não sou não, vocês estão muito confusos.

Ouçam a Ana tem de ir lá dentro, já volto. Se eu vir o lobo mando-o embora. Digo-lhe que vocês não estão cá.”

As crianças riram-se novamente.

Nota de Campo nº 12, 23 de Abril de 2013

Nesta brincadeira as crianças não demonstraram representar qualquer personagem em particular, porém ao abordarem o adulto/educador, procurando inseri-lo no jogo que haviam criado, com naturalidade o intitularam de ‘lobo’, uma das mais famosas personagens dos contos tradicionais.

As reações das crianças evidenciavam o seu entusiasmo e excitação perante a ideia de o adulto integrar-se na brincadeira transformando-se num lobo mau e feroz, o lobo que desejavam ter na sua recreação de faz-de-conta. O adulto/educador embora não tenha reagido de imediato à primeira aproximação, rapidamente decidiu envolver-se na brincadeira, entregando-se ao papel que lhe haviam atribuído, fazendo-se valer das suas capacidades criativas para uma representação expressiva e vivaz. Deste modo apoiou e promoveu a brincadeira imaginativa das crianças, contribuindo para o desenvolvimento desta criação. Como Homann e Weikart (1997, p. 480) afirmam, o educador ao incentivar a brincadeira do faz-de-conta apoia “(...) a jocosidade das crianças e a sua necessidade em manter o controlo sobre as suas criações, em vez de reproduzir criações de modelos à imagem dos adultos”. Assim, oferece-lhes liberdade para progredirem como seres inventivos e criativos, capazes de ter iniciativa, fazer escolhas conscientes enquanto agentes ativos no processo de criação.

Com o contributo do educador, as crianças foram experimentando sensações entre a excitação e o medo, divertindo-se com a brincadeira, mantendo a sua imaginação em plena atividade. Segundo João dos Santos, citado por Branco (2000, p. 243), “a

imagem, o pensamento imagético ou a imaginação é a base de formação da nossa personalidade e da nossa inteligência”. A imaginação infantil é benéfica e extremamente importante no desenvolvimento pleno da criança, é fundamental o adulto/educador privilegiar e promover atividades que estimulem a imaginação e incentivem a criança a criar.

A forma como o educador interagiu com as crianças, compartilhando do seu universo fantástico, foi indispensável para o sucesso da brincadeira; a par disso, o modo sutil e criativo como se retirou, evitando a quebra repentina da magia vivida no momento, permitiu que a imaginação das crianças permanecesse em ação.

No evento que se segue encontram-se fatores idênticos aos relatados na brincadeira acima descrita, no que confina à distribuição de papéis:

A Teresa (3 anos), a Matilde (3 anos), o Pedro (3 anos) e o Francisco (4 anos) estavam dentro da ‘casinha’.

Eu espreitei por uma das janelas da ‘casinha’ e o Francisco gritou: “O lobo!”

Eu bati à porta e a Teresa perguntou: “Quem é?”

Falando com um tom grave e assustador eu respondi: “É o lobo! Abre a porta para eu entrar!”

As crianças gritaram: “Ahhh...”

(...) Tentando assustar as crianças eu aproximei-me de uma janela e disse: “Grrr...Eu sou o lobo mau, deixem-me entrar! Eu vou comer-vos ao jantar!”

As crianças voltaram a gritar: “Ahhh...”

O Francisco e o Pedro vieram à janela e disseram: “Não vais não. Xô, vai embora lobo.”

A Teresa e a Matilde espreitaram por outra janela dizendo: “Vai embora Lobo. Vai, vai, Aqui não entras.”

Eu fui-me escondendo, andando de um lado para o outro, em redor das paredes da ‘casinha’.

(...) Entretanto levantei-me devagar e fui até junto de uma das janelas da ‘casinha’, aproximei-me bem e gritei: “Grrr...”, baixando-me logo em seguida.

O Pedro espreitou pela janela e eu levantei-me ao mesmo tempo, gritando de novo: “Grrr...”

O Pedro entrou dentro da ‘casinha’ a gritar: “Ahhh...O lobo, o lobo está lá fora.”

(...) A Teresa disse: “Eu vou lá!”

Eu ouvi o Pedro e o Francisco a rir.

A Teresa entreabriu a porta e espreitou para fora da casinha. Depois saiu, olhou na minha direção e disse: “Ai, ai, lobo! Não vens mais aqui, vai embora. Não entras na nossa casa!”, e rapidamente voltou-se de costas para mim entrando na ‘casinha’.

Eu não voltei a ir até à ‘casinha’.

Nota de Campo nº 7, 6 de Fevereiro de 2013

Também aqui não se encontram indícios da representação de personagens dos contos por parte das crianças, porém, ao adulto/educador é entregue novamente o papel de ‘lobo mau’. É interessante pensar na facilidade com que a personagem ‘lobo’ foi

selecionada para fazer parte deste jogo do faz-de-conta, as crianças ao fazer esta escolha revelaram mais uma vez o seu interesse e gosto por esta entidade presente em muitos contos. Albuquerque (2000, p. 29) refere que “(...) até aos 4 anos, as crianças parecem gostar sobretudo das histórias, onde a presença do Lobo Mau lhes garante um contacto com o Mal, mas um triunfo final do Bem (...)”.

Nesta situação, é igualmente visível a cumplicidade que nasce entre as crianças e o adulto/educador, que em conjunto criaram uma brincadeira plena de fantasia e imaginação, provavelmente inspirados nas narrativas de onde conhecem tão bem o ‘lobo mau’. Segundo Homann e Weikart (1997, p.495),

É importante que os adultos apoiem a brincadeira de representação de papéis e de faz-de-conta das crianças, dando-lhes materiais e adereços apropriados, observando e ouvindo a brincadeira de faz-de-conta, e interagindo com elas como parceiros, sempre respeitando o ritmo que as crianças destinaram.

Como se pôde constatar, a brincadeira foi progredindo naturalmente com o contributo do adulto/educador, que de certo modo a orientou e enriqueceu, permitindo às crianças explorar a fantasia e através desta organizar a realidade, em segurança vivenciar o medo e arranjar estratégias para o vencer.

A brincadeira seguidamente relatada desenvolveu-se em torno de um objeto em particular, uma ‘varinha mágica’, pertencente a uma das crianças envolvidas:

A Alice olhou para mim, sorriu e abanou a ‘varinha’ rodando a mão.  
Observando-a disse: “Ah! O que tens na mão? Não acredito! Trouxeste uma ‘varinha mágica’?”  
A Alice abanou a cabeça de cima para baixo. (...)  
A Matilde olhou para a ‘varinha’ e perguntou à Alice: “Posso ver? Emprastas-me?”  
A Alice abanou a ‘varinha’ e disse: “Agora não. Vou brincar com ela.” Em seguida, voltou as costas à Matilde e foi sentar-se num triciclo. (...)  
Enquanto a Alice andava de triciclo a Matilde corria ao seu lado.  
Até que eu observo a Alice a apontar a ‘varinha’ na direção da Matilde e subitamente esta começou a saltar. (...)  
O Lucas (3 anos) aproximou-se da Matilde e perguntou-lhe: “O que estás a fazer Matilde? Porque estás a saltar?”  
A Matilde respondeu-lhe: “A Alice transformou-me num coelho!”  
O Lucas olhou na direção da Alice e começou a correr atrás dela.  
A Alice gritava: “Para de correr atrás de mim.”  
O Lucas esticou os braços na direção do triciclo da Alice e disse: “És uma bruxa! Transformaste a Matilde num coelho. Vou Apanhar-te.”  
De repente o Lucas agarrou-se à parte de trás do triciclo, mas a Alice não parou de andar, arrastando-o pelo chão.  
Eu falei alto pedindo à Alice para parar de andar. Depois corri na direção das duas crianças e disse ao Lucas para largar o triciclo, pois iria magoar-se.  
O Lucas olhou para mim e disse: “Ela é uma bruxa! Transformou a Matilde num coelho!” (...)

Evitando que as duas crianças se chateassem e até mesmo se magoassem com a brincadeira, eu olhei para o Lucas e calmamente disse-lhe: “Deixa-a Lucas, agora a Alice não quer brincar. Não corras atrás dela.”

Nota de Campo nº 15, 15 de Maio de 2013

Na descrição dos factos fica evidente que o adulto/educador atribuiu um valor especial ao brinquedo apresentado pela criança. Ao reagir com admiração e surpresa como se estivesse perante um elemento poderoso que designou de ‘varinha mágica’, o adulto/educador, fazendo esta alusão ao universo maravilhoso dos contos desafiou a imaginação da criança, concedendo-lhe o poder do encantamento por possuir um objeto idêntico ao que as bruxas e as fadas utilizam nos seus feitiços. Mesmo que a varinha já fosse considerada mágica pela criança, a atitude do adulto certamente reforçou esta ideia.

Avistando esta novidade, era expectável que surgissem outras crianças curiosas e interessadas em explorar o vistoso objeto, assim, embora inicialmente se constate a clara relutância da Alice em partilhar o brinquedo, a determinação da Matilde venceu-a, dando origem à criação de uma brincadeira do faz-de-conta entre as duas meninas.

A este maravilhoso mundo do imaginário quis juntar-se o Lucas, que sem questionar as crianças envolvidas, interferiu deliberadamente na brincadeira, procurando integrar-se segundo a interpretação que havia feito da situação que observava. Para ele era evidente que a Alice representava uma ‘bruxa má’, pois acabara de enfeitiçar a Matilde abandonando-a em seguida. Provavelmente, reconhecendo a malvadez muitas vezes associada a esta personagem dos contos de fadas, o Lucas entendia que tinha de deter a ‘bruxa’ Alice, para que o bem triunfasse. Segundo Bettelheim (1998, p. 17),

As personagens dos contos de fadas não são ambivalentes – não são boas e más ao mesmo tempo, como na realidade o somos. Mas uma vez que a polarização domina o espírito da criança, ela domina também os contos de fadas. Uma pessoa é boa ou má, sem meios-termos.

Cada uma das crianças vivenciava o momento de acordo com a sua entrega, sensibilidade e emoções; como tal, naturalmente surgiu o desentendimento entre a Alice e o Lucas, que devido às proporções alcançadas, o adulto/educador teve de intervir rapidamente interrompendo o pensamento fantasista que os movia. Como refere Bettelheim (1998, pp. 83-84), “(...) permitir à nossa fantasia tomar posse de nós por algum tempo não é prejudicial, desde que não fiquemos permanentemente seus prisioneiros”. Por muito que as crianças saibam dissociar o que é fruto da imaginação

do real, o entusiasmo e excitação pode levar ao descontrolo, e nesses períodos é necessária uma intervenção externa.

Refletindo sobre as cuidadas análises executadas às notas de campo da categoria B, pode-se afirmar que nas demais situações acima relatadas as crianças fundiram dois universos maravilhosos, os contos e a brincadeira/jogo, criando momentos únicos, de verdadeira exploração e experimentação de sensações diversas. Para o êxito destas atividades de faz-de-conta em muito contribuiu o papel do adulto/educador, através da veracidade, entrega e demonstração de prazer autêntico pelo universo fantástico do imaginário dos contos, que revelou na sua ação face às brincadeiras criadas pelas crianças, como também pelo seu empenho enquanto contador de histórias, que privilegia a promoção de uma relação de cumplicidade com o seu público, as crianças.

A grande riqueza destas atividades encontra-se na capacidade que cada um de nós, adultos e crianças, tem para sonhar e imaginar sem limites, permitindo aos que nos rodeiam lançarem-se connosco neste voo, elaborando diferentes formas de olhar o mundo, aumentando o espectro de oportunidades para vencer na vida. De acordo com Cariello (2002, p. 54), “o voo da imaginação significa dar asas ao real com a ajuda do elemento maravilhoso”; o adulto/educador não pode negar esta liberdade à criança.

#### Categoria C: Contos tradicionais e fantasia na gestão da rotina diária das crianças

A categoria C contém as descrições referentes a situações de rotina diária em que uma ou mais crianças resistem ao cumprimento de determinadas atividades com regras/normas pré-estabelecidas.

Nesta categoria será efetuada uma apreciação relativamente à natureza das estratégias adotadas pelo adulto/educador para cativar as crianças a seguirem as condutas adequadas às circunstâncias, ao mesmo tempo que se avaliarão as diferentes reações das crianças perante um discurso natural ou fantasioso.

Há que recordar que o grupo de crianças em estudo encontra-se na faixa etária dos três/quatro anos de idade, período caracterizado por um particular interesse na exploração de universos repletos de fantasia. Nesta fase o imaginário infantil apresenta-se extraordinariamente ativo, sendo este o momento propício a um rico e exponencial desenvolvimento da capacidade de imaginar. Igualmente importante de evidenciar, para a análise em causa, é o facto de que nestas idades a criança procura afirmar-se com mais

frequência e veemência, tendendo a provocar e desafiar os outros, em especial os adultos. Avaliem-se algumas das situações ocorridas:

(...) olhei para a Teresa e vi que ela ainda não tinha vestido o bibe. Aproximei-me e disse-lhe: “Anda vestir o bibe Teresa, a Ana ajuda-te.”

A Teresa olhou para mim e disse: “Não, não quero. Quero ficar aqui a brincar.”

Eu olhei em volta e reparei que só a Teresa é que ainda não tinha vestido o bibe, então disse-lhe: “Já viste, todos os meninos têm o bibe vestido, só faltas tu. E o teu bibe é tão giro, é cor-de-rosa, eu também gostava de ter uma bata assim.”

A Teresa olhava para mim sem dizer nada. Eu continuei: “Vamos as duas muito rápido. Depois podes voltar. A Guadalupe, a Aurora e a Matilde esperam por ti.” (...)

A Aurora, a Matilde e a Guadalupe responderam: “Sim, nós esperamos.”

A Matilde olhou para a Teresa e disse: “Vai, vai. Eu também já vesti o bibe, olha.”

A Teresa olhou para mim e para as três meninas, depois disse: “Eu já venho, esperem por mim.”

(...) eu peguei no bibe da Teresa e aproximei-me dela.

A Teresa encostou-se à parede e disse: “Hoje não quero vestir o bibe.”

Eu olhei para a Teresa e disse-lhe: “Nem podias, eu não tenho nenhum bibe para ti. Hoje vais vestir este lindo vestido de princesa. Posso ajudar-te?”

A Teresa olhou para mim e perguntou: “Vestido de princesa? Qual vestido?”

Eu respondi: “Este.” E mostrei-lhe o bibe, “É lindo, vais ficar muito bonita.”

A Teresa riu. Eu aproximei-me dela e vesti-lhe o bibe.

Nota de Campo nº 10, 15 de Abril de 2013

Como se verifica neste relato, dadas as circunstâncias, o adulto/educador interferiu na brincadeira das crianças, abordando a Teresa com o intuito de a convencer a vestir o bibe. Adotando um discurso simples e afável, o adulto/educador rapidamente se apercebeu que a Teresa não iria acatar facilmente ao seu pedido, assim foi mudando de estratégia mediante o comportamento da criança. Insistindo num diálogo tranquilo, sem imposições efetivas, o adulto/educador apelou para o facto de ser a única criança sem bibe, recorreu às outras crianças envolvidas na brincadeira para a tranquilizar, garantindo que estas esperariam por si, e ainda, elogiou o seu bibe demonstrando interesse em ter um igual. Conforme o registado, por instantes esta última tentativa parecia ter resultado, no entanto a criança logo se revelou determinada em manter a sua posição desafiadora. Perante o insucesso das demais estratégias utilizadas, o adulto/educador decide apelar à fantasia. Conforme Gesell (1998, p. 322) afirma, nestas idades “(...) a maior parte das crianças verbaliza muito e duma forma altamente imaginativa. A educadora pode servir-se dessa loquacidade para estimular um comportamento desejável e com interesse”. Certamente naquele instante um discurso fantasioso seria uma excelente forma de entusiasmar a Teresa a vestir o bibe, como tal o

adulto/educador enriqueceu o momento com algum encantamento. Valendo-se de um dos grandes desejos das meninas, ser consideradas princesas, atribuiu ao bibe da Teresa o valor de um vestido digno da realeza como os descritos nas histórias. Neste jogo imaginário de cariz fantasista, em que o adulto/educador convida a criança a sonhar, vemos a Teresa deliciada com a conversa, acabando por ceder ao que lhe fora pedido. Segundo Marques (2002, p. 127), “o passe de mágica para a resolução do conflito tem que ser maravilhoso. A criança tem de suspirar de encantamento”. Para que as abordagens desta natureza resultem tem de haver genuíno empenho, segurança, convicção e verdade nas palavras proferidas.

Os próximos episódios narrados ocorreram durante a hora da sesta, momento que deve beneficiar de um ambiente tranquilo e securizante, no qual convém que todos os presentes permaneçam serenos e silenciosos:

A agitação era geral. Com calma e tranquilidade eu disse-lhes que tinham de sossegar, pois era hora de descansar, dormir um pouco (...)  
 Algumas crianças acalmaram-se mas muitas continuaram irrequietas.  
 Eu disse-lhes que lhes contaria uma história, se me prometessem que ficariam sossegadas, e que assim que eu terminasse todas dormiriam um pouco.  
 As crianças foram parando de falar e sossegaram nos colchões.  
 A Alice (4 anos) a Aurora (4 anos) e a Lara (4 anos) disseram: “Conta a história Ana, conta.” (...)  
 Eu sentei-me no chão no meio da sala, e quando todas as crianças estavam em silêncio, comecei a contar o Conto *A Princesa e a Ervilha*.  
 Enquanto contei a história, as crianças mantiveram-se em total silêncio, olhando na minha direção, algumas com a cabeça deitada, outras com a cabeça apoiadas sobre os braços ou as mãos.  
 Terminado o conto eu disse às crianças: “Agora vamos descobrir quem são os verdadeiros príncipes e princesas que conseguem dormir nas camas especiais deste castelo. Quando voltar irei ver quem realmente dormiu.”  
 Assim que acabei de falar a Aurora disse: “Ana eu vou dormir. Vou dormir como uma princesa.”  
 Depois da Aurora mais algumas crianças disseram o mesmo, utilizando palavras semelhantes.  
 Eu ouvi todos os comentários e no fim disse: “Durmam bem meus príncipes e princesas.”

Nota de Campo nº 3, 28 de Janeiro de 2013

Eu estava sentada junto a uma criança que ainda não tinha adormecido. Ao ouvir a Alice pedi-lhe que não fizesse barulho e disse-lhe para tentar dormir um pouquinho. A Alice continuou a imitar sons e a cantarolar ao mesmo tempo que se virava na cama.  
 Eu disse à Alice para parar pois ia acordar os outros meninos.  
 A Alice perguntou-me: “Ana, podes vir para ao pé de mim?”  
 Eu respondi-lhe: “Posso, depois de adormecer o Pedro, mas não podes fazer barulho, senão ele não consegue dormir.” (...)  
 A Alice parou por um tempo e depois destapou-se e recomeçou a imitar sons.

Quando vi que o Pedro já dormia levantei-me, fui ter com a Alice e disse-lhe: “Assim fico triste contigo. Sabes que não podes fazer barulho, a Ana explicou-te e tu não fizeste o que te pedi.”

A Alice fez um som e disse: “Ana, senta-te ao pé de mim.”

Eu tapei-a, deitei-me no chão ao seu lado e disse-lhe: “Tens de tentar dormir um pouquinho ou então só descansas, mas não podes fazer barulho.”

A Alice virou a cabeça para um lado e para o outro e fez um som.

Eu perguntei-lhe se queria que eu lhe contasse uma história.

A Alice respondeu: “Sim.”

Eu contei-lhe a história *A Princesa e a Ervilha*.

Enquanto lhe contava a história ela deu-me a mão. Quando terminei a Alice pediu-me que lhe contasse outra história. (...)

Eu contei-lhe a história *A Menina dos Caracolinhos Dourados e os Três Ursos*.

Depois da história a Alice voltou-se de barriga para baixo e adormeceu.

Nota de Campo nº 6, 4 de Fevereiro de 2013

Nas duas situações evidenciadas, verifica-se a existência de alguma inquietação entre as crianças perante a chegada da hora da sesta. Neste período destinado ao descanso é suposto as crianças dormirem, porém, como se observa nos relatos, nem sempre é fácil gerir estes instantes em que resistem ao sono. Ainda que as circunstâncias difiram ligeiramente, a problemática em causa é similar, o adulto/educador tem o desafio de ajudar as crianças a serenar, preparando-se para descansar, aceitando que necessitam deste repouso. Em ambos os excertos é perceptível que o adulto/educador dirigiu-se às crianças tranquilamente, com seriedade e sem exaltações, acautelando um possível aumento da agitação caso demonstrasse irritação e impaciência perante os acontecimentos. Constatando que os seus pedidos não estavam a surtir o efeito desejado, estrategicamente recorreu ao contar de uma história, fazendo as crianças prometer quietude. Como Gesell (1998) afirma, as crianças de três e quatro anos gostam de ouvir histórias antes de dormir, podendo descansar melhor depois de escutá-las. O adulto/educador acreditando que o ato de contar histórias pode-se traduzir num tempo e espaço de tranquilidade, magia e escuta, que ajuda as crianças a serenar, atendeu a esta premissa. O desfecho das duas situações foi positivo, as crianças sossegaram, entusiasmadas com a possibilidade de ouvirem uma história antes de dormir. Conforme Santos (1991, citado por Branco, 2000, p. 434) defende,

(...) a melhor maneira de combater as insónias nas crianças será conversar com elas, ou facilitar-lhes o desenvolvimento do seu imaginário no sentido das histórias que se contam e da literatura infantil, quando ela é adequada e facilita esses mecanismos do sono (...)

Sem dúvida os contos revelaram-se uma excelente estratégia para restabelecer a ordem entre as crianças, levando-as a adquirir o comportamento adequado às circunstâncias.

A sesta tem um horário pré-estabelecido, no entanto, as crianças têm diferentes necessidades de sono, o que se reflete na variação de tempo que cada uma dorme. Apesar de só se levantarem quando o momento do repouso termina, naturalmente as crianças vão acordando a horas distintas, sabendo que terão de permanecer deitadas no seu colchão sossegadamente, o que nem sempre é simples de gerir, como se pode constatar no relato seguinte, onde é explanado o sucedido após três das crianças acordarem:

Eu estava sentada entre o colchão da Alice e o da Margarida, à minha frente estava deitada a Rita.

A Alice olhou para mim e disse: “Ana podes contar uma história?”

Eu respondi-lhe: “Não posso. Agora não podemos falar, ainda há muitos meninos a dormir e eu não quero acordá-los.”

A Margarida olhou para mim e disse: “Podes contar baixinho, só para nós ouvirmos. Eles não acordam.”

A Lara e a Alice acrescentaram: “Sim. Vá lá Ana, conta.”

Eu olhei para elas e sorri.

A Alice sentou-se e abraçou-me.

Eu disse à Alice para se deitar e não fazer barulho. Depois, através de gestos que fui fazendo com as minhas mãos, eu comecei a contar a história *O Velho, o Rapaz e o Burro*.

A Margarida olhou para mim e perguntou-me: “Ana, o que estás a fazer?”

Eu estiquei o dedo indicador e coloquei-o em frente ao nariz, em sinal de silêncio. Em seguida continuei a contar a história fazendo gestos com as mãos.

De repente a Alice disse: “Estás a contar a história do velho e do burro. É não é?” (...)

Eu disse: “Shhh...”; fiz mais alguns gestos e terminei a história abrindo os braços.

Depois, falando baixinho perguntei-lhes: “Gostaram da história?”

As três meninas sorriram para mim.

Nota de Campo nº 9, 12 de Abril de 2013

Habitualmente nestes instantes as crianças sentem-se mais vulneráveis, necessitando de atenção particular, carinho e aconchego do adulto/educador, para se sentirem seguras e permanecerem tranquilas. Como revelado na descrição, o adulto/educador estava atento a estes factos, antecipando-se a possíveis rebuliços ao sentar-se junto das três meninas. O pedido efetuado pela Alice não foi surpreendente, pois como já fora demonstrado, nestas idades as crianças adoram escutar histórias, inclusive devido à relação de proximidade e cumplicidade de se estabelece nestas atividades. Como refere Rodari (2006, p. 162), “(...) a história para a criança é um

instrumento ideal para reter consigo o adulto.”, a par disso, como assegura Albuquerque (2000, p. 14) o momento do conto é um espaço de “cumplicidade”, um meio de reforçar “laços de afeto e momentos de intimidade”, entre o adulto contador da história e a criança, que com deleite o escuta atentamente. Como tal, nada melhor poderia garantir a permanência do adulto/educador junto das crianças.

A conjuntura do momento não permitia que se contasse uma história da forma mais recorrente, motivo que fez o adulto/educador não atender ao primeiro pedido, porém o carinho com que as crianças insistiram, contribuiu para que viesse a ceder aos seus encantos. Assim decidiu contar-lhes uma história que conhecessem, recorrendo somente a expressões faciais e gestos, a fim de salvaguardar o ambiente silencioso e sereno que se vivia na ocasião.

Foi importante a escolha de um conto familiar, pois o modo incomum como foi contada a história poderia não ter resultado positivamente, ainda que sempre fosse um excelente desafio para o imaginário das crianças. Segundo Vygotsky (2009, p. 18), “a fantasia não se opõe à memória, mas apoia-se nela (...)”. De tal modo cada menina foi elaborando a sua interpretação da linguagem corporal do adulto/educador, construindo o conto à medida da sua imaginação, assente no que recordava do mesmo.

Só após a história terminar é que foram esclarecidas algumas incertezas e confirmadas suspeitas, tendo o adulto/educador proporcionado à imaginação das crianças fluir livremente até ao último instante.

Observe-se agora a seguinte situação:

Eu pedi às crianças que sossegassem e parassem de fazer barulho, para não acordarem quem ainda estava a dormir.

Por momentos as crianças deixaram de falar e mantiveram-se quietas num só lugar, mas rapidamente começou tudo de novo.

Eu sentei-me junto das crianças e disse-lhes: “Não podem continuar a fazer barulho, vão acordar todos os meninos que ainda estão a dormir. Já está quase na hora de sairmos, falta pouco tempo.”

Depois tentei calçar o sapato à Matilde, que não parava quieta com os pés ao mesmo tempo que ia dizendo: “Não, não quero. Quero dormir”

Eu olhei para as crianças e disse: “Vejam, a Matilde está sem um sapato, e eu não estou a conseguir calçá-la, será que temos aqui uma ‘Cinderela’?”

A Guadalupe (4 anos), a Lara (4 anos) e a Filipa (4 anos) olharam para mim e disseram: “Ana vais contar uma história? Conta, sim, vá lá conta.”

Eu comecei a contar o conto *A Gata Borralheira*. Subitamente as crianças voltaram-se todas para mim, ficando quietas e em silêncio.

Quando terminei de contar a história, peguei no sapato da Matilde e perguntei-lhe se lho podia tentar calçar, para ver se servia. A Matilde olhou para mim sem dizer nada.

Eu disse: “Temos todos de nos calçar para ir ao baile, a nossa ‘carruagem’ está à espera, está quase a partir.”

O Lucas (3 anos) disse: “Eu vou ao baile. Olha Ana estou pronto, tenho os meus sapatos.” (...)

A Matilde esticou a perna na minha direção e eu calcei-lhe o sapato.

As crianças foram-se levantando e formaram uma fila em frente à porta.

Assim que a educadora chegou, saímos da sala para ir para a nataçãõ.

Nota de Campo nº 13, 30 de Abril de 2013

Conforme se constata, os horários da sesta e da nataçãõ coincidem parcialmente, e como nem todas as crianças praticam esta modalidade, enquanto umas aguardam partir para a nataçãõ, as restantes crianças do grupo continuam a sua sesta. Naturalmente esta não é uma situaçãõ fácil de gerir, havendo dificuldade na preservaçãõ da quietude entre as crianças, que ficam impacientes e inquietas com o tempo de espera. Assim torna-se imprescindível que o adulto/educador intervenha estrategicamente para manter a calma e tranquilidade até à hora da partida, diminuindo a probabilidade de que as outras crianças acordem.

Neste episódio, além da agitaçãõ das crianças, o adulto/educador também teve de gerir a impertinencia da Matilde, que recusava calçar um dos sapatos, apresentando-se rabugenta provavelmente devido ao sono que ainda sentia.

Perante o desencadear dos acontecimentos, o adulto/educador fez uma analogia entre a realidade vivida e o maravilhoso universo dos contos tradicionais comparando a Matilde à Cinderela, o que gerou entusiasmo nas crianças que demonstraram interesse em escutar aquela história. Aproveitando este gosto especial pelos contos, o adulto/educador enveredou por uma narraçãõ estratégica acreditando ser capaz de reter a atençãõ das crianças, que envolvidas no desenrolar do conto certamente iriam serenar. De acordo com Traça (1992, p. 123), “o momento de contar uma história é um espaçõ de tranquilidade, apaziguamento e concentraçãõ”, onde as crianças se rendem aos encantos de uma bela história. Na circunstância em análise, a escolha efetuada pelo adulto/educador foi um sucesso; ao longo de toda a narraçãõ as crianças permaneceram em silêncio, sossegadas e atentas.

O conto escolhido enquadrou-se perfeitamente no contexto, permitindo ao adulto/educador valer-se do enredo para tentar persuadir a Matilde a calçar o sapato. O objetivo final, não tendo sido alcançado de imediato, foi conquistado após o discurso fantasta do adulto/educador em que algumas crianças participaram contribuindo para que a magia não se perdesse. Segundo Traça (1992, p. 123), “as crianças são cúmplices, mas não completamente presas do encantamento. (...) Todos os jogos que são possíveis a partir dos contos têm como virtude principal fazer saborear o prazer suplementar a

esta cumplicidade”. Assim, na sequência do conto *A Gata Borracheira*, foi criado um ambiente de encantamento no qual as crianças se envolveram deixando-se levar pela imaginação, colaborando direta ou indiretamente para que a Matilde calçasse o sapato, o que acabou por suceder.

A próxima situação em análise ocorreu durante a hora do almoço, mais precisamente na fase em que apenas restavam quatro crianças sentadas à mesa, perlongando indeterminadamente a sua refeição:

Eu olhei para o Pedro e disse: “Então Pedro, não comes?”  
 O Pedro disse: “Quero ajuda.”  
 Eu continuei a falar com ele: “Depois de ajudar a Beatriz ajudo-te a ti, mas tens de começar a comer sozinho. Tu consegues, vá lá.” (...)  
 Tentando convencer o Pedro a começar a comer sozinho, calmamente disse-lhe: “Tens de comer Pedro. Eu ajudo-te, mas também tens de ajudar a Ana, eu não consigo fazer tudo ao mesmo tempo. Tu sabes comer tão bem sozinho, já estás tão crescido! Vá, eu já me vou sentar ao teu lado.”  
 O Pedro olhou para mim e disse: “Podes contar uma história? A dos *Três Porquinhos*. Conta Ana, conta.”  
 Eu respondi-lhe: “(...) Tu não estás a comer, a Lília e o Francisco estão a demorar muito tempo e a Beatriz...ai, ai! (...) Eu conto a história se começarem a comer depressa.”  
 A Beatriz olhou para mim e disse: “Sim, sim, os *Porquinhos*!”  
 As quatro crianças olharam para mim, o Pedro começou a comer sozinho e o Francisco e a Lília colocaram, cada um, uma garfada na boca.  
 Eu comecei a contar o conto *Os Três Porquinhos* ao mesmo tempo que ia dando a comida à Beatriz.  
 As crianças foram comendo sozinhas, mas devagar.  
 De repente ao constatar que as crianças estavam a demorar muito tempo a mastigar eu parei de contar a história. Logo em seguida, falando calmamente mas com uma expressão séria, eu disse-lhes: “Vocês não estão a comer como combinado. Assim os ‘porquinhos’ vão parar de construir a casa e vão-se embora, e o ‘lobo’ vai atrás deles. E sem eles...eu não vou poder contar a história. (...)  
 De forma assertiva e com um tom mais ríspido, eu continuei a falar: “Se não começam a comer bem e depressa, não conto a história.”  
 A Lília e o Francisco disseram: “Ana, nós vamos comer tudo. Podes contar a história?”  
 Eu olhei para as crianças e disse: “Eu conto, mas têm de se despachar, combinado? Quero ver quem começa a comer primeiro.”  
 O Pedro, a Lília e o Francisco pegaram cada um no seu garfo e começaram a comer.  
 Eu comecei a contar o conto do início, ao mesmo tempo que dava a comida à Beatriz.  
 O Pedro, a Lília e o Francisco foram comendo sozinhos.

Nota de Campo nº 5, 1 de Fevereiro de 2013

Segundo o relato é perceptível como o ritmo individual de cada criança condiciona diariamente o decurso da refeição do almoço. O caso explanado contempla o comportamento de quatro crianças que demonstravam pouco interesse em comer, o que implicou uma intervenção especial por parte do adulto/educador.

Ainda que seja importante orientar as crianças na aquisição e desenvolvimento da autonomia, como habituarem-se a comer sem qualquer ajuda, existem sempre exceções, pois é importante não deixar que algumas atividades se tornem um martírio somente porque o adulto/educador adota uma atitude inflexível, é imprescindível contextualizar as ocorrências, sempre com bom senso. Também neste episódio se observa o cuidado com que o adulto/educador se dirige às crianças, falando-lhes com delicadeza e tranquilidade recorrendo a palavras de incentivo, fatores importantes para um saudável entendimento, embora na situação em causa se tenham revelado insuficientes. Mais uma vez o adulto/educador depara-se com uma problemática a necessitar de uma estratégia diferenciada, motivo que o levou a atender ao pedido das crianças para que contasse uma história, certamente acreditando que esta atividade seria estimulante para a progressão da refeição. De facto observa-se uma mudança do comportamento das crianças nos primeiros instantes, mas em pouco tempo vemos que voltam ao registo inicial. Diante de tais factos, o adulto/educador interrompeu a narração para repreender as crianças servindo-se de um discurso fantasioso que terminou numa intervenção mais assertiva e austera, pois as crianças não estavam a colaborar. Percebendo que a narração da história estava realmente em risco caso não começassem a comer bem e depressa, as crianças, não querendo perder a oportunidade de usufruir do universo mágico dos contos, prontamente recomeçaram a sua refeição. O adulto/educador retomou a história.

Nas palavras de Traça (1992, p. 136) recordemos que “contar histórias é, antes do mais, uma arte da distração, que tem como objetivo primordial o prazer do ouvinte”. O deleite em ouvir a história mostrou-se superior a tudo, as crianças, sem se aperceberem comeram tudo sozinhas e sem mais interrupções.

Perante as mais diversas problemáticas por muito que se acredite no sucesso de determinadas estratégias na realidade não existe a garantia de se alcançar o êxito total. Antes de mais, é importante consciencializarmo-nos da capacidade que as crianças têm para nos surpreender constantemente, o que obriga o adulto/educador a desenvolver diversos mecanismos de ação para a gestão de conflitos, tornando-se indispensável a adoção de uma atitude flexível e criativa.

Nas diferentes situações avaliadas, os discursos fantasiosos, os contos narrados, as analogias entre o real e o imaginário, serviram na perfeição a gestão das demais problemáticas.

Numa apreciação global da análise efetuada ao conteúdo das três categorias, conclui-se haver uma inter-relação entre as mesmas, na medida em que os temas em evidência se tocam, tornando-se por vezes difíceis de dissociar. Na avaliação das demais circunstâncias, foi-se descobrindo como determinados comportamentos se influenciam mutuamente em momentos distintos, ou seja, o que se vive e experiencia hoje terá repercussões nos acontecimentos do amanhã, interferindo na (re)interpretação de situações passadas.

Nos diferentes episódios explanados estão presentes os contos de tradição oral e/ou a fantasia que deles emerge, que embora se apresentem de formas diversas, são comuns às três categorias. A sua função diverge, mas o propósito principal é sempre o mesmo, encantar as crianças e estimular o seu imaginário. Segundo Quadros (citado por Cariello, 2002, p. 54-55), “o estímulo à imaginação pela narrativa maravilhosa (...) é uma verdadeira pedagogia da criatividade”. Como se observa em alguns dos relatos, é inegável que as crianças se servem da fantasia dos contos para criar novas histórias, brincadeiras e outros eventos fantásticos, à sua dimensão, desejos e necessidades.

O gosto e interesse especial pelo universo do maravilhoso fica comprovado, as crianças deliciam-se com a narração de contos de tradição oral, inspiram-se nos seus enredos transferindo alguns dos seus elementos para o mundo real.

A atitude do adulto/educador revela-se importantíssima em todo o processo, é através da cumplicidade que cresce entre ambos que a magia prevalece, permitindo às crianças sonhar em segurança. De acordo com Santos (citado por Branco, 2000, p. 243), a fantasia subsiste no interior de cada um de nós enquanto produção criativa da relação estabelecida com quem nos criou, sendo algo que não se vende mas sim projeta-se nos materiais que temos à nossa disposição. O autor (ibidem) adverte que, “a criança modela-se. Ajuda-a a modelar-se oferecendo-lhe tudo o que tenhas de mais autêntico dentro de ti. Oferece-te a ti próprio como modelo. Faz de modelo, não só com o teu corpo de Homem, mas também com o que resta da tua espontaneidade infantil (...)”. Assim fez o adulto/educador protagonista nos acontecimentos relatados, conseguindo fruir de algumas das qualidades pedagógicas dos contos de tradição oral, enquanto contador entregue ao encantamento e cúmplice de viagens ao mundo do imaginário.

A propensão das crianças de três e quatro anos para exponenciais explorações destes universos paralelos, contribuiu grandemente na aquisição de novas condutas, conquistadas pelo envolvente e apaixonante mundo das ‘histórias de encantar’.

## Considerações Finais

No decorrer deste trabalho de investigação foram-se confirmando algumas premissas, reafirmando ideais e encontrando respostas para as questões que nortearam o estudo.

Viajando no universo dos contos de tradição oral, desvelando as suas origens, reafirmando o seu valor intrínseco enquanto uma das maiores riquezas do povo, que guarda as memórias de outros tempos, aproxima gerações, habitando os corações de quem um dia os escutou, abriu-se o caminho de exploração e descoberta das demais potencialidades destas narrativas, particularmente no que concerne ao saudável e pleno crescimento das crianças.

Pensando na questão central do estudo, não há margem para dúvidas, os contos de tradição oral são excelentes promotores do desenvolvimento e enriquecimento do imaginário infantil, especialmente na fase dos três e quatro anos, devido à dimensão progressiva que a imaginação atinge nestas idades. O modo como beneficia a evolução da fantasia, encontra-se essencialmente condicionado pela qualidade da transmissão destes contos, independentemente do contexto em que se inserem, a magia e encantamento que comportam tem de ser preservada.

O sucesso dos contos tradicionais deve-se não só aos seus enredos maravilhosos, mas principalmente a quem os transmite, pois é nesta ligação estabelecida entre o contador e os ouvintes, que nasce a verdadeira vontade de nos entregarmos ao sonho, ativando os mecanismos de funcionamento da nossa imaginação.

Segundo confirmado, as crianças têm um interesse e prazer especial na audição de histórias, não sendo totalmente esclarecedor neste estudo se existe uma predileção por contos tradicionais, até porque em todos os episódios analisados as histórias contempladas, direta ou indiretamente, eram sempre de tradição oral.

A par da caracterização efetuada por alguns dos autores citados, e da observação das situações em análise, tornou-se evidente que nestas idades existe uma propensão natural para o encantamento pelo universo do imaginário/fantasia. Como explanado, aos três e quatro anos de idade, a imaginação da criança atravessa um período de grande agitação, manifestando-se ativa a maior parte do tempo, sendo as suas ações maioritariamente o reflexo do que se passa na sua mente.

Atendendo a estas particularidades/fatores compreende-se que as crianças se rendam à fantasia que emerge dos contos tradicionais, não somente nos momentos destinados à ‘hora do conto’ como também em situações em que se deparem com fragmentos dessas mesmas histórias, tenham eles surgido dentro de si, dos seus pares ou até mesmo nos adultos. O importante não é quem dá vida aos elementos que provêm das histórias, mas sim o que cada um faz com eles. No presente relatório comprova-se como crianças e adultos transportam a fantasia dos contos para a realidade em que vivem, através de brincadeiras imaginativas, criação de diálogos fantasistas e de ambientes mágicos. Nesta investigação claramente se identifica o estabelecer de relações entre os contos de tradição oral e o imaginário das crianças aos diversos níveis supramencionados.

Como se verifica no estudo em questão, o adulto, como figura de referência para as crianças, tem um papel de excelência na promoção e transmissão de valores e princípios, assim como no desenvolvimento de interesses, gostos e curiosidades por diversas áreas. A veracidade, entrega e inspiração que deposita nas suas intervenções vai influenciar o impacto causado nas crianças, pois como já fora referido, só se consegue fazer amar aquilo que se ama e se ensina com amor. O desejo e vontade que nos move faz a diferença.

Naturalmente, se a capacidade imaginativa do adulto/educador estiver adormecida, se no seu olhar, expressões e atitudes não se avistar qualquer maravilhamento com as histórias e o universo da fantasia, este põe em risco o desenvolvimento saudável das crianças, limitando-as ao que os seus sentidos conseguem alcançar, por não ter as ter conseguido conquistar.

As histórias e a fantasia que delas brota demonstraram o seu potencial na evolução e enriquecimento da imaginação das crianças, oferecendo-lhes os instrumentos necessários à criação e idealização de novos e diferentes mundos, mediante a projeção de inúmeras possibilidades e estratégias de ação sobre o universo que as rodeia. Assim se comprovou, na análise de determinadas ocorrências, que o educador, usufruindo corretamente e com ponderação dos contos de tradição oral e da sua fantasia emergente, valendo-se ainda do interesse das crianças por estas temáticas, com sucesso tirou proveito do potencial destas narrativas na gestão de situações de rotina diária.

Evidentemente há sempre novas questões que surgem, e algumas que poderiam ser aprofundadas, até porque a natureza deste estudo não é tão profunda como seria

necessário para encontrar algumas respostas, como é o caso da questão colocada relativamente ao potencial criativo que estas crianças poderiam desenvolver.

Estando toda a população alvo desta investigação familiarizada com os contos de tradição oral, ainda que se encontrassem em diferentes níveis de proximidade, não é possível afirmar se crianças expostas a estas histórias serão mais criativas do que as que delas forem privadas, para tal era necessário ter dois grupos distintos em análise. Verificando-se haver um potencial criativo nas crianças em estudo, que se manifestaram amantes da fantasia, criativas nas suas (re)elaborações de histórias, brincadeiras, diálogos e muito mais, o que seria espetável devido à liberdade oferecida pelos adultos de referência, na exploração da imaginação/fantasia que instiga a criatividade, não existem dados concretos que comprovem que tais comportamentos prevalecerão em ascensão.

Os contos tradicionais, pequenos tesouros da tradição oral, património cultural da humanidade, necessitam ser preservados, trazidos de volta ao nosso quotidiano, resplandecentes na sua essência encantadora e misteriosa, sendo acolhidos e partilhados por todos nós, para que assim perpetuem e não se percam com o silenciar das vozes que tão bem os conhecia.

Compreender e conhecer melhor o maravilhoso universo dos contos populares, a sua carga histórica e simbólica, é um desafio enriquecedor que está ao alcance de todos nós, oferecê-lo a quem se cruza no nosso caminho é uma dádiva.

A realização deste estudo investigativo revelou-se um processo moroso devido a diversos fatores pessoais e profissionais, tendo sido executado de forma faseada.

O tempo proposto para a sua elaboração era deveras escasso, o que comprometeria a qualidade do trabalho, como tal, a redação deste relatório não foi efetuada em conformidade com as datas previstas.

Uma investigação desta natureza pressupõe um olhar sensível e atento sob as situações que serão registadas, assim como uma análise criteriosa, ponderada e bem contextualizada, dos dados recolhidos.

A intervenção no campo de estágio foi profícua e enriquecedora para todos os envolvidos, efetuando-se aprendizagens e experiências conjuntas, numa relação de proximidade. A integração foi tranquila, tendo havido uma ótima receção e aceitação da população em estudo, quanto à minha presença diária no seu contexto de pré-escolar.

O período destinado à recolha de dados foi reduzido, embora se tenha revelado possível de concretizar, num estudo de maior aprofundamento seria necessário passar mais tempo no campo de estágio.

Como em qualquer investigação o processo não foi linear, tendo sofrido alterações mediante novas descobertas, confrontações entre autores e reflexões pessoais.

## Referências Bibliográficas

- Albuquerque, F. (2000). *A Hora do Conto*. Lisboa: Editorial Teorema
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: guia prático e crítico*. Porto: Edições Asa
- Bettelheim, B. (1998). *Psicanálise dos Contos de Fadas* (7ª ed.). Lisboa: Bertrand Editora
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1999). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora
- Branco, M. E. C. (2000). *Vida Pensamento e Obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte
- Cariello, G. (2002). O conto infantil; entre a prática e a teoria. In A. Mesquita (Coord.). *Pedagogias do imaginário* (pp. 51-56). Porto: Edições Asa
- Costa, M. C. (1997). *No Reino das Fadas*. Lisboa: Fim de Século Edições
- Gesell, A. (1998). *A Criança dos 0 aos 5 anos* (3ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote
- Homann, M. & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Marques, M. H. F. (2002). Identidades ficcionais e identidades da criança – sombras brancas em perpétuo recomeço. In A. Mesquita (Coord.). *Pedagogias do imaginário* (pp. 122-134). Porto: Edições Asa
- Parafita, A. (2001). *Antologia de Contos Populares* (Vol. 1). Lisboa: Plátano Editora

Parafita, A. (2005). *O que é a tradição oral*. Recuperado em 15 de Agosto, 2013, em <http://www.trasosmontes.com/alexandreparafita/content/view/13/36/>

Paz, N. (1992). *Mitos e Ritos de Iniciação nos Contos de Fadas* (2ª ed.). São Paulo: Pensamento.

Pires, M. N. C. (2005). *Pontes e Fronteiras, Da literatura tradicional à literatura contemporânea*. Lisboa: Caminho.

Rodari, G. (2006). *Gramática da Fantasia* (6ª ed.). Lisboa: Caminho.

Santos, M. B. (2002). A magia do conto no desenvolvimento integral da criança (algumas ideias subsidiárias). In A. Mesquita (Coord.). *Pedagogias do imaginário* (pp. 116-121). Porto: Edições Asa.

Sim-Sim, I., Silva, A., Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no Jardim-de-Infância: texto de apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Silva, M. I. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Traça, M. E. (1992). *O Fio da Memória, Do Conto Popular ao Conto Para Crianças* (2ª ed.). Porto: Porto Editora.

Vygotsky, L. (2009). *A Imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio D'água

Walsh, D. J., Tobin, J. J., Graue, M. E. (2010). A Voz Interpretativa: Investigação Qualitativa em Educação de Infância. In Spodek, B. (Org.). *Manual de Investigação em Educação de Infância* (pp. 1037-1066). (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## **Anexos**

**NOTA DE CAMPO**

Nº da Nota de Campo:

1

**Situação:** Audição de um conto tradicional**Data:** 7 de Janeiro de 2013**Hora:** 11h10m**Local:** Sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 16 crianças e eu**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 3, 4 e 5 anos**Outros Indicadores de Contexto:** As crianças estavam sentadas no tapete à espera que eu lhes contasse uma história.

Descrição	Inferência
<p>Eu sentei-me no chão, voltada de frente para as crianças.</p> <p>A Guadalupe (4 anos) olhou para mim, levantou as sobrelhas, encolheu os ombros e disse: “Ana esqueceste-te do livro!”</p> <p>Eu retorqui: “Hoje vou contar-vos uma história sem livro.”</p> <p>Algumas crianças riram, outras ficaram imóveis a olhar para mim.</p> <p>O Ivan (4 anos) disse: “Sem livro? Haha!”</p> <p>Em seguida falou a Aurora (4 anos): “Assim como é que vais saber a história?”</p> <p>Eu olhei para as crianças, sorri e depois disse: “As histórias não moram todas nos livros. Para contar uma história não é</p>	<p>A reação, expressão facial e corporal da Guadalupe demonstravam as suas dúvidas quanto ao facto de eu ir contar a história sem livro.</p> <p>As crianças pareciam estar confusas com a situação. Ao mesmo tempo que riam, como se pensassem que eu estava a brincar, aparentavam estar duvidosas do que se estava a passar.</p>

<p>preciso um livro. A história que vos vou contar, eu guardo dentro de mim. Mas têm de fazer silêncio para eu começar.”</p> <p>As crianças sossegaram, ficando em silêncio a olhar para mim.</p> <p>Eu comecei a contar o conto <i>O Coelho Branco</i>.</p> <p>De repente o Lucas (3 anos) diz: “Eu conheço essa história! Eu quero, eu quero ouvir! Shhh..”</p> <p>Sem interrupções eu continuei a contar.</p> <p>Ao longo do desenrolar da história eu fui fazendo diversas expressões faciais, entoações de voz e alguns gestos.</p> <p>Enquanto eu contava a história com expressividade e emoção, as crianças permaneciam sossegadas nos seus lugares, olhando na minha direção.</p> <p>Quando eu fazia as vozes dos animais que o ‘Coelhinho’ encontrava, as crianças riam.</p> <p>Sempre que eu falava na ‘Cabra Cabrês’ elas ficavam em silêncio.</p> <p>Após ter terminado a história eu perguntei-lhes: “Gostaram? Já conheciam a história <i>O Coelho Branco</i>?”</p> <p>Todas as crianças afirmaram ter gostado da história, a maioria disse que não a conhecia.</p> <p>O Lucas disse: “Eu já sabia esta história. A ‘Formiga’ e o ‘Coelhinho’ mataram a ‘Cabra Cabrês’! Podes contar outra vez? Eu gosto muito!”</p> <p>Eu expliquei-lhe que já estava na hora de ir almoçar por isso não podia contar mais nenhuma história.</p>	<p>Nas expressões das crianças eu vi desconfiança e dúvida, mas também curiosidade.</p> <p>Pelo modo como falou, o Lucas demonstrou entusiasmo e alegria por estar a ouvir o conto <i>O Coelho Branco</i>. Ao fazer “Shhh...” parecia querer garantir que ninguém iria fazer barrulho.</p> <p>As crianças escutavam-me com atenção, demonstrando estar interessadas e envolvidas na história.</p> <p>Quando eu falava da ‘Cabra Cabrês’ as expressões das crianças ficavam sérias, denunciando um certo medo; principalmente, nos momentos em que eu fazia voz grossa dizendo: “Eu sou a Cabra Cabrês que te salta em cima e te faz em três!”</p> <p>O Lucas mostrava-se entusiasmado e até mesmo excitado, por eu ter contado uma história que ele conhecia e gostava muito. Na</p>
--	--

<p>A Lara (4 anos) disse: “Só mais uma! Uma pequenina!”</p> <p>Eu olhei para o relógio de parede, e vendo que já era próximo da hora do almoço, voltei-me novamente para as crianças e continuei a falar: “Agora já não temos tempo, tem de ficar para depois. Vá, vamos levantar-nos, lavar as mãos e ir para a mesa.”</p> <p>As crianças levantaram-se e foram fazer o que lhes havia dito.</p>	<p>sua forma de falar era visível o quanto ele vibra com este conto.</p>
---	--

**Comentário:**

A situação relatada é referente à primeira vez que eu contei uma história a este grupo de crianças.

Quando decidi contar um conto tradicional, sem utilizar qualquer suporte físico, corri o risco de não conseguir prender a atenção de todo o grupo, que se mostrou pouco familiarizado com esta prática.

De facto, ao observar a reação das crianças, admiradas e confusas por eu não estar a segurar nenhum livro, presumi que é muito raro os adultos contarem-lhes histórias sem recorrer à leitura de um livro.

Conhecendo ainda pouco estas crianças, não sabia ao certo quais seriam as suas reações, mas mesmo assim arrisquei e lancei-me neste desafio.

Contar histórias pode ser uma excelente forma de nos aproximarmos das crianças, se o fizermos com entrega e paixão.

Ao contar o conto *O Coelho Branco* oralmente, eu tinha a possibilidade de criar um momento mágico e emotivo que me aproximasse mais das crianças, conquistando-as.

Nas palavras de Traça (1992, p.135), segundo Bryant,

Uma história dita é mais espontânea que uma história lida; a corrente simpática (no sentido etimológico da termo) que se estabelece entre o contador e o seu auditório é mais rápida e mais intensa. O contador “impregnado” da história que conta faz chegar ao seu auditório uma história acrescida do seu próprio prazer.

Assim, ao mesmo tempo que mostrei às crianças que as histórias não moram apenas nos livros, que é possível contá-las oralmente sem recorrer à leitura, consegui prender a sua atenção e interesse ao longo do decorrer da narração do conto.

A escolha do conto e a forma expressiva e emotiva com que o contei foi fundamental para o sucesso deste momento.

Segundo Traça (1992, p.139)

É necessário escolher histórias que não sejam demasiado longas, tendo em conta a capacidade de atenção da criança (...) Ao contar a história proceder de um modo simples, lógico, dramático, empenhado.

Para uma primeira experiência com este grupo de crianças de 3, 4 e 5 anos, foi importante não me ter aventurado numa narração longa ou mais complexa.

Fiquei surpresa por apenas uma das criança do grupo conhecer o conto *O Coelho Branco*, acreditava que este era um dos contos tradicionais portugueses mais conhecidos e contados às crianças, em parte por facilmente se encontrar, reescrito por alguns autores, em livros infantis.

No entanto, mesmo sendo a história uma total novidade para a maioria das crianças, as suas reações físicas e verbais revelaram gosto, interesse e entusiasmo pela mesma, e pelo modo como eu a contei. As expressões faciais, os risos, o silêncio, e por fim, a manifestação em querer ouvir mais uma história, foram a prova de que eu conseguira conquistar as crianças.

**NOTA DE CAMPO**

Nº da Nota de Campo:

2

**Situação:** Audição de um conto tradicional**Data:** 15 de Janeiro de 2013**Hora:** 17h**Local:** Sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 16 crianças e eu**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 3, 4 e 5 anos

**Outros Indicadores de Contexto:** As luzes da sala estavam desligadas, havendo apenas um foco de luz direcionado para uma das paredes da ‘casinha’ (placa de madeira com o recorte de uma janela). As crianças estavam sentadas no tapete, voltadas de frente para a parede iluminada, a aguardar que eu lhes contasse uma história, utilizando fantoches.

Descrição	Inferência
<p>Eu estava dentro da ‘casinha’ a separar e preparar os fantoches de dedos e outros utensílios, que iria utilizar para contar a história.</p> <p>As crianças falavam e riam.</p> <p>Com a minha mão fechada, eu bati três vezes na madeira, tentando ‘prender’ a atenção das crianças, para que me ouvissem, sossegassem e fizessem silêncio, preparando-se para ouvir a história.</p> <p>Depois disse: “Atenção, atenção! Sentem-se nos vossos lugares. Shhh... Silêncio, a história vai começar...”</p> <p>As crianças riram e logo em seguida pararam</p>	<p>Pelas suas vozes as crianças aparentavam estar ligeiramente inquietas e excitadas.</p>

<p>de falar, ficando em total silêncio.</p> <p>Eu voltei a bater três vezes na madeira e comecei a contar o conto <i>A Carochinha</i>.</p> <p>Pouco tempo depois, eu ouvi o Lucas (3 anos) a dizer: “Eu conheço esta história!”</p> <p>Eu contei a história manipulando os diversos fantoches e fazendo diferentes entoações de voz, procurando dar maior expressividade à história.</p> <p>Sempre que um novo animal aparecia, eu fazia uma voz diferente, e as crianças riam.</p> <p>Eu apenas as escutava.</p> <p>Ao longo da história, houve momentos em que as crianças permaneceram em silêncio, outros em que se riram e alguns em que falaram baixinho.</p> <p>Quando eu comecei a contar a passagem da história em que o ‘João Ratão’ volta a casa sozinho e diz: “Cheira tão bem! E se eu fosse espreitar o que há no caldeirão. Talvez pudesse provar um pouquinho...”; as crianças começaram a gritar: “Não, não podes! Não podes, não vás!”</p> <p>Através do fantoche do ‘João Ratão’ eu fui falando com as crianças: “Ai, mas eu tenho tanta fome...e cheira tão bem. Eu não vou resistir. Vou só provar um bocadinho.”</p> <p>As crianças continuaram a gritar e de repente eu ouvi a Beatriz (3 anos) a dizer alto: “Não, não. Não podes. Ai, ai vais cair...Não, Não.”</p> <p>Eu deixei cair o ‘João Ratão’ (fantoche) numa panela.</p> <p>Algumas crianças riram outras gritaram: “Oh, não!”</p>	<p>O tom de voz com que o Lucas falou, transmitia o seu entusiasmo por conhecer a história.</p> <p>As vozes, risos e silêncios das crianças denunciavam o seu divertimento, interesse e atenção, no conto.</p> <p>As crianças falavam diretamente com o ‘João Ratão’, como se quisessem evitar que este caísse no caldeirão e assim mudar o fim da história.</p> <p>No geral, as crianças aparentavam estar entusiasmadas e excitadas, por estarem a participar ativamente na história, dialogando com o ‘João Ratão’.</p> <p>A Beatriz, pelo seu tom de voz, demonstrava estar agitada e assustada com o facto de o ‘João Ratão’ cair no caldeirão e morrer.</p>
---	---

<p>A Beatriz continuou: “Não, não.”</p> <p>Entretanto, eu ia continuando a história, e quando mostrei a ‘Carochinha’ (fantoche) as crianças começaram a dizer alto: “O João Ratão está no caldeirão, ele está no caldeirão.”</p> <p>Eu terminei o conto e as crianças riram e aplaudiram.</p> <p>Eu ainda ouvi a Beatriz a dizer: “Não. Eu não gosto.”</p>	<p>As crianças, divertidas, aproveitaram para falar com a ‘Carochinha’.</p> <p>As crianças demonstraram ter gostado do momento e da história.</p> <p>O final da história não agradou à Beatriz.</p>
<p><b>Comentário:</b></p> <p>A situação descrita é referente à primeira vez que utilizei fantoches para contar uma história às crianças deste grupo.</p> <p>Esta atividade resultou de um desafio que me foi proposto pela Educadora, instantes antes do momento destinado à sua realização. Como tal, após uma rápida seleção da história, toda a dinâmica foi sendo criada e desenvolvida por mim de forma improvisada e espontânea, conforme os materiais que havia disponíveis.</p> <p>Com o principal objetivo de proporcionar às crianças um tempo de entretenimento e prazer, para a ocasião escolhi o conto tradicional <i>A Carochinha</i>, narrativa que habitualmente agrada as crianças destas idades, em especial por referenciar de forma divertida diversos animais.</p> <p>No curto período que antecedeu o início da história, as crianças, ansiosas e excitadas com o evento, falavam e riam alto, manifestando alguma inquietação com o tempo de espera. Estando eu dentro da ‘casinha’, não havia um contacto visual direto entre nós, o que propiciou toda esta agitação.</p> <p>Perante tais circunstâncias, sabia que tinha de arranjar uma estratégia para conquistar a atenção das crianças, fazendo-as acalmar. Só assim, se conseguiria criar um ambiente tranquilo, indispensável para eu contar a história.</p> <p>Lembrando-me dos sons e pequenas mensagens que preparam as audiências para o começo</p>	

de certas peças de teatro, espetáculos de circo ou sessões de cinema, eu decidi bater com a mão na madeira para produzir um som inesperado, que certamente surpreenderia as crianças, despertando a sua atenção para o sucedido.

A ideia surtiu o efeito desejado, as crianças aquietaram-se, ficando em completo silêncio pouco depois de eu anunciar que se iria dar início à história.

Logo no princípio, quando o Lucas falou entusiasticamente afirmando conhecer o conto, eu senti que tinha feito uma boa escolha.

A forma expressiva como contei a história, as vozes que criei para cada um dos animais e os divertidos diálogos existentes entre as personagens, foram elementos cruciais para o sucesso daquele momento; creio que a manipulação dos fantoches, só por si, não teria encantado as crianças. Mesmo não conseguindo observar as suas expressões faciais, eu ouvia as vozes das crianças, e desse modo ia-me apercebendo das suas reações ao conto. Através de risos, de interjeições, de sussurros e até mesmo de silêncios, cada criança deixou transparecer o seu gosto e interesse pela história.

Inesperado foi o jeito como as crianças reagiram na altura em que o 'João Ratão' volta a casa, e lambareiro pensa em provar o cozinhado da 'Carochinha'. Quando me deparei com as crianças a falar com o 'João Ratão', não resisti a responder, deixando que se construísse um breve diálogo entre a personagem e os assistentes. Assim permiti que o contar da história se tornasse um processo interativo no qual as crianças tiveram a oportunidade de participar ativamente, tendo algum controle no desenrolar da narrativa.

Segundo Bettelheim (1998, p. 192), "para que contar uma história à criança seja o mais eficaz possível, tem de ser uma coisa interpessoal, modelada pelos que tomam parte nisso".

Em nenhum instante pensei ignorar esta intervenção das crianças, pois ao aceitar e integrar os seus comentários eu contribuía para aumentar a magia do momento.

Naturalmente cada criança se manifestou conforme o que sentiu perante a situação, contudo o entusiasmo e excitação era geral, todos mostravam querer alertar o 'João Ratão' para o perigo de cair no caldeirão.

Apesar de ter permitido esta dinâmica de interação, eu não quis mudar o desfecho da história, por isso deixei cair o 'João Ratão' na panela. Ouvindo os gritos de exclamação e os risos das crianças, pareceu-me que nem todas ficaram surpresas com o acontecido. No entanto a Beatriz revelou-se realmente assustada e aflita com a morte do 'João Ratão'.

Como refere Traça (1992, p. 123), relativamente ao conto "cada criança reage à sua maneira, segundo a sua personalidade, temperamento, imaginação, sensibilidade e «sem dúvida igualmente segundo os dados escondidos do seu inconsciente»".

Algumas crianças ainda se divertiram interagindo com a personagem 'Carochinha', contando o que havia sucedido na sua ausência. Foi interessante a intensidade com que viveram a história até ao fim.

Os aplausos das crianças foram reflexo da sua alegria e prazer com a sessão de conto. Somente a Beatriz afirmou não ter gostado, certamente devido ao final trágico da história.

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

3

**Situação:** Sesta - Audição de um Conto Tradicional**Data:** 28 de Janeiro de 2013**Hora:** 12h30m**Local:** Sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 18 crianças e eu**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 3, 4 e 5 anos**Outros Indicadores de Contexto:** Era hora da sesta, as crianças estavam deitadas nos colchões preparando-se para dormir.

Descrição	Inferência
<p>As crianças, já deitadas nos colchões, estavam em constante movimento, algumas falavam entre si, outras interagiam através de gestos, sons e expressões faciais. A agitação era geral.</p> <p>Com calma e tranquilidade eu disse-lhes que tinham de sossegar, pois era hora de descansar, dormir um pouco, por isso não podiam fazer barulho e tinham de parar de dar voltas na cama.</p> <p>Algumas crianças acalmaram-se mas muitas continuaram irrequietas.</p> <p>Eu disse-lhes que lhes contaria uma história, se me prometessem que ficariam sossegadas, e que assim que eu terminasse todas dormiriam um pouco.</p>	<p>As crianças pareciam querer resistir à ideia de que teriam de dormir.</p> <p>De entre as crianças que se mantiveram buliçosas algumas pareciam estar a testar os meus limites, enquanto outras apenas resistiam ao sono.</p> <p>Quando coloquei a hipótese de contar uma história, as crianças mostraram-se</p>

<p>As crianças foram parando de falar e sossegararam nos colchões.</p> <p>A Alice (4 anos) a Aurora (4 anos) e a Lara (4 anos) disseram: “Conta a história Ana, conta.”</p> <p>Eu disse: “Eu conto, mas não podem fazer barulho.”</p> <p>A Teresa (3 anos) disse: “Ana, eu vou ficar sossegadinha. Não vou fazer barulho.”</p> <p>Depois da Teresa também a Beatriz (3 anos), a Matilde (3 anos) e o Francisco (4 anos) prometeram não fazer barulho.</p> <p>Eu sentei-me no chão no meio da sala, e quando todas as crianças estavam em silêncio, comecei a contar o Conto <i>A Princesa e a Ervilha</i>.</p> <p>Enquanto contei a história, as crianças mantiveram-se em total silêncio, olhando na minha direção, algumas com a cabeça deitada, outras com a cabeça apoiadas sobre os braços ou as mãos.</p> <p>Terminado o conto eu disse às crianças: “Agora vamos descobrir quem são os verdadeiros príncipes e princesas que conseguem dormir nas camas especiais deste castelo. Quando voltar irei ver quem realmente dormiu.”</p> <p>Assim que acabei de falar a Aurora disse: “Ana eu vou dormir. Vou dormir como uma princesa.”</p> <p>Depois da Aurora mais algumas crianças disseram o mesmo, utilizando palavras semelhantes.</p> <p>Eu ouvi todos os comentários e no fim disse:</p>	<p>entusiasmadas com a ideia, aquietando-se para me ouvir.</p> <p>A entoação de voz da Alice, da Aurora e da Lara, assim como as suas expressões faciais, transpareciam ansiedade para que eu comesse a contar a história.</p> <p>A Teresa, a Beatriz, a Matilde e o Francisco, ao prometer que ficariam sossegados, pareciam querer garantir que eu não desistisse da ideia de contar a história.</p> <p>As crianças, deitadas nos colchões, pareciam ter escolhido posições confortáveis para usufruir em pleno do momento.</p> <p>A Aurora demonstrava estar certa de que me iria provar ser uma princesa, ou pelo menos esse pensamento, aparentemente, agradava-lhe muito.</p>
---	---

“Durmam bem meus príncipes e princesas.”

Em seguida, retirei-me da sala.

**Comentário:**

A maioria das crianças deste grupo tende a resistir ao sono quando chega a hora da sesta. Frequentemente este momento do dia torna-se um pouco tumultuoso devido à agitação das crianças que, entre conversas e as mais variadas brincadeiras desafiam os adultos da sala, conseguindo adiar o estabelecer de um ambiente sereno propício à realização da sesta. Por estes motivos muitas vezes é necessário criar estratégias que ajudem na gestão desta situação.

Neste dia, mais uma vez as crianças estavam ligeiramente alvoraçadas, debatendo-se contra a ideia de que teriam de dormir, mostrando alguma indiferença perante o facto de ter chegado a hora do repouso. Observando os seus comportamentos apercebi-me da excitação em que se encontravam, e depressa consciencializei-me que tinha de fazer algo para que se acalmassem. Quando falei com as crianças, explicando-lhes que tinham de sossegar pois a ocasião era para descansar, fi-lo tranquilamente, com seriedade e sem me exaltar, acautelando demais inquietações que poderiam surgir caso eu demonstrasse irritação e impaciência diante dos acontecimentos.

Mesmo depois de me escutarem nem todas as crianças acalmaram, havendo quem continuasse a resistir ao sono, ou até mesmo a testar os meus limites. Constatando que o meu pedido não surtiu o efeito por mim desejado, eu decidi adotar outra estratégia, contar uma história, alertando as crianças que só o faria se me prometessem ficar em silêncio, cada uma sossegada no seu colchão, comprometendo-se a depois dormir um pouco.

Acreditando que o momento de contar histórias pode ser um tempo de tranquilidade, magia e escuta, que ajuda as crianças a serenar, eu estava segura da minha decisão.

Segundo Gesell (1998), as crianças de três e quatro anos gostam de ouvir histórias antes de dormir, podendo descansar melhor depois de escutá-las.

Eu não podia antever em que resultaria a minha proposta, no entanto, considerando os gostos e interesses do grupo, que adora ouvir histórias, naquele instante senti que finalmente conseguiria conquistá-los, convencendo-os a acalmar.

Como havia pressentido, o desfecho foi positivo, as crianças sossegaram, revelando entusiasmo com a possibilidade de ouvirem uma história antes de dormir.

A Alice, a Aurora e a Lara não hesitaram em manifestar-se falando entusiasticamente. As três meninas, quando me pediram para contar a história mostraram-se ansiosas e exultantes com a ideia.

A Teresa, a Beatriz, a Matilde e o Francisco ao prometerem ficar sossegados e em silêncio, pareciam querer comprovar-me que cumpririam o acordo, provavelmente para garantir que eu não desistiria da história.

Quando me sentei no chão no centro da sala, fi-lo para estar mais próxima das crianças, procurando criar um ambiente íntimo e apaziguador onde elas se sentissem seguras para relaxar, sem medo de se renderem ao sono.

Albuquerque (2000, p. 14) refere que o momento do conto é um espaço de “cumplicidade”, um meio de reforçar “laços de afeto e momentos de intimidade”, entre o adulto contador da história e a criança, que com deleite o escuta atentamente.

Assim que dei início ao conto *A Princesa e a Ervilha*, observei as crianças deitadas confortavelmente nos colchões, olhando-me fixamente, mostrando-se atentas a cada uma das minhas palavras. Numa fração de segundos o silêncio instalou-se na sala, ficando o ambiente envolto numa total placidez.

Ao terminar a história eu tentei manter o encanto daqueles instantes; para tal intitulei as crianças de príncipes e princesas, e desafiei-as a conseguirem dormir nas camas reais do castelo. Com a simplicidade desta brincadeira eu quis incentivar as crianças a imaginar, a sonhar, mas essencialmente a dormir tranquilamente, pois afinal era esse o meu principal objetivo.

Perante as reações das crianças apercebi-me da sua entrega aquele momento de fantasia.

A intervenção da Aurora não deixou dúvidas, ela adorou a ideia de poder ser uma verdadeira princesa.

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

4

**Situação:** Brincadeira livre**Data:** 29 de Janeiro de 2013**Hora:** 11h**Local:** Sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 4 crianças e a educadora**Sexo:** Feminino**Idade:** 4 e 5 anos**Outros Indicadores de Contexto:** As crianças estavam a brincar livremente no espaço da sala, utilizando o material da área das trapalhadas (roupas, chapéus, sapatos, malas, etc.).

Descrição	Inferência
<p>A Lara (4 anos), a Guadalupe (4 anos), a Filipa (4 anos) e a Margarida (5 anos) estavam a vestir-se com as roupas e adereços que se encontram na área das trapalhadas.</p> <p>A Lara e a Guadalupe vestiram vestidos, a Filipa vestiu uma túnica e a Margarida vestiu uma camisola e uma saia comprida.</p> <p>Todas as meninas calçaram sapatos com salto e cada uma pegou numa mala.</p> <p>A Margarida colocou um colar no pescoço, a Lara e a Guadalupe puseram, cada uma, duas pulseiras no pulso.</p> <p>A Filipa olhou para as outras meninas e disse: “Ah, eu também quero uma pulseira.”</p> <p>A Guadalupe olhou para a Filipa e disse: “Já</p>	<p>Segundo a minha observação, cada uma das meninas escolheu a sua roupa, sapatos e restantes adereços.</p> <p>A Filipa mostrava-se desanimada por não ter nenhuma pulseira.</p>

<p>não há mais.”</p> <p>A Filipa continuou: “Mas vocês têm duas! Eu não tenho nenhuma!”</p> <p>A Lara tirou uma pulseira do pulso e disse para a Filipa: “Toma, dou-te esta, queres? Assim também tens uma Pulseira.”</p> <p>A Filipa segurou na pulseira e colocou-a no pulso, depois disse: “Obrigada Lara.”</p> <p>De repente a Guadalupe começou a andar e disse: “Estão prontas? Vamos para o nosso castelo.”</p> <p>A Margarida, a Filipa e a Lara seguiram-na e de repente sentaram-se todas num dos tapetes da sala.</p> <p>As meninas continuaram a falar entre si:</p> <p>Filipa – “Vamos dormir, já está muito tarde.”</p> <p>Lara – “Sim as nossas camas de princesa já estão prontas.”</p> <p>Margarida – “Esperem, vou tapar-vos para dormirem melhor.”</p> <p>A Margarida levantou-se e foi buscar uma toalha de mesa à área da casinha. Depois, quando chegou perto da Guadalupe, da Lara e da Filipa, as três meninas deitaram-se e a Margarida tapou-as, deitando-se ao seu lado em seguida.</p> <p>Passado pouco tempo a Guadalupe levantou-se e disse: “Que belo dia! Vou passear nos jardins do castelo. Querem vir comigo princesas?”</p> <p>As outras meninas levantaram-se e as quatro andaram a passear pela sala.</p> <p>Eu fui ouvindo algumas partes das suas conversas:</p>	<p>A expressão facial da Guadalupe, assim como o tom de voz com que falou, revelavam alguma indiferença para com os sentimentos da Filipa. Mesmo tendo duas pulseiras, a Guadalupe não teve a iniciativa de oferecer nenhuma à Filipa.</p> <p>A Lara, ao oferecer a pulseira à Filipa, parecia querer animá-la, fazendo-a sentir-se feliz por também ter uma pulseira.</p> <p>Enquanto se deslocavam, as meninas pareciam sentir-se importantes e belas, abanando-se de um lado para o outro com vaidade.</p> <p>O modo brusco como a Guadalupe se levantou e a convicção com que falou, anunciavam um certo desejo em querer</p>
--	---

<p>Margarida – “Estás muito bonita princesa Lara”</p> <p>Lara – “Obrigada. Tu também princesa Margarida.”</p> <p>Guadalupe – “Olhem as flores, cheiram tão bem. O nosso jardim está muito bonito.”</p> <p>Lara – “Pois está.”</p> <p>Filipa – “Podíamos fazer um piquenique.”</p> <p>Guadalupe – “Boa! Vamos!”</p> <p>As quatro meninas andaram mais um pouco pela sala, depois voltaram para o local onde anteriormente tinham estado deitadas.</p> <p>A Margarida pegou na toalha, que havia usado para tapar as outras meninas, e estendeu-a no chão.</p> <p>A Lara, a Filipa e a Guadalupe foram buscar algumas ‘loiças’ à área da casinha e colocaram-nas sobre a toalha.</p> <p>As quatro meninas sentaram-se no chão, à volta da toalha e começaram a manusear as ‘loiças’, ao mesmo tempo que falavam entre si.</p> <p>Eu apenas ouvi algumas palavras:</p> <p>Guadalupe – “Quem quer chá?”</p> <p>Margarida – “Também há bolo.”</p> <p>De repente a educadora entrou na sala e disse em voz alta: “Vamos arrumar.”</p> <p>As meninas ainda permaneceram mais uns instantes sentadas, até que se levantaram e foram arrumar o que tinham usado.</p>	<p>comandar a brincadeira.</p> <p>Enquanto conversavam, as meninas sorriam com ternura, umas para as outras.</p> <p>As meninas passeavam ‘ vaidosas’ pela sala.</p> <p>Assim que organizaram a mesa, e distribuíram as ‘loiças’, as meninas começaram a conversar, a ‘comer’ e a ‘beber’.</p> <p>Supostamente a educadora disse às crianças para arrumarem por se aproximar a hora do</p>
---	---

almoço.

**Comentário:**

A Lara, a Guadalupe, a Filipa e a Margarida, brincam juntas, diversas vezes. Nos momentos de brincadeira livre, habitualmente organizam-se em pequenos grupos constituídos apenas por meninas; passando grande parte do tempo envolvidas em brincadeiras imaginativas, onde o diálogo e a teatralização não podem faltar.

Neste dia as quatro meninas decidiram explorar a área das trapalhadas, uma prática muito comum entre elas, que adoram “enfeitar-se”, vestir roupas, calçar sapatos de salto alto, usar malas e bijuteria.

Ao observar as crianças a vestirem-se e adornarem-se, reparei no modo como fizeram as suas escolhas autonomamente e de forma organizada. Mesmo perante a falta de uma pulseira para a Filipa, o que poderia ter gerado alguma desavença e agitação, as crianças rapidamente resolveram a situação entre elas.

Assim que as quatro meninas se acabaram de arranjar, mostrando-se contentes com a sua indumentária, naturalmente começaram a construir uma das suas brincadeiras teatrais de faz-de-conta. Os diálogos iam surgindo genuinamente, e a ação ia decorrendo de forma inesperada, mediante as intervenções de cada uma das crianças envolvidas.

Segundo Homann e Weikart (1997, p. 494), “a brincadeira de faz-de-conta tende a ser fluída e flexível e as crianças envolvem-se frequentemente em diálogos complexos, inventando o guião à medida que vão representando”.

A 'história' que as quatro meninas foram criando poderia ser inspirada nos contos de fadas. Intitulando-se de princesas que habitam num castelo, passeando em jardins com flores e fazendo piqueniques onde bebem chá e comem bolos, as crianças demonstravam haver, uma forte presença do universo maravilhoso dos contos de fadas, na sua brincadeira.

Albuquerque (2000, p.110) refere,

(...) ao familiarizar-se com os contos de fadas, a criança aprende a mencionar castelos, princesas, montes e perseguições, perdas e reencontros, com um à-vontade, como se conhecesse na pele todas essas realidades (...)

Acrescido aos elementos acima mencionados, também o tom de voz com que as meninas falavam, calmo e doce, assim como o modo como se deslocavam pela sala, abanando-se

levemente com alguma vaidade e timidez, eram reveladores de estarem a sentir-se verdadeiras princesas.

Sem dúvida esta era mais uma das suas brincadeiras imaginativas, impregnada em fantasia que poderia ter emergido dos contos.

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

5

**Situação:** Almoço**Data:** 1 de Fevereiro de 2013**Hora:** 12h**Local:** Varanda fechada, situada na continuação da sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 4 crianças e eu**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 3 e 4 anos**Outros Indicadores de Contexto:** A maioria das crianças já havia terminado a refeição. Sentadas à mesa já só estavam quatro crianças.

Descrição	Inferência
<p>A Lília (4 anos), a Beatriz (3 anos), o Pedro (3 anos) e o Francisco (4 anos) eram as únicas crianças que ainda estavam sentados à mesa, e tinham à sua frente os respetivos pratos com a comida (peixe cozido com batatas).</p> <p>A Lília e o Francisco comiam muito devagar, entre cada garfada paravam por algum tempo, antes de colocar mais comida na boca.</p> <p>Eu estava a dar a comida à Beatriz.</p> <p>O Pedro ainda tinha a maioria da comida no prato e não comia.</p> <p>Eu olhei para o Pedro e disse: “Então Pedro, não comes?”</p> <p>O Pedro disse: “Quero ajuda.”</p> <p>Eu continuei a falar com ele: “Depois de</p>	<p>A Lília e o Francisco ao demorarem imenso tempo a engolir a comida, demonstravam pouca vontade em comer, possivelmente por não apreciarem o almoço.</p> <p>Também o Pedro não parecia satisfeito com a comida e provavelmente a Beatriz ia comendo por ter a minha ajuda.</p>

<p>ajudar a Beatriz ajudo-te a ti, mas tens de começar a comer sozinho. Tu consegues, vá lá.”</p> <p>O Pedro continuou a não comer.</p> <p>Tentando convencer o Pedro a começar a comer sozinho, calmamente disse-lhe: “Tens de comer Pedro. Eu ajudo-te, mas também tens de ajudar a Ana, eu não consigo fazer tudo ao mesmo tempo. Tu sabes comer tão bem sozinho, já estás tão crescido! Vá, eu já me vou sentar ao teu lado.”</p> <p>O Pedro olhou para mim e disse: “Podes contar uma história? A dos <i>Três Porquinhos</i>. Conta Ana, conta.”</p> <p>Eu respondi-lhe: “Humm...não sei. Tu não estás a comer, a Lília e o Francisco estão a demorar muito tempo e a Beatriz...ai, ai! Está quase na hora de irem dormir e nós ainda estamos aqui! Eu conto a história se começarem a comer depressa.”</p> <p>A Beatriz olhou para mim e disse: “Sim, sim, os <i>Porquinhos!</i>”</p> <p>As quatro crianças olharam para mim, o Pedro começou a comer sozinho e o Francisco e a Lília colocaram, cada um, uma garfada na boca.</p> <p>Eu comecei a contar o conto <i>Os Três Porquinhos</i> ao mesmo tempo que ia dando a comida à Beatriz.</p> <p>As crianças foram comendo sozinhas, mas devagar.</p> <p>De repente ao constatar que as crianças estavam a demorar muito tempo a mastigar eu parei de contar a história. Logo em</p>	<p>O Pedro aparentava não estar disposto a comer sozinho.</p> <p>A Beatriz parecia animada com a ideia de ouvir o conto <i>Os Três Porquinhos</i>.</p> <p>O Pedro, a Lília e o Francisco pareciam querer mostrar-me que estavam a comer sozinhos, presumivelmente para me convencer a contar-lhes a história.</p>
--	---

<p>seguida, falando calmamente mas com uma expressão séria, eu disse-lhes: “Vocês não estão a comer como combinado. Assim os ‘porquinhos’ vão parar de construir a casa e vão-se embora, e o ‘lobo’ vai atrás deles. E sem eles...eu não vou poder contar a história. Não, não! Como é que vamos fazer?”</p> <p>O Pedro riu-se e disse: “Podes, podes!”</p> <p>De forma assertiva e com um tom mais ríspido, eu continuei a falar: “Se não começam a comer bem e depressa, não conto a história.”</p> <p>A Beatriz falou: “Sim. O lobo vai soprar a casa dos porquinhos!”. Logo de seguida soprou, olhou para mim e disse: “Ana conta.”</p> <p>O Pedro também soprou e depois riu-se.</p> <p>A Lilia e o Francisco disseram: “Ana, nós vamos comer tudo. Podes contar a história?”</p> <p>Eu olhei para as crianças e disse: “Eu conto, mas têm de se despachar, combinado? Quero ver quem começa a comer primeiro.”</p> <p>O Pedro, a Lilia e o Francisco pegaram cada um no seu garfo e começaram a comer.</p> <p>Eu comecei a contar o conto do início, ao mesmo tempo que dava a comida à Beatriz.</p> <p>O Pedro, a Lilia e o Francisco foram comendo sozinhos.</p> <p>Eu contei a história até ao fim.</p> <p>A Beatriz comeu sempre com a minha ajuda, enquanto as outras três crianças comeram tudo sozinhas e sem grandes demoras.</p>	<p>O Pedro parecia divertir-se com o que eu acabara de dizer, não acreditando que eu estava a falar a sério.</p> <p>A Beatriz recordava a história com entusiasmo. Quando soprou, fê-lo com força, parecia querer representar o lobo a tentar deitar a casa dos porquinhos abaixo.</p> <p>O Pedro parecia divertir-se a imitar a Beatriz. A Lilia e o Francisco mostravam querer convencer-me, novamente, a contar a história.</p> <p>As crianças apresaram-se a começar a comer, provavelmente para que eu não desistisse de lhes contar a história.</p> <p>Enquanto comiam, as crianças iam olhando para mim mostrando-se atentas à história.</p>
---	---

**Comentário:**

O modo como a refeição do almoço decorre é uma surpresa diária. Entre conversas, descontentamentos com a ementa, pedidos de ajuda para comer e outros pequenos acasos pontuais, cada criança vai comendo ao seu ritmo, sendo que, inevitavelmente há sempre quem prolongue indefinidamente a duração da sua refeição.

Para uma melhor gestão e organização do tempo destinado para o almoço, frequentemente eu crio estratégias que ajudem a contornar e resolver algumas das situações acima referidas.

Neste dia a Lília, a Beatriz, o Pedro e o Francisco foram as crianças que mais tempo demoraram para comer, muito provavelmente por não apreciarem o peixe cozido que esfriava nos seus pratos, tornando-se ainda menos apetitoso.

Enquanto eu dava a comida à Beatriz, a Lília e o Francisco iam comendo sozinhos mas muito devagar; já o Pedro simplesmente não comia.

Habitualmente incentivo as crianças a comerem sozinhas, promovendo assim a sua autonomia, no entanto, mediante as circunstâncias, há casos em que não nego alguma ajuda. A Beatriz é a criança mais nova da sala e a que mostra maior resistência em comer; para ela o momento da refeição pode tornar-se um verdadeiro martírio. Na tentativa de amenizar esta situação, por vezes dou-lhe a comida, pois acredito que instintivamente, aos poucos, ela deixará de pedir o meu auxílio.

Perante o cenário que se apresentava à minha frente eu sabia que tinha de fazer algo para que as crianças comessem a comer mais depressa.

Assim que o Pedro solicitou a minha ajuda para comer eu não lha neguei, porém, alegando que só o faria depois da Beatriz terminar o seu almoço, desafiei-o a começar a comer sozinho. Falando calmamente, eu tentei incentivá-lo com o meu discurso, apesar de ele não manifestar grande vontade em mudar de atitude.

Quando o Pedro me pediu para contar uma história eu fiquei reticente em atender ao seu desejo, temendo que as crianças se distraíssem e ainda demorassem mais tempo a comer. Contudo eu pretendia que o Pedro comesse sozinho, e por instantes pensei que uma história poderia ser um bom estímulo.

Acreditando que conseguiria alcançar os meus objetivos, aproveitei a oportunidade e declarei que contaria uma história se todos comessem a comer depressa e bem.

A Beatriz logo se mostrou entusiasmada em ouvir o conto *Os Três Porquinhos*, uma das histórias que mais vezes me pede para contar.

Revelando-se entusiasmados com a ideia, a Lília, o Francisco e o Pedro, começaram a comer sozinhos.

Aparentemente tudo estava devidamente encaminhado e a situação controlada. Esperançada, eu iniciei o contar da história.

Todavia, contrariamente ao esperado, mas sem me surpreender, pouco tempo depois as crianças voltavam ao mesmo ritmo lento de antes.

Compreendi que tinha de mudar o meu procedimento, por isso interrompi a história imediatamente. Procurando inverter a situação, eu olhei seriamente para as crianças e após dizer-lhes que não estavam a cumprir o prometido, arrisquei utilizar uma das minhas habituais estratégias, elaborar um discurso fantasioso.

Ao afirmar que não poderia contar a história porque os ‘três porquinhos’ e o ‘lobo mau’ iriam embora, desiludidos por não os ver comer, eu falava das personagens do conto como se tivessem vida própria e pertencessem à realidade do nosso mundo. Apelando deste modo ao imaginário das crianças, criando um certo ambiente de magia, tinha a esperança de as incentivar a comer o mais depressa possível.

O Pedro não se rendeu às minhas palavras, divertindo-se com o meu discurso afirmou que eu ainda era capaz de contar a história.

Como refere Bettelheim (1998, p. 85), as crianças não tomam as histórias dos contos como a “verdade da realidade exterior”.

Eu tinha consciência, que naturalmente o Pedro sabia que o que eu dizia não era verdade, no entanto as crianças tendem a gostar deste género de conversas, as quais resultam muitas vezes quando um adulto quer convencê-las a fazer algo.

Colocando de lado as conversas inventivas, senti necessidade de ser mais assertiva e ríspida na forma de falar com as crianças, por isso fiz o ultimato – “Se não começam a comer bem e depressa, não conto a história.”

Apesar dos acontecimentos as crianças não desanimaram. Tentando não perder a oportunidade de se deliciarem com um pedacinho do universo mágico dos contos, a Lília, o Pedro e o Francisco, começaram a comer sozinhos.

De novo iniciei a história, contando-a até ao fim.

Enquanto me ouviam atentamente, as crianças foram comendo sozinhas.

O deleite em ouvir a história mostrou-se superior a tudo.

Segundo Traça (1992, p. 136), “contar histórias é, antes do mais, uma arte da distração, que

tem como objetivo primordial o prazer do ouvinte”.

As crianças, esquecidas do quanto a ementa lhes desagradava, quase sem se aperceberem, comeram tudo sozinhas e sem mais interrupções.

**NOTA DE CAMPO**

Nº da Nota de Campo:

6

**Situação:** Sesta**Data:** 4 de Fevereiro de 2013**Hora:** 13h**Local:** Sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 1 criança e eu**Sexo:** Feminino**Idade:** 4 anos**Outros Indicadores de Contexto:** Era hora da sesta e a maioria das crianças já dormia.

Descrição	Inferência
<p>Deitada no seu colchão, a Alice começou a imitar sons.</p> <p>Eu estava sentada junto a uma criança que ainda não tinha adormecido. Ao ouvir a Alice pedi-lhe que não fizesse barulho e disse-lhe para tentar dormir um pouquinho. A Alice continuou a imitar sons e a cantarolar ao mesmo tempo que se virava na cama.</p> <p>Eu disse à Alice para parar pois ia acordar os outros meninos.</p> <p>A Alice perguntou-me: “Ana, podes vir para ao pé de mim?”</p> <p>Eu respondi-lhe: “Posso, depois de adormecer o Pedro, mas não podes fazer barulho, senão ele não consegue dormir.”</p> <p>A Alice parou por momentos mas depois começou a levantar o edredão e a chamar-</p>	<p>Ao emitir os sons a Alice parecia querer a minha atenção.</p> <p>Os sons produzidos pela Alice aparentavam ser provocatórios principalmente pelo facto de ela alterar o volume da sua voz.</p> <p>Ao pedir-me para ir para ao pé dela a Alice falou calmamente ‘arrastando’ a voz num tom meloso.</p> <p>A Alice indicava estar impaciente.</p>

<p>me.</p> <p>Eu disse-lhe: “Alice se continuas a fazer barrulho não posso ir para ao pé de ti. Quanto mais barrulho fazes mais tempo o Pedro demora a adormecer. Tens de esperar sem fazer barrulho.”</p> <p>A Alice parou por um tempo e depois destapou-se e recomeçou a imitar sons.</p> <p>Quando vi que o Pedro já dormia levantei-me, fui ter com a Alice e disse-lhe: “Assim fico triste contigo. Sabes que não podes fazer barrulho, a Ana explicou-te e tu não fizeste o que te pedi.”</p> <p>A Alice fez um som e disse: “Ana, senta-te ao pé de mim.”</p> <p>Eu tapei-a, deitei-me no chão ao seu lado e disse-lhe: “Tens de tentar dormir um pouquinho ou então só descansas, mas não podes fazer barulho.”</p> <p>A Alice virou a cabeça para um lado e para o outro e fez um som.</p> <p>Eu perguntei-lhe se queria que eu lhe contasse uma história.</p> <p>A Alice respondeu: “Sim.”</p> <p>Eu contei-lhe a história <i>A Princesa e a Ervilha</i>. Enquanto lhe contava a história ela deu-me a mão. Quando terminei a Alice pediu-me que lhe contasse outra história. Eu disse-lhe que contava mais uma e depois ela tinha de tentar dormir um pouquinho.</p> <p>Eu contei-lhe a história <i>A Menina dos Caracolinhos Dourados e os Três Ursos</i>.</p> <p>Depois da história a Alice voltou-se de barriga para baixo e adormeceu.</p>	<p>A Alice não respeitou os meus pedidos, aparentando ignorá-los.</p> <p>O som produzido pela Alice parecia representar algum aborrecimento, talvez por eu lhe ter dito que estava triste ou simplesmente por ela não querer dormir.</p> <p>Apesar de já me ter ao seu lado, a Alice fazia algum barrulho em tom de desafio, parecendo estar a testar a minha reação.</p> <p>Quando lhe propus contar uma história ela acalmou.</p> <p>Enquanto eu contava a história a Alice ouvia-me atentamente.</p> <p>A sua expressão aparentava maior tranquilidade.</p>
--	--

**Comentário:**

Habitualmente a Alice faz alguma resistência ao sono na hora da sesta.

Poderia pensar que o facto de ela demonstrar não querer dormir fosse por não ter sono, mas na verdade, a Alice é uma das crianças do grupo que dorme pouco à noite.

Sempre que consigo fico junto das crianças que me pedem até adormecerem, mas na realidade não é possível atender a todos os pedidos ao mesmo tempo, tendo as crianças de esperar pela sua vez.

Na tentativa de que a Alice se acalmasse e não acordasse as outras crianças respondi às suas 'chamadas de atenção', pedindo-lhe que não fizesse barulho e explicando-lhe o porquê, contudo o seu comportamento só mudou quando me aproximei dela deitando-me ao seu lado. Ao ir ao encontro do seu desejo (ter-me ao seu lado) a Alice sossegou, apesar de parecer decidida a não dormir.

Pensando numa forma de a tranquilizar, ajudando-a a descansar e dormir um pouquinho, lembrei-me do aconchego que uma história pode oferecer antes de dormir, ao mesmo tempo que nos transmite serenidade e nos faz sonhar.

Segundo Santos (1991, citado por Branco, 2000, p. 434)

(...) a melhor maneira de combater as insónias nas crianças será conversar com elas, ou facilitar-lhes o desenvolvimento do seu imaginário no sentido das histórias que se contam e da literatura infantil, quando ela é adequada e facilita esses mecanismos do sono (...)

Depois de ouvir as histórias a Alice deixou de combater o sono conseguindo adormecer.

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

7

**Situação:** Brincadeira livre**Data:** 6 de Fevereiro de 2013**Hora:** 10h**Local:** Sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 4 crianças e eu**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 3 e 4 anos**Outros Indicadores de Contexto:** As crianças estavam a brincar na área da casinha, espaço localizado num dos cantos da sala e delimitado por duas grandes placas de madeira, onde há uma porta e três janelas.

Descrição	Inferência
<p>A Teresa (3 anos), a Matilde (3 anos), o Pedro (3 anos) e o Francisco (4 anos) estavam dentro da 'casinha'.</p> <p>Eu espreitei por uma das janelas da 'casinha' e o Francisco gritou: "O lobo!"</p> <p>Eu bati à porta e a Teresa perguntou: "Quem é?"</p> <p>Falando com um tom grave e assustador eu respondi: "É o lobo! Abre a porta para eu entrar!"</p> <p>As crianças gritaram: "Ahhh..."</p> <p>Eu voltei a bater à porta. O Pedro e o Francisco espreitaram por uma das janelas e eu escondi-me do outro lado da casinha. Os dois rapazes riram-se.</p>	<p>As quatro crianças estavam a brincar.</p> <p>As crianças demonstravam estar excitadas com a brincadeira. Divertindo-se, ao mesmo tempo que se assustavam, e provavelmente sentiam algum medo.</p>

<p>Tentando assustar as crianças eu aproximei-me de uma janela e disse: “Grrr...Eu sou o lobo mau, deixem-me entrar! Eu vou comer-vos ao jantar!”</p> <p>As crianças voltaram a gritar: “Ahhh...”</p> <p>O Francisco e o Pedro vieram à janela e disseram: “Não vais não. Xô, vai embora lobo.”</p> <p>A Teresa e a Matilde espreitaram por outra janela dizendo: “Vai embora Lobo. Vai, vai, Aqui não entras.”</p> <p>Eu fui-me escondendo, andando de um lado para o outro, em redor das paredes da ‘casinha’.</p> <p>Mais uma vez eu voltei a bater à porta, mas rapidamente afastei-me da ‘casinha’ e fui sentar-me numa cadeira junto da mesa da sala.</p> <p>Lá dentro as crianças gritaram: “Ahh... é o lobo.”</p> <p>A Teresa disse: “Quem é? Não vais entrar lobo!”</p> <p>Eu continuei sentada.</p> <p>A Teresa espreitou pela janela e disse: “Já foi embora.”</p> <p>A Matilde também foi espreitar pela janela, olhou para mim e disse: “Está ali. Ahhh...”</p> <p>Eu não disse nada. A Matilde voltou para dentro da ‘casinha’.</p> <p>Eu ouvi as crianças a rir.</p> <p>Entretanto levantei-me devagar e fui até junto de uma das janelas da ‘casinha’, aproximei-me bem e gritei: “Grrr...”, baixando-me logo em seguida.</p>	<p>O Pedro e o Francisco falavam com muita convicção.</p> <p>As meninas pareciam querer reforçar o que o Pedro e o Francisco haviam dito, garantindo que o ‘lobo’ ouvisse bem o recado.</p> <p>Pelo seu tom de voz, a Teresa, aparentava estar segura do que dizia.</p> <p>A Matilde foi confirmar se o ‘lobo’ já não estava ali.</p> <p>Os risos das crianças eram sinal do seu desejo em continuar a brincadeira. Provavelmente elas aguardavam o meu regresso, ou melhor, o do ‘lobo’.</p>
---	---

<p>O Pedro espreitou pela janela e eu levantei-me ao mesmo tempo, gritando de novo: “Grrr...”</p> <p>O Pedro entrou dentro da ‘casinha’ a gritar: “Ahhh...O lobo, o lobo está lá fora.”</p> <p>Enquanto isso eu já me tinha ido sentar de novo na cadeira.</p> <p>A Teresa disse: “ Eu vou lá!”</p> <p>Eu ouvi o Pedro e o Francisco a rir.</p> <p>A Teresa entreabriu a porta e espreitou para fora da casinha. Depois saiu, olhou na minha direção e disse: “Ai, ai, lobo! Não vens mais aqui, vai embora. Não entras na nossa casa!”, e rapidamente voltou-se de costas para mim entrando na ‘casinha’.</p> <p>Eu não voltei a ir até à ‘casinha’.</p> <p>As crianças ainda vieram espreitar à janela mais uma vez, mas depressa voltaram para dentro e continuaram a brincar.</p>	<p>O Pedro assustou-se comigo.</p> <p>A Teresa falou com convicção.</p> <p>A Teresa falava alto e com seriedade, aparentando querer mostrar-me que não tinha medo do ‘lobo’.</p> <p>As crianças, ao espreitarem pelas janelas, evidenciavam estar a certificar-se de que a brincadeira tinha terminado.</p>
<p><b>Comentário:</b></p> <p>Nos momentos de brincadeira livre a área da casinha é um dos locais mais disputados entre as crianças, tornando-se um dos principais cenários das suas brincadeiras imaginativas. Sempre que possível eu vou acompanhando as brincadeiras das crianças, observo os seus comportamentos, atitudes, escuto os seus diálogos, e mediante as situações, por vezes interajo com elas. Gosto de aproveitar estas ocasiões para me ir inteirando dos gostos e interesses das crianças a par do seu desenvolvimento integral.</p> <p>Neste dia, quando espreitei pela janela da casinha eu apenas pretendia observar e conversar com as crianças. No entanto, assim que o Francisco me apelidou de ‘lobo’ eu não resisti em entrar na brincadeira e rapidamente encarnei o papel que acabara de me ser atribuído.</p>	

Como defensora da importância de deixar as crianças pensar e criar imaginativamente, eu não podia negar a oportunidade de participar em uma das suas brincadeiras envoltas em fantasia.

Segundo Homann e Weikart (1997, p.495),

É importante que os adultos apoiem a brincadeira de representação de papéis e de faz-de-conta das crianças, dando-lhes materiais e adereços apropriados, observando e ouvindo a brincadeira de faz-de-conta, e interagindo com elas como parceiros, sempre respeitando o ritmo que as crianças destinaram.

Aceitando este desafio eu também estaria a contribuir para o desenvolvimento da imaginação das crianças.

A brincadeira foi progredindo naturalmente.

Com gosto eu entreguei-me à causa e fui investindo na minha personagem, tentando sempre ser bastante verosímil. Como um 'lobo' feroz, faminto e ameaçador, eu interagi com a Matilde, a Teresa, o Pedro e o Francisco, fazendo grunhidos e falando com uma voz grave e medonha. Além disso fui-me escondendo e afastando para criar algum suspense, ambicionando assustar as crianças com as minhas manifestações repentinas e inesperadas. É interessante pensar na facilidade com que a personagem 'lobo' foi selecionada para fazer parte deste jogo do faz-de-conta. Mesmo tendo-me sido entregue a representação desta figura, as crianças, ao fazer esta escolha revelaram o seu interesse e gosto pelo famoso 'lobo mau', entidade presente em muitos contos.

Albuquerque (2000, p. 29), refere que, "(...) até aos 4 anos, as crianças parecem gostar sobretudo das histórias, onde a presença do Lobo Mau lhes garante um contacto com o Mal, mas um triunfo final do Bem (...)".

Provavelmente inspirados nas narrativas de onde conhecem tão bem o 'lobo mau', as crianças foram construindo a sua brincadeira imaginativa em conjunto comigo.

No desenrolar dos acontecimentos, a Teresa, a Matilde, o Pedro e o Francisco foram experimentando sensações como o medo, o susto, a alegria e o prazer de desafiar e enfrentar o malvado lobo. Os quatro petizes, excitados com a brincadeira, gritavam e riam mediante o que sentiam no momento.

Entre o desejo de conviver com o 'lobo', e a vontade de o vencer, as crianças foram-no enfrentando de diversas formas. Sempre que espreitavam pela janela, ao mesmo tempo que tencionavam certificar-se se o 'lobo' já tinha ido embora, pareciam esperar vê-lo novamente; naturalmente por quererem prolongar a brincadeira.

Quando a Teresa abriu a porta da casinha e começou a falar alto olhando na minha direção com uma expressão séria, eu sentia sua determinação em demonstrar que não tinha medo do 'lobo', sendo capaz de o superar. Perante a situação eu decidi que era o momento oportuno para fazer desaparecer o 'lobo', como tal não voltei à casinha.

Como nas histórias de final feliz, também aqui o bem triunfara.

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

8

**Situação:** Audição de um Conto Tradicional**Data:** 12 de Abril de 2013**Hora:** 11h**Local:** Sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 18 crianças e eu**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 3, 4 e 5 anos**Outros Indicadores de Contexto:** As crianças estavam sentadas no tapete esperando que eu lhes contasse uma história.

Descrição	Inferência
<p>Eu sentei-me de joelhos em frente das crianças; estava descalça e tinha um alforge ao ombro.</p> <p>Todas as crianças olhavam na minha direção. A Teresa (3 anos) olhou para mim e perguntou-me: “Ana, porque estás descalça? Porque não calças os teus sapatos?”</p> <p>Algumas crianças riram.</p> <p>Eu disse-lhe: “Shhhh...vamos descobrir.” Em seguida comecei a cantar: “No alforge do burrinho (...) ninguém sabe o que ele tem”.</p> <p>Assim que terminei aproximei-me do Lucas (3 anos) e abri um dos bolsos do alforge. O Lucas olhou para mim e riu, ao mesmo tempo que colocou as mãos em frente da sua boca.</p> <p>Falando baixinho, quase em segredo, eu</p>	<p>As crianças pareciam curiosas e admiradas com a minha indumentária.</p> <p>A Teresa demonstrou estar confusa pelo facto de eu estar descalça, provavelmente por não estar habituada a ver-me contar histórias deste modo, sem calçado.</p>

<p>disse-lhe: “Mostra o que está lá dentro.”</p> <p>O Lucas colocou a mão no alforje e tirou duas meias, que me deu para a mão. Algumas crianças riram, outras ficaram de olhos arregalados e com a boca semiaberta. Eu segurei nas meias e calcei-as, ao mesmo tempo que comecei a contar o conto <i>O Velho, o Rapaz e o Burro</i>.</p> <p>De repente quando olhei na direção do José (4 anos), do António (4 anos) e do Ivan (4 anos) escutei o que falavam entre eles:</p> <p>José – “Onde é que está a história? Como é que a Ana sabe contar a história?”</p> <p>Ivan – “Não sei.”</p> <p>António – “A história está lá dentro.”</p> <p>Ao mesmo tempo que falou, o António apontou na minha direção.</p> <p>Eu não parei de contar a história.</p> <p>O António, o José e o Ivan pararam de falar. No desenrolar do conto eu fui fazendo diversas entoações de voz, expressões faciais e alguns gestos.</p> <p>Ao longo da história, todas as crianças se mantiveram sossegadas, tendo rido em alguns momentos, como por exemplo, o instante em que eu referi a palavra ‘povo’.</p>	<p>O Lucas não compreendeu de imediato que era para tirar as meias do alforje, por isso eu senti necessidade de lhe pedir que o fizesse.</p> <p>As crianças mostraram-se admiradas ao verem as meias, ao mesmo tempo que pareciam vibrar com o efeito surpresa. Divertidas, observavam-me enquanto calçava as meias.</p> <p>O José aparentava estar desorientado, e talvez até perplexo, por eu estar a contar a história com um alforje ao ombro e sem livro.</p> <p>O António respondeu ao José, muito seguro de que a história estava dentro do alforje.</p> <p>A reação que algumas crianças tiveram ao ouvir a palavra ‘povo’, revelou o seu desconhecimento relativamente a este vocábulo.</p>
<p><b>Comentário:</b></p> <p>Nesta sessão de conto, eu arrisquei fazer uma dinâmica de iniciação à história diferente do que as crianças estão habituadas. Pretendendo criar um ambiente íntimo e sereno, envolto em encanto e mistério, eu sentei-me no chão perto da crianças, cantei uma rima adequada à</p>	

história e à ocasião, e usei um alforge e duas meias de lã, como 'objetos mágicos' e introdutores do conto.

Quando me sentei e observei que as crianças me olhavam com expressões de admiração e curiosidade, primeiramente pensei que tal comportamento se devia ao facto de eu ter um alforge ao ombro. Porém, assim que a Teresa me questionou em relação a eu estar descalça, e em seguida algumas crianças riram, eu compreendi que afinal era esse o principal motivo da contemplação.

Querendo preservar a magia da surpresa que havia preparado para o momento, com argúcia contornei a questão, e sem dar grandes explicações à Teresa, deixei as crianças na expectativa de que em breve iriam descobrir a resposta. Deste modo, não deixei espaço e tempo para dispersarem com as suas dúvidas, e dando seguimento à dinâmica que havia estruturado, consegui manter a atenção e interesse das crianças direcionado a mim.

No instante em que me aproximei do Lucas, com o propósito de ele retirar as meias do alforge, fiquei surpreendida com a sua reação. O menino, após espreitar para dentro do bolso do alforge, parecia perplexo com o que acabara de ver, e fitando-me com uma expressão de cumplicidade como se eu estivesse a partilhar algo secreto, ele deixou transparecer alguma inquietação por não saber o que fazer. Perante as circunstâncias, instintivamente, falei em sussurro com o Lucas pedindo-lhe para mostrar o que estava escondido, prosseguindo naturalmente com o controle da situação e assegurando que o efeito surpresa não se dissipasse.

Foi evidente o fascínio das crianças ao verem as meias, claramente não pelo objeto em si, mas por ser algo inesperado naquele momento. Extasiadas com o sucedido, ainda se divertiram mais observando-me calçar as meias de lã. A magia da fantasia imperava no ambiente envolvente.

A forma como interliguei os diversos elementos (rima, alforge, meias, história, etc.), conferiu maior encanto à sessão de conto, ao mesmo tempo que estimulou a imaginação das crianças, fazendo-as sonhar.

Quando escutei o José, o Ivan e o António a segredar, fiquei maravilhada com os seus pensamentos. Apesar de não ser a primeira vez que me ouvia contar um conto sem qualquer suporte escrito, o José revelou-se ligeiramente confuso com o desenrolar dos acontecimentos, questionando os amigos como era possível eu saber contar a história sem ter um livro. Curiosamente, o Ivan não soube dar qualquer resposta, já o António, afirmou que a história estava dentro do alforge, revelando-se convicto de que era esse o meu auxiliar mágico.

Procurando não interferir na conversa dos três meninos, agi naturalmente como se nem os

tivesse ouvido falar, respeitando “(...) as suas atitudes reflexivas de interiorização e fantasia”, como João dos Santos (citado por Branco, 2000, p. 211) defende que um “educador consciente” deve fazer.

Assim deixei o José e o Ivan aceitarem a explicação do António como verdade.

Eu contei a história com expressividade e emoção, aproveitando as potencialidades da minha voz e do meu corpo, entregando-me totalmente ao papel de contadora. Deste modo cativei o interesse das crianças, que seduzidas pela envolvimento do momento, ouviram-me atentamente.

Como refere Albuquerque (2000, p. 97), “as crianças mais pequenas, de 3/4 anos, escutam atentamente: olhos pregados no Educador, bebem com concentração cada palavra, e seguem as ondulações da história, não só com um olhar interessado, mas também conivente (...)”.

Mais uma vez se comprovou a total entrega das crianças à sessão de conto, principalmente se esta for dirigida por um conhecido e afetuoso contador.

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

9

**Situação:** Sesta**Data:** 12 de Abril de 2013**Hora:** 14h45m**Local:** Sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 3 crianças e eu**Sexo:** Feminino**Idade:** 4 e 5 anos**Outros Indicadores de Contexto:** Aproximava-se a hora de levantar. A maioria das crianças ainda estava a dormir.

Descrição	Inferência
<p>A Alice (4anos), a Margarida (5anos) e a Lara (4 anos) tinham acordado há pouco tempo e estavam deitadas nos respetivos colchões.</p> <p>Eu estava sentada entre o colchão da Alice e o da Margarida, à minha frente estava deitada a Rita.</p> <p>A Alice olhou para mim e disse: “Ana podes contar uma história?”</p> <p>Eu respondi-lhe: “Não posso. Agora não podemos falar, ainda há muitos meninos a dormir e eu não quero acordá-los.”</p> <p>A Margarida olhou para mim e disse: “Podes contar baixinho, só para nós ouvirmos. Eles não acordam.”</p> <p>A Lara e a Alice acrescentaram: “Sim. Vá lá Ana, conta.”</p>	<p>A Margarida, a Lara e a Alice falavam docemente comigo, provavelmente na tentativa de que eu cedesse aos seus pedidos.</p>

<p>Eu olhei para elas e sorri.</p> <p>A Alice sentou-se e abraçou-me.</p> <p>Eu disse à Alice para se deitar e não fazer barulho. Depois, através de gestos que fui fazendo com as minhas mãos, eu comecei a contar a história <i>O Velho, o Rapaz e o Burro</i>.</p> <p>A Margarida olhou para mim e perguntou-me: “Ana, o que estás a fazer?”</p> <p>Eu estiquei o dedo indicador e coloquei-o em frente ao nariz, em sinal de silêncio. Em seguida continuei a contar a história fazendo gestos com as mãos.</p> <p>De repente a Alice disse: “Estás a contar a história do velho e do burro. É não é?”</p> <p>A Lara olhou para mim e disse: “Pois é!”</p> <p>Depois riu-se.</p> <p>Entretanto a Margarida também se riu.</p> <p>Eu disse: “Shhh...”; fiz mais alguns gestos e terminei a história abrindo os braços.</p> <p>Depois, falando baixinho perguntei-lhes: “Gostaram da história?”</p> <p>As três meninas sorriram para mim. Eu levantei-me e fui dar um beijinho a cada uma delas.</p> <p>A Alice sentou-se e perguntou-me: “Eu adivinhei. Era a história que contaste hoje de manhã não era? Aquela do velho, do rapaz e do burro. Quando mexias os dedos era o burro a andar.”</p> <p>Eu olhei para a Alice e disse: “Sim adivinhas-te.”</p> <p>Entretanto já eram horas de levantar, e outras crianças começaram a acordar. Eu disse às meninas que já se podiam calçar e ir</p>	<p>A Margarida quando olhou para mim parecia confusa, demonstrando não estar a entender o que eu estava a fazer.</p> <p>A Alice, quando adivinhou o que eu estava a fazer, tinha os olhos arregalados, um sorriso nos lábios e uma expressão de alegria e satisfação. Naturalmente estaria contente com a sua descoberta.</p> <p>Aparentemente a Alice acompanhou e compreendeu a história, tendo ‘decifrado’ alguns dos meus gestos.</p>
---	---

à casa de banho. Elas assim o fizeram.	
--	--

**Comentário:**

O período da sesta tem um horário pré-estabelecido, no entanto, as crianças têm diferentes necessidades de sono, o que se reflete na variação de tempo que cada uma dorme. Apesar de só se levantarem quando o momento do repouso termina, naturalmente as crianças vão acordando a horas distintas, acontecendo terem de esperar deitadas no seu colchão, sossegadas e em silêncio.

Neste dia, quando a Alice, a Margarida e a Lara acordaram, ainda faltava algum tempo para terminar a hora da sesta.

Nestas ocasiões, frequentemente as crianças pedem-me para estar junto a elas, na expectativa de ter o meu aconchego, companhia e atenção quase exclusiva, ficando mais tranquilas assim que me têm por perto. Consciente deste facto, ao aperceber-me que as meninas estavam a despertar, eu decidi sentar-me entre os seus colchões, a fim de evitar que fizessem barulho quando acordassem.

A Alice ao pedir para eu contar uma história não me surpreendeu. Em diversas situações ela já havia feito este pedido, demonstrando o seu gosto e interesse em ouvir contos narrados por mim, especialmente nos momentos propícios a uma relação de maior proximidade e cumplicidade.

Como refere Rodari (2006, p. 162), "(...) a história para a criança é um instrumento ideal para reter consigo o adulto". Naquele instante, senti que a Alice queria garantir que eu não me afastaria.

Por se aproximar a hora de levantar, sabia que facilmente as crianças acordariam com qualquer barulho, principalmente se ouvissem vozes que lhes fossem familiares. Acautelando que isso acontecesse, eu não atendi ao pedido da Alice, explicando-lhe os motivos que me levavam a não contar a história.

Ouvindo a nossa conversa a Margarida interveio, mostrando a simplicidade com que lidava com a situação apresentou uma rápida e fácil solução para o problema; eu apenas tinha de contar baixinho. A Lara e a Alice, não me dando tempo para fazer qualquer comentário, concordaram com a Matilde e voltaram a fazer-me o mesmo pedido. As três meninas, entusiasmadas com a ideia, falaram sempre com calma e doçura, revelando-se determinadas a

conseguir fazer-me ceder.

Eu acabei por não resistir aos seus encantos e decidi contar uma história, porém fi-lo de forma inovadora, diferente do habitual. Salvaguardando o ambiente silencioso e sereno que se vivia na ocasião, contei a história somente através de expressões faciais e gestos que fui elaborando no momento. Escolhi o conto *O Velho, o Rapaz e o Burro*, por as três meninas já o conhecerem, e provavelmente terem-no presente na memória, visto que o havia contado na manhã desse mesmo dia. Não sendo fácil fazer a leitura de gestos, principalmente se através destes está a ser transmitido um conto, nunca escolheria uma história que as crianças desconhecessem.

No início a Margarida não compreendeu o que eu estava a fazer, revelando-se confusa mas curiosa, questionou-me acerca do meu comportamento. Apesar disso, eu não me pronunciei, deixando que a menina encontrasse as respostas por si mesma.

A Alice foi a primeira a aperceber-se da história, provavelmente por me ter acompanhado e observado atentamente desde o princípio. Depois de partilhar a sua descoberta, facilmente também a Lara e a Margarida conseguiram reconhecer o conto *O Velho, o Rapaz e o Burro* no encadeamento dos meus gestos e expressões faciais.

Cada menina fez a interpretação da minha linguagem corporal, construindo o conto através da sua imaginação, assente no que recordavam do mesmo.

Segundo Vygotsky (2009, p. 18), “a fantasia não se opõe à memória, mas apoia-se nela (...)”.

O modo incomum como contei a história revelou-se um desafio para o imaginário destas crianças.

Só após terminar de contar é que esclareci dúvidas e confirmei suspeitas, deixando a imaginação das crianças fluir livremente, até ao último instante.

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

10

**Situação:** Momento de vestir o bibe**Data:** 15 de Abril de 2013**Hora:** 09h45m**Local:** Sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 4 crianças e eu**Sexo:** Feminino**Idade:** 3 e 4 anos**Outros Indicadores de Contexto:** A maioria das crianças que se encontravam na sala já tinha vestido o bibe.

Descrição	Inferência
<p>A Teresa (3 anos), a Matilde (3 anos), a Guadalupe (4 anos) e a Aurora (4 anos) estavam a brincar na área da casinha.</p> <p>Eu olhei para a Teresa e vi que ela ainda não tinha vestido o bibe. Aproximei-me e disse-lhe: “Anda vestir o bibe Teresa, a Ana ajuda-te.”</p> <p>A Teresa olhou para mim e disse: “Não, não quero. Quero ficar aqui a brincar.”</p> <p>Eu olhei em volta e reparei que só a Teresa é que ainda não tinha vestido o bibe, então disse-lhe: “Já viste, todos os meninos têm o bibe vestido, só faltas tu. E o teu bibe é tão giro, é cor-de-rosa, eu também gostava de ter uma bata assim.”</p> <p>A Teresa olhava para mim sem dizer nada. Eu</p>	<p>A Teresa parecia não estar convencida com as</p>



**Comentário:**

Por norma as crianças deveriam entrar na sala com o bibe já vestido, sendo esperado que o familiar ou adulto responsável que deixa a criança na instituição a ajude nesta tarefa. No entanto, diariamente há crianças que não vestem os bibes quando chegam, ficando ao cuidado dos adultos da sala garantir que estes sejam usados devidamente.

Quando reparei que a Teresa ainda não tinha vestido o bibe, soube que tinha de intervir de algum modo para que ela o vestisse, como tal aproximei-me com o intuito de a induzir a fazê-lo.

A Teresa, envolvida na brincadeira com a Guadalupe, a Matilde e a Aurora, ao ouvir o meu pedido para que viesse vestir o bibe com o meu auxílio, prontamente me afirmou que não queria ir, revelando assim não pretender ausentar-se nem por um instante, provavelmente com receio de perder o seu lugar.

Perante esta situação, rapidamente me apercebi que tinha de arranjar outra forma de convencer a Teresa.

Constatando que ela era a única criança que ainda estava sem bibe, falando-lhe calmamente chamei a sua atenção para este facto. Insistindo na conversa, tentei ainda aliciá-la elogiando o seu bibe, acrescentando que gostaria de ter um igual para mim.

Acreditando que as crianças gostam de receber elogios, principalmente quando estes são tecidos por um adulto, eu pensei que iria conseguir persuadir a Teresa. Porém, infelizmente as minhas estratégias pareciam não estar a resultar, a menina não reagia a nada.

Pressentindo a insegurança da Teresa, ao dirigir-me à Matilde, à Guadalupe e à Aurora, perguntando-lhes se esperariam por ela, eu tinha a intenção de a tranquilizar, demonstrando-lhe que o seu lugar na brincadeira estaria guardado até ao seu regresso.

A Teresa, assim que ouviu a resposta positiva das três meninas e o incentivo da Matilde, que lhe disse para ir vestir o bibe como ela também o fizera, finalmente aceitou acompanhar-me, presumivelmente por se sentir mais segura para se ausentar da brincadeira por um breve momento.

Quando me preparava para ajudar a Teresa a vestir o bibe, inesperadamente ela recusou fazê-lo. Persistindo em não ceder ao meu pedido ela desafiava-me.

Pensando no insucesso das minhas estratégias precedentes para convencer a Teresa, subitamente decidi apelar à fantasia.

Segundo Gesell (1998, p. 322), por volta dos três anos e meio “(...) a maior parte das crianças verbaliza muito e duma forma altamente imaginativa. A educadora pode servir-se dessa loquacidade para estimular um comportamento desejável e com interesse”.

Naquele instante um discurso fantasioso pareceu-me uma excelente forma de incentivar a Teresa. Recorrendo à minha imaginação eu referi-me ao bibe como sendo um belo vestido de princesa. Ao dizer à Teresa que não tinha nenhum bibe mas sim um lindo vestido, eu convidava-a a entrar no universo da fantasia envolvendo-se na minha brincadeira imaginativa. Apesar de se mostrar levemente desconfiada, a Teresa não resistiu ao encantamento da minha conversa, acabando por aceitar vestir o bibe, o seu vestido de princesa.

Marques (2002, p. 127), refere que, “o passe de mágica para a resolução do conflito tem que ser maravilhoso. A criança tem de suspirar de encantamento”.

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

11

**Situação:** Audição de um conto tradicional**Data:** 19 de Abril de 2013**Hora:** 17h**Local:** Sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 14 crianças e eu**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 3 e 4 anos**Outros Indicadores de Contexto:** As crianças estavam sentadas no tapete a aguardar que eu lhes contasse uma história.

Descrição	Inferência
<p>Eu sentei-me no chão, voltada de frente para as crianças, olhei para elas, estiquei o meu braço e contei; “Um, dois, três”, ao mesmo tempo que ia levantando um dedo de cada vez.</p> <p>As crianças sossegaram nos seus lugares e ficaram em silêncio.</p> <p>Acompanhando com gestos eu comecei a cantar: “Olha o céu lá no fundo do chapéu...”</p> <p>As crianças também fizeram os gestos e cantaram comigo.</p> <p>Assim que terminámos de cantar eu comecei a contar o conto <i>A Velha e os Lobos</i>, também conhecido como <i>Corre, Corre, Cabacinha</i>.</p> <p>As crianças olhavam na minha direção, mantinham-se sentadas, imoveis e em</p>	

<p>silêncio.</p> <p>A contar a história eu fui fazendo diversas entoações de voz, expressões faciais e corporais.</p> <p>Ao longo do desenrolar da história, as expressões das crianças pouco mudaram. Quando eu falava nos lobos, algumas crianças riam, mas rapidamente paravam de o fazer.</p> <p>À segunda vez que eu disse; “Corre, corre cabacinha. Corre, corre cabação...”; algumas crianças repetiram comigo, sorrindo.</p> <p>Quando terminei de contar o conto as crianças começaram a mexer-se nos seus lugares e, de repente o António (4 anos) disse: “Ana o que é que aconteceu aos lobos?”</p> <p>Eu respondi: “Ninguém sabe! Nunca mais ninguém os viu!”</p> <p>Subitamente a Beatriz (3 anos) levantou-se e começou a falar: “Os lobos. Onde estão os lobos? Eu não quero os lobos. Eles não vêm, pois não? Ana, eles não vêm?”</p> <p>Eu olhei para a Beatriz e tentando acalmá-la disse-lhe: “Não Beatriz. Os lobos estão muito longe, na floresta. Eles não vêm aí.”</p> <p>A Beatriz voltou a falar: “Eu não quero que os lobos venham.”</p> <p>O Pedro (3 anos) e o Gustavo (3 anos) riram-se.</p> <p>Falando serenamente eu continuei a tentar tranquilizar a Beatriz dizendo-lhe: “Os lobos não vêm Beatriz, não tenhas medo, a Ana está aqui! Em seguida levantei-me, fui até junto da Beatriz, sentei-me no chão ao seu</p>	<p>As crianças ouviam-me com atenção.</p> <p>Pelas expressões dos seus rostos, algumas crianças aparentavam estar um pouco assustadas com a história.</p> <p>Terminada a história, as crianças pareceram relaxar, saindo daquele sossego total.</p> <p>O António mostrava-se intrigado com o final da história.</p> <p>A Beatriz revelava-se bastante assustada com os lobos, como se temesse que eles pudessem aparecer a qualquer momento.</p> <p>O Pedro e o Gustavo pareciam estar a divertir-</p>
--	--

<p>lado e coloquei-a no meu colo.</p> <p>Enquanto isso algumas crianças foram-se levantando do tapete.</p> <p>A Lara (4 anos) veio sentar-se ao meu lado, olhou para a Beatriz e disse: “Aqui não há lobos. Eles estão longe. Lá na floresta. Na história. Não é Ana?”</p> <p>Eu respondi: “É. Aqui não há lobos. Eles moram longe, nas florestas, nos bosques.”</p> <p>A Lara acrescentou: “É só na história.”</p> <p>A Teresa (3 anos) aproximou-se da Beatriz e disse: “Anda brincar. Queres? Vamos brincar com a Matilde.”</p> <p>Eu olhei para a Beatriz e perguntei-lhe: “Queres ir brincar? Vai brincar com a Teresa.”</p> <p>A Beatriz levantou-se e foi com a Teresa.</p> <p>Eu observei que a maioria das crianças já estava dispersa pela sala brincando.</p> <p>Eu também me levantei e fui juntar-me a um dos grupos de crianças.</p>	<p>se vendo a Beatriz com medo.</p> <p>Naturalmente as crianças começaram a dispersar.</p> <p>A Lara demonstrou querer ajudar a Beatriz a deixar de ter medo.</p> <p>A Teresa, ao vir convidar a Beatriz para brincar, parecia querer ajudá-la a não pensar no lobo.</p>
--	--

**Comentário:**

No breve período que antecede o início da história, geralmente as crianças ficam um pouco inquietas e ansiosas, sendo necessário arranjar estratégias que as façam acalmar e ajudem ao estabelecer de uma ambiência serena, indispensável no momento do conto.

Neste dia, recorri a um método que havia resultado em diversas circunstâncias, a contagem verbal (um, dois, três) acompanhada de gestos. Com esta simples ação, eu pretendia assinalar o começo da sessão de conto ao mesmo tempo que atraía a atenção das crianças e, conseqüentemente, as levaria a aquietar. Mais uma vez esta técnica revelou-se eficaz, as crianças sossegaram e rapidamente o silêncio instalou-se na sala. Porém, para criar um

ambiente plácido envolto em encanto e magia, propício para o contar da história, eu cantei e mimei a canção “Olha o céu...”, prática que habitualmente concretizo nestas ocasiões em conjunto com as crianças. Consciente da sua familiaridade com esta dinâmica, deste modo quis incentivá-las a participar ativamente no processo, preparando-as para entrar no universo de fantasia dos contos tradicionais, o que consegui com sucesso, visto as crianças terem-me acompanhado nos gestos e no cantar.

Eu contei a história com expressividade e emoção, fazendo diversos tons de voz, expressões faciais e corporais. Assim cativei as crianças, conquistando a sua atenção e aumentando o seu interesse pelo conto, como foi perceptível através das suas reações.

O facto de o conto narrado ter lobos famintos e ferozes, deixou as crianças ligeiramente assustadas. No desenrolar da história, foram escassas as vezes que as suas expressões se alteraram, apesar disso, houve instantes em que sorriram e até riram. Para tal contribuiu a rima “Não vi velha nem velhinha (...) corre, corre, cabacinha (...)”, que se repete na narrativa, conferindo-lhe um certo pendor cómico, devido às palavras pronunciadas com ritmo e musicalidade, que fizeram as crianças descontraírem, repetindo comigo.

A versão que contei, foi coligida por Adolfo Coelho, como tal, no final da história a velha é comida pelos lobos, o que desencadeou inquietação em algumas crianças. O António perplexo com este desfecho, questionou-me acerca do que acontecera aos lobos, provavelmente curioso por saber qual seria o seu paradeiro. A Beatriz revelou-se atemorizada, pensando na possibilidade de os lobos aparecerem por ali, ideia certamente fortalecida após eu ter respondido ao António, dizendo que nunca mais ninguém havia visto os lobos da história.

Segundo Costa (1997, p.170),

A criança não escuta, não vive, não compreende o conto de fadas, como o mundo em geral, como nós adultos. (...) Esta violência que aparece nos contos de fadas, escutados ou lidos, não é o que perturba a sua tranquilidade, bem pelo contrário pois lhe é indispensável, (...) para que possa crescer em equilíbrio.

Eu não tinha motivos para ocultar ou modificar o final trágico da história, até porque o mundo não é feito apenas de momentos bons e felizes.

Como refere Bettelheim (1998, p.15), se à criança apenas falarmos das coisas boas da vida, estaremos a privá-la de conhecer a realidade do nosso mundo, impossibilitando que ela cresça e se desenvolva plenamente.

Contudo, perante a aflição da Beatriz eu senti que tinha de fazer algo que a tranquilizasse, assim, afirmei mais que uma vez que os lobos estavam longe e por isso não iriam aparecer ali.

Falando-lhe calmamente e colocando-a no meu colo, procurei transmitir-lhe segurança através das minhas palavras e afeto. A Beatriz foi-se acalmando.

A Lara, ao vir sentar-se junto de nós, deixou transparecer a sua preocupação com a Beatriz, demonstrando querer ajuda-la a não ter medo, dizendo-lhe que ali não havia lobos, só na floresta e na história.

Também a Teresa se aproximou da Beatriz convidando-a para brincar, supostamente com o intuito de a distrair do que a angustiava.

De acordo com Homann e Weikart (1997, p. 597)

Mesmo aos 3, 4 e 5 anos as crianças conseguem ser sensíveis aos sentimentos, interesses e necessidades dos outros. São capazes de observar as outras crianças, compreender os seus sentimentos, imaginar aquilo que poderão estar a querer, e responder com ações de apoio.

A forma serena como a Lara e a Teresa falaram, revelou o cuidado que tinham com os sentimentos da Beatriz.

Fruto de um trabalho conjunto, construído naturalmente por mim e pelas duas meninas, a Beatriz esqueceu os lobos, pelo menos durante um longo período, que ocupou com brincadeiras.

Quanto ao restante grupo, enquanto mediava esta situação, fui observando as crianças dispersarem pela sala. Contudo, perante as circunstâncias, não as repreendi por terem saído do tapete sem autorização, em parte por já estarmos no final do dia, tempo comumente destinado à brincadeira livre.

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

12

**Situação:** Brincadeira livre**Data:** 23 de Abril de 2013**Hora:** 16h30m**Local:** Terraço exterior da Instituição**Intervenientes:** 3 crianças e eu**Sexo:** Masculino**Idade:** 3 anos**Outros Indicadores de Contexto:** As crianças corriam de um lado para o outro no terraço.

Descrição	Inferência
<p>Eu estava de pé a observar as crianças.</p> <p>De repente o Gustavo (3 anos) correu na minha direção, assim que chegou perto de mim tocou-me com uma mão e gritou: “Ahhh...” Depois deu meia volta e correu para o outro lado do terraço ao mesmo tempo que gritava: “O lobo, ahhh...O lobo vem ai!”</p> <p>Posteriormente ao Gustavo, também o Pedro (3 anos) e o Lucas (3 anos) correram na minha direção e, quando chegaram perto de mim gritaram: “Ahhh...” Depois deram meia volta e foram correr atrás do Gustavo.</p> <p>As três crianças voltaram a aproximar-se de mim dizendo:</p> <p>Gustavo – “Ó lobo! Não me apanhas lobo.”</p> <p>Pedro – “Lobo. Haha, vou fugir, não me</p>	<p>O Gustavo quando veio ter comigo, interagindo desta forma, parecia querer inserir-me na brincadeira, atribuindo-me o papel de lobo.</p> <p>O Lucas e o Pedro seguiram o exemplo do Gustavo, demonstrando divertirem-se com a ideia de eu ser o lobo.</p> <p>Nitidamente as crianças tentavam provocar-me à espera que eu encarnasse o papel de lobo e agisse como tal.</p>

<p>apanhas.”</p> <p>Lucas – “Lobo mau. Grrr...não tenho medo de ti. Não vais apanhar-nos, não, não!”</p> <p>Tentando assustar as crianças eu olhei para elas, levantei os meus braços, inclinei-me para a frente e gritei num tom grave e medonho: “Ahhh...Grrrrr....eu vou comer-vos.”</p> <p>Os três riram e desataram a correr aos gritos dizendo: “O lobo, o lobo...Ele vem ai!”</p> <p>Passado pouco tempo o Pedro, o Gustavo e o Lucas voltaram a aproximar-se de mim. Os três olharam-me com os olhos arregalados enquanto davam pequenos passos na minha direção.</p> <p>Subitamente o Lucas tocou-me com a mão e disse: “Não nos apanhas. Haha...”</p> <p>Eu gritei: “Grrrr...”</p> <p>As crianças voltaram a correr dando voltas no terraço, mas num instante os três já estavam de novo perto de mim.</p> <p>O Gustavo olhou para mim e disse: “Lobo, haha, estou aqui!”</p> <p>Fazendo-me de desentendida, eu olhei para as três crianças e disse-lhes: “Lobo? Mas que lobo? Eu não vi nenhum lobo. Esteve aqui algum?”</p> <p>O Lucas disse: “O lobo és tu! És tu!”</p> <p>Eu retorqui: “Eu? Eu não sou nenhum lobo, mas se eu o vir eu não lhe digo onde é que vocês estão. Mando-o logo embora!”</p> <p>O Lucas, o Pedro e o Gustavo riram-se e o Pedro disse: “Mas tu és o lobo!”</p> <p>Eu olhei para o Pedro e disse-lhe: “Ai, ai, não</p>	<p>As crianças pareciam divertir-se, envoltas numa fusão de sentimentos como o medo e a excitação.</p> <p>O Pedro, o Lucas e o Gustavo, dirigiram-se a mim cautelosamente, na expectativa e dúvida de como eu iria reagir.</p> <p>As crianças mostraram-se assustadas com o meu grito inesperado.</p> <p>Ao voltar rapidamente para perto de mim, as crianças manifestaram querer provocar-me novamente, sempre em jeito de brincadeira.</p>
--	--

<p>sou não, vocês estão muito confusos. Ouçam a Ana tem de ir lá dentro, já volto. Se eu vir o lobo mando-o embora. Digo-lhe que vocês não estão cá.”</p> <p>As crianças riram-se novamente.</p> <p>Eu saí do terraço, ausentando-me por momentos</p>	<p>Os três rapazes aparentavam estar ligeiramente confusos com o meu discurso</p> <p>O Pedro, o Lucas e o Gustavo, divertiam-se com a minha conversa, parecendo ter aceite, relativamente bem, o facto de eu estar a sair da sua brincadeira.</p>
<p><b>Comentário:</b></p> <p>O Gustavo, o Pedro e o Lucas adoram explorar livremente o espaço do terraço. Os três meninos ficam entusiasmados com a ideia de poderem entregar-se a brincadeiras que envolvam grande liberdade de expressão e movimento. Brincar ao ar livre, num espaço onde podem correr, saltar, falar alto e muito mais, é uma alegria e diversão para estas crianças, que ao realizarem atividades que implicam maior agitação, libertam as suas tensões e energias acumuladas.</p> <p>Ao observar o Gustavo, o Pedro e o Lucas, a correrem de um lado para o outro do terraço, eu não me apercebi que a sua brincadeira consistia em algo mais do que uma corrida ou jogo da apanhada.</p> <p>Quando o Gustavo me abordou pela primeira vez, tocando-me na mão, gritando e correndo em seguida, dizendo - “O lobo, ahhh...O lobo vem aí!” - eu fiquei surpresa e sem reação. No entanto, logo em seguida, suspeitei que com esta interação o Gustavo desafiava-me a entrar na brincadeira, ideia que reforcei assim que o Pedro e o Lucas, muito rapidamente, repetiram o que o Gustavo havia feito.</p> <p>Sem dúvida, as crianças estavam a inserir-me na sua brincadeira, atribuindo-me o papel de lobo, uma das mais conhecidas personagens dos contos tradicionais. Os três meninos demonstravam estar excitadíssimos com a ideia, corriam, gritavam e riam, certamente esperando que eu me transformasse num lobo mau e feroz, o lobo que faltava à sua brincadeira do faz-de-conta.</p>	

Sem descuidar a minha atenção das outras crianças que se encontravam no terraço, à segunda aproximação do Pedro, do Gustavo e do Lucas, eu não resisti e decidi envolver-me na brincadeira, entregando-me ao papel que me haviam atribuído. Dentro do possível, mediante as circunstâncias em que me encontrava, procurei dar o melhor de mim enquanto “lobo”, e assim ir ao encontro das expectativas criadas pelos três petizes.

As crianças adoram construir brincadeiras imaginativas, experimentando ambientes maravilhosos que se criados entre a fantasia e a realidade, o que acredito ser extremamente enriquecedor para o seu desenvolvimento.

Segundo Menéres no prefácio de *No Reino das Fadas* (1997, p. 12), são as crianças que,

(...) inventam no seu dia-a-dia, o jogo do ‘faz de conta’ e tantos outros que as divertem e ocupam em tempos vividos entre a imaginação e a realidade – porque são elas que necessitam de contrapontos a fim de situarem a sua própria vivência e o seu equilíbrio.

Eu limitei-me a incentivar a brincadeira das três crianças, alimentando a sua criação imaginativa, que creio ter enriquecido com a minha dramatização.

Fiz o lobo mais feroz e temível que, naquele momento, encontrei dentro de mim. As minhas expressões faciais, os olhos bem abertos, a voz grave, os rosnidos, os braços levantados com as mãos a fazer de garras, foram técnicas indispensáveis para que o meu lobo fosse credível. Mesmo tendo consciência que eu não era um verdadeiro lobo, houve instantes em que as crianças se assustaram comigo. As suas reações seriam o reflexo do que sentiam. Imersos numa experiência de sensações que passavam pela excitação e medo, os três meninos divertiam-se, mantendo a sua imaginação ativa.

João dos Santos, citado por Branco (2000, p. 243), refere que “a imagem, o pensamento imagético ou a imaginação é a base de formação da nossa personalidade e da nossa inteligência”.

Por acreditar que o desenvolvimento da imaginação é um fator importante no desenvolvimento da criança, privilegio e promovo atividades que estimulam a imaginação e incentivam a criança a criar.

Habitualmente, quando participo nas brincadeiras imaginativas das crianças procuro ser inventiva, tanto no decorrer da ação como na forma como me retiro da mesma; a situação acima relatada é exemplo de um desses momentos. Assim que senti necessidade de me ausentar da brincadeira, eu abandonei o meu papel de lobo com subtileza, de forma divertida e criativa.

À quarta vez que as crianças se aproximaram de mim eu agi como se nunca tivesse feito de

lobo. Quando o Gustavo, com um tom provocador disse: “Lobo, haha, estou aqui!”, eu fiz-me de desentendida.

As crianças, surpresas com a minha reação afirmaram que o lobo era eu. Negando as suas asserções, eu continuei a nossa conversa sem nunca contestar a ideia da existência de um lobo, a qual continuei a alimentar mas de outra forma.

De facto, os três rapazes mostraram-se um pouco confusos com o meu discurso, no entanto, com a criação desta pequena brincadeira envolta em ideias controversas, eu diverti-os ao mesmo tempo que os fiz pensar.

Naquele instante, o mais importante para mim era não quebrar repentinamente o momento de fantasia, mantendo ativa a imaginação do Pedro, do Lucas e do Gustavo, permitindo-me sair da brincadeira sem que as crianças desanimassem.

**NOTA DE CAMPO**

Nº da Nota de Campo:

13

**Situação:** Audição de um Conto Tradicional**Data:** 30 de Abril de 2013**Hora:** 13h40m**Local:** Sala dos 3/4 anos**Intervenientes:** 13 crianças e eu**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 3 e 4 anos

**Outros Indicadores de Contexto:** As crianças que frequentam a natação estavam sentadas no tapete, aguardando o momento da partida. Ao mesmo tempo, igualmente no espaço da sala, dormiam as crianças que iam permanecer na instituição.

Descrição	Inferência
<p>Enquanto esperavam, as crianças começaram a movimentar-se de um lado para o outro no tapete, falando cada vez mais alto.</p> <p>A Matilde (3 anos), pertencendo ao grupo que iria para a natação, encontrava-se deitada no chão, ainda com um pé descalço.</p> <p>Eu pedi às crianças que sossegassem e parassem de fazer barulho, para não acordarem quem ainda estava a dormir.</p> <p>Por momentos as crianças deixaram de falar e mantiveram-se quietas num só lugar, mas rapidamente começou tudo de novo.</p> <p>Eu sentei-me junto das crianças e disse-lhes: “Não podem continuar a fazer barulho, vão acordar todos os meninos que ainda estão a</p>	<p>A inquietação era geral, as crianças demonstravam estar impacientes por terem de esperar para irem para a natação.</p> <p>As crianças esforçaram-se para não fazer barulho, mas aparentemente estava a ser demasiado difícil estarem sossegadas e sem falar.</p>

<p>dormir. Já está quase na hora de sairmos, falta pouco tempo.”</p> <p>Depois tentei calçar o sapato à Matilde, que não parava quieta com os pés ao mesmo tempo que ia dizendo: “Não, não quero. Quero dormir”</p> <p>Eu olhei para as crianças e disse: “Vejam, a Matilde está sem um sapato, e eu não estou a conseguir calçá-la, será que temos aqui uma ‘Cinderela’?”</p> <p>A Guadalupe (4 anos), a Lara (4 anos) e a Filipa (4 anos) olharam para mim e disseram: “Ana vais contar uma história? Conta, sim, vá lá conta.”</p> <p>Eu comecei a contar o conto <i>A Gata Borralheira</i>. Subitamente as crianças voltaram-se todas para mim, ficando quietas e em silêncio.</p> <p>Quando terminei de contar a história, peguei no sapato da Matilde e perguntei-lhe se lho podia tentar calçar, para ver se servia. A Matilde olhou para mim sem dizer nada.</p> <p>Eu disse: “Temos todos de nos calçar para ir ao baile, a nossa ‘carruagem’ está à espera, está quase a partir.”</p> <p>O Lucas (3 anos) disse: “Eu vou ao baile. Olha Ana estou pronto, tenho os meus sapatos.”</p> <p>A Guadalupe olhou para a Matilde e disse: “Matilde tens de te calçar para vires connosco. Vá lá, depressa, estamos à tua espera.”</p> <p>O Gustavo (3 anos) e a Teresa (3 anos) sorriam.</p> <p>A Matilde esticou a perna na minha direção e</p>	<p>A Matilde, pelo modo como se comportava, os sons que emitia e a forma como falava, evidenciava estar com muito sono. Provavelmente por isso mostrou alguma resistência para calçar o sapato.</p> <p>A Guadalupe, a Lara e a Filipa pareciam entusiasmadas com a ideia de eu poder contar uma história.</p> <p>As crianças escutaram atentamente toda a história.</p> <p>Aparentemente, a Matilde ainda não estava decidida a deixar-me calçar-lhe o sapato.</p> <p>Quando falou, o Lucas fez uma expressão de quem estava a acreditar verdadeiramente no que dizia.</p>
---	--

<p>eu calcei-lhe o sapato.</p> <p>As crianças foram-se levantando e formaram uma fila em frente à porta.</p> <p>Assim que a educadora chegou, saímos da sala para ir para a natação.</p>	<p>A Teresa e o Gustavo pareciam estar a adorar este momento envolto em fantasia.</p>
<p><b>Comentário:</b></p> <p>O horário da natação coincide parcialmente com o momento da sesta. Como nem todas as crianças do grupo praticam a modalidade, nos dias da sua realização as crianças levantam-se a horas diferentes. Gerir esta situação nem sempre é fácil, principalmente pelo facto de no mesmo espaço em que as crianças se preparam e aguardam para ir para a natação haver quem ainda durma. Muitas vezes as crianças ficam impacientes e inquietas com o tempo de espera, o que faz com que o adulto que as acompanha tenha de intervir estrategicamente para as acalmar, procurando manter o ambiente tranquilo até à hora da partida, diminuindo assim a probabilidade de acordar o restante grupo.</p> <p>No episódio acima descrito, além da habitual agitação das crianças também tive de gerir a impertinencia da Matilde, presumivelmente resultante da sua sonolência derivada do pouco tempo que dormiu.</p> <p>Enquanto esperavam para ir para a natação, as crianças, impacientes, inquietas e barulhentas, não sossegavam nem por um instante. Perante esta situação fiz o que no momento me pareceu mais sensato - com seriedade falei calmamente com as crianças pedindo-lhes que se sentassem sossegadas no tapete e sem fazer barulho, para não acordarem quem ainda dormia.</p> <p>O meu pedido foi bem aceite, as crianças acalmaram, no entanto o ambiente de tranquilidade durou pouco tempo, pois a ânsia de comunicação e partilha entre pares revelou-se superior. Quando me sentei junto das crianças pretendia fazê-las aquietar; além de lhes chamar a atenção por estarem novamente a fazer muito barulho incomodando os meninos que dormiam, tentei diminuir a sua ansiedade explicando-lhes que faltava pouco tempo para sairmos. O facto de eu estar fisicamente mais próxima das crianças ajudou à redução do ruído, no entanto não consegui que todas ficassem em silêncio.</p> <p>Assim que tentei calçar a Matilde ela mostrou-se birrenta ao debater-se contra mim, mexendo</p>	

bruscamente os pés e falando sonolentemente com alguma irritação, negando-se a calçar o sapato. Diante do sucedido eu arrisquei tirar proveito das circunstâncias para criar uma pequena brincadeira. Ao partilhar com o grupo o facto de eu não conseguir calçar a Matilde, questionando se seria ela uma 'Cinderela', eu pretendia centrar a atenção das crianças em mim e na Matilde, evitando a dispersão e aumento do murmurinho.

Eu não sabia que repercussão teria esta minha intervenção, contudo fiquei surpresa com a reação da Lara, da Guadalupe e da Filipa. As três meninas, ouvindo-me mencionar o nome Cinderela associaram-no de imediato ao universo das histórias, o que foi visível assim que verbalizaram a ideia de eu poder contar uma história, pedindo-me entusiasticamente para o fazer.

Sabendo o quanto estas crianças gostam de ouvir histórias, sem hesitar aceitei o pedido das meninas, acreditando que assim conseguiria reter a atenção do grupo que envolto na narrativa certamente iria serenar.

Segundo Traça (1992, p. 123), "o momento de contar uma história é um espaço de tranquilidade, apaziguamento e concentração."

As crianças, desde que iniciei a história, permaneceram em silêncio, sossegadas e com o olhar fixado em mim, o que me comprovou ter feito uma boa escolha quando acreditei na placidez que o momento do conto pode oferecer.

Contei a história *A Gata Borracheira* por se enquadrar tão bem na conjuntura vivida naqueles instantes, mas também e principalmente por querer aproveitar este conto para persuadir a Matilde a calçar o sapato.

Mesmo depois de ouvir a história a Matilde mostrou-se hesitante, ficando em silêncio quando lhe perguntei se podia calçá-la. Depressa me apercebi que tinha de arranjar outra estratégia para a convencer, por esse motivo principiei uma brincadeira imaginativa criando uma ponte de ligação entre o mundo fantástico da história e o nosso mundo real.

Fazendo associações de ideias entre o ocorrido no conto e a situação que se vivia no momento eu desenvolvi o meu discurso com o intuito de conquistar a Matilde, fazendo-a ceder envolta em encantamento.

Após eu ter dito que nos tínhamos de calçar rápido para ir ao baile pois a nossa 'arruagem' estava quase a partir, o Lucas reagiu imediatamente dizendo que estava pronto e calçado. O tom da sua voz e a sua expressão facial revelavam entusiasmo e seriedade, como se acreditasse plenamente nas minhas palavras; o que mostrava que ele aceitara entrar na minha brincadeira imaginativa.

A Guadalupe ao dirigir-se à Matilde dizendo-lhe para se calçar, demonstrava querer ajudar,

tornando-se de certo modo minha cúmplice.

Nenhuma criança questionou o que eu havia dito, o que foi importante para manter a magia. De acordo com Traça (1992, p. 123), “as crianças são cúmplices, mas não completamente presas do encantamento. (...) Todos os jogos que são possíveis a partir dos contos têm como virtude principal fazer saborear o prazer suplementar a esta cumplicidade”.

Na sequência do conto *A Gata Borralheira* eu criei um ambiente de encantamento no qual as crianças se envolveram deixando-se levar pela sua imaginação, colaborando direta ou indiretamente para que a Matilde calçasse o sapato, o que acabou por suceder.

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

14

**Situação:** Brincadeira Livre**Data:** 8 de Maio de 2013**Hora:** 17h30m**Local:** Terraço exterior da Instituição**Intervenientes:** 4 crianças e eu**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 3 anos**Outros Indicadores de Contexto:** A Beatriz (3 anos) a Teresa (3 anos) o Pedro (3 anos) e o Gustavo (3 anos) corriam de um lado para o outro no terraço.

Descrição	Inferência
<p>A Beatriz (3 anos) a Teresa (3 anos) e o Pedro (3 anos) corriam e gritavam, “Ahhhh! O lobo! Ahhhh!”; atrás deles corria o Gustavo (3 anos).</p> <p>Enquanto as crianças corriam e gritavam as suas expressões faciais iam mudando.</p> <p>De repente a Beatriz dirigiu-se a mim e disse: “Ana, olha o lobo! O lobo quer morder os Porquinhos!”</p> <p>Eu perguntei-lhe: “Onde está o Lobo?” A Beatriz olhou para o lado, apontou na direção do Gustavo e disse “Ali! É o Gustavo, o lobo é o Gustavo.”</p> <p>Assim que me respondeu a Beatriz correu para junto da Teresa.</p> <p>O Pedro a Teresa e a Beatriz subiram para o</p>	<p>Pela forma descontrolada com que corriam e gritavam, as crianças demonstravam estar excitadas com a brincadeira.</p> <p>As expressões faciais das crianças provavelmente eram reflexo do que viviam e sentiam no momento.</p> <p>Os rostos da Beatriz, da Teresa e do Pedro imprimiam diversas expressões, as quais pareciam reveladoras de uma mistura de emoções, que passavam pelo medo, alegria e excitação.</p> <p>O Gustavo aparentemente reunia as suas forças para transmitir expressões assustadoras.</p> <p>É notório que a Beatriz, a Teresa e o Pedro eram os porquinhos, e o Gustavo o lobo mau,</p>

<p>interior de uma estrutura de plástico.</p> <p>Quando estavam lá em cima, os três gritaram: “Ahhh, o lobo! O lobo vem aí!”</p> <p>A Beatriz e a Teresa agarraram-se às paredes da estrutura e começaram a bater com os pés, o Pedro riu-se.</p> <p>Cá em baixo, o Gustavo olhava para cima e gritava: “Grrr...Grrr!”. Depois começou a subir.</p> <p>A Teresa e o Pedro disseram: “Vai-te embora lobo!” A Beatriz gritou: “O Lobo vai morder o rabo dos Porquinhos. Ahhh, ele quer comer os Porquinhos.”</p> <p>Quando o Gustavo chegou junto do Pedro, da Teresa e da Beatriz, levantou os braços e gritou: “Grrr...Grrr!”.</p> <p>A Teresa e a Beatriz gritaram: “Ahhh!”, o Pedro gritou também e logo em seguida sorriu.</p> <p>Os quatro desceram pelo escorrega da estrutura e continuaram a correr no terraço, sendo que o Gustavo ia sempre atrás, em último.</p> <p>Passado pouco tempo as quatro crianças deixaram de correr e gritar, tendo ido realizar uma nova brincadeira.</p>	<p>o que me leva a pensar que estavam a brincar aos “Três Porquinhos e o Lobo Mau”.</p> <p>Ao baterem com os pés enquanto se agarravam às paredes da estrutura de plástico, a Beatriz e a Teresa pareciam querer transmitir que estavam com muito medo por o “lobo” estar tão perto. No entanto, o seu comportamento denunciava uma certa adrenalina e excitação pela chegada deste momento.</p> <p>O Gustavo continuava com as suas expressões assustadoras e a voz grossa.</p> <p>Os risos e sorrisos do Pedro pareciam revelar o quanto se divertia com toda a brincadeira.</p>
<p><b>Comentário:</b></p> <p>As crianças deste grupo adoram brincar no terraço exterior da instituição, espaço onde se podem movimentar, correr, saltar, falar alto, gritar, ao mesmo tempo que brincam livremente. Na maioria das vezes a Teresa, a Beatriz, o Pedro e o Gustavo brincam separadamente, agrupando-se por género, ou seja, as meninas brincam com as meninas, e os meninos com os</p>	

meninos. No entanto, ultimamente, dependendo do teor da brincadeira, estas quatro crianças têm brincado juntas essencialmente ao faz-de-conta.

Segundo Gesell (1998, p. 319), por volta dos três anos e meio, “a maior parte das crianças brincam (...) a maior parte do tempo em grupos de três ou mais, em animadas brincadeiras imaginativas”.

Ao observar e escutar as crianças, tudo me indicava que estas brincavam aos *Três Porquinhos e o Lobo Mau*, dando vida às personagens deste conto tradicional, o qual anteriormente eu lhes havia contado, em diversas circunstâncias.

Nesta brincadeira, a Beatriz, a Teresa e o Pedro, eram os ‘porquinhos’ que fugiam do ‘lobo mau’, o Gustavo.

As crianças brincavam com grande entusiasmo, interagindo entre si de forma dinâmica e com vivacidade. Nos seus comportamentos, atitudes, postura corporal e expressões faciais, eram visíveis os diferentes sentimentos que iam experimentando. Envoltas numa mistura de sensações como o medo, a excitação e a alegria, as crianças iam passando por instantes alternados de maior e menor agitação.

Quando a Beatriz me procurou, parecia querer partilhar o que se estava a passar na brincadeira, integrando-me de certo modo na mesma, certificando-se que eu estaria ali, atenta e disponível para a socorrer se necessário. Naquele momento eu era o seu porto seguro, o elo de ligação com o ‘mundo real’, que lhe permitia brincar livremente e sem receios.

A brincadeira, muito provavelmente inspirada no conto *Os Três Porquinhos*, permitiu à Teresa, à Beatriz, ao Pedro e ao Gustavo, explorarem criativamente o temível e irresistivelmente adorado lobo, personagem pela qual as crianças se encantam, por maior que seja o medo que têm dele.

De acordo com Rodari (2006, p. 165), para a criança,

O conto (...) tem a mesma seriedade e verdade do jogo: é-lhe útil para se empenhar, para se conhecer, para se medir. Por exemplo, para medir forças com o medo. Tudo o que se diz sobre as consequências negativas que poderiam ter na criança os «horrores» dos contos – criaturas monstruosas (...) nada disso me parece convincente. Depende das condições em que a criança encontra por assim dizer o lobo. (...) Pode «brincar a ter medo» (um jogo que tem o seu significado na construção dos mecanismos de defesa), seguro de que para afugentar o lobo basta a força do pai, basta o chinelo da mãe.

Na situação acima relatada as crianças fundiram dois universos maravilhosos, os contos e a

brincadeira/jogo, criando um momento único, de verdadeira exploração e experimentação de sensações diversas.

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

15

**Situação:** Brincadeira livre**Data:** 15 de Maio de 2013**Hora:** 10h**Local:** Terraço exterior da Instituição**Intervenientes:** 3 crianças e eu**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 3 e 4 anos**Outros Indicadores de Contexto:** As crianças estavam a brincar no terraço exterior da instituição.

Descrição	Inferência
<p>A Alice (4 anos) apareceu no terraço segurando na mão uma ‘varinha’ cor-de-rosa, coberta com papel brilhante e com uma estrela no topo. Eu olhei para ela, fui ao seu encontro e cumprimentei-a dizendo: “Bom dia Alice!”. Em seguida abracei-a e dei-lhe dois beijinhos.</p> <p>A Alice olhou para mim, sorriu e abanou a ‘varinha’ rodando a mão.</p> <p>Observando-a disse: “Ah! O que tens na mão? Não acredito! Trouxeste uma ‘varinha mágica?’”</p> <p>A Alice abanou a cabeça de cima para baixo. Eu perguntei-lhe: “O que vais fazer com ela?”</p> <p>A Alice encolheu os ombros.</p> <p>De repente a Matilde (3 anos) aproximou-se</p>	<p>Ao abanar a ‘varinha’ a Alice parecia querer mostrar-ma.</p> <p>A Alice abanou a cabeça como quem diz ‘sim’.</p> <p>A Alice encolheu os ombros como quem diz</p>

<p>de nós e disse: “O que trazes ai Alice? O que é isso?”</p> <p>A Alice respondeu: “É a minha ‘varinha mágica’.”</p> <p>A Matilde olhou para a ‘varinha’ e perguntou à Alice: “Posso ver? Emprestas-me?”</p> <p>A Alice abanou a ‘varinha’ e disse: “Agora não. Vou brincar com ela.” Em seguida, voltou as costas à Matilde e foi sentar-se num triciclo.</p> <p>A Matilde correu até junto da Alice, que começou a andar de triciclo pelo terraço, abanando a sua ‘varinha’ no ar.</p> <p>Enquanto a Alice andava de triciclo a Matilde corria ao seu lado.</p> <p>Até que eu observo a Alice a apontar a ‘varinha’ na direção da Matilde e subitamente esta começou a saltar.</p> <p>A Alice continuou a andar de triciclo.</p> <p>O Lucas (3 anos) aproximou-se da Matilde e perguntou-lhe: “O que estás a fazer Matilde? Porque estás a saltar?”</p> <p>A Matilde respondeu-lhe: “A Alice transformou-me num coelho!”</p> <p>O Lucas olhou na direção da Alice e começou a correr atrás dela.</p> <p>A Alice gritava: “Para de correr atrás de mim.”</p> <p>O Lucas esticou os braços na direção do triciclo da Alice e disse: “És uma bruxa! Transformaste a Matilde num coelho. Vou Apanhar-te.”</p> <p>De repente o Lucas agarrou-se à parte de trás do triciclo, mas a Alice não parou de andar,</p>	<p>‘Não sei’.</p> <p>A Matilde aproximou-se, mostrando-se curiosa pela ‘varinha mágica’.</p> <p>A atitude da Alice, a sua expressão facial e o tom de voz com que falava, revelavam um certo egoísmo e indiferença relativamente à Matilde.</p> <p>A Matilde demonstrava querer brincar com a Alice.</p> <p>Aparentemente a Alice aceitou brincar com a Matilde, visto ter interagido com ela ‘transformando-a’ em algo.</p> <p>Segundo a sua reação, o Lucas não compreendia porque é que a Matilde estava a saltar sozinha.</p> <p>O comportamento do Lucas demonstrava que ele desejava entrar na brincadeira.</p> <p>A Alice dava sinais de não entender porque é que o Lucas corria atrás dela.</p>
--	--

<p>arrastando-o pelo chão.</p> <p>Eu falei alto pedindo à Alice para parar de andar. Depois corri na direção das duas crianças e disse ao Lucas para largar o triciclo, pois iria magoar-se.</p> <p>O Lucas olhou para mim e disse: “Ela é uma bruxa! Transformou a Matilde num coelho!”</p> <p>A Alice olhou para o Lucas e disse: “Não sou nada. Deixa-me.”</p> <p>O Lucas largou o triciclo, olhou para a Alice e disse: “És sim.”</p> <p>A Alice não disse nada e voltou a andar de triciclo.</p> <p>Evitando que as duas crianças se chateassem e até mesmo se magoassem com a brincadeira, eu olhei para o Lucas e calmamente disse-lhe: “Deixa-a Lucas, agora a Alice não quer brincar. Não corras atrás dela.”</p> <p>O Lucas olhou para mim e depois foi a correr com a Matilde, que entretanto já tinha parado de saltar.</p>	<p>A Alice demonstrava não querer brincar com o Lucas, mantendo-se indiferente quanto ao facto de o estar a arrastar pelo chão.</p> <p>O Lucas continuava envolvido na brincadeira.</p> <p>Mais uma vez a Alice demonstrou não querer brincar com o Lucas, respondendo-lhe bruscamente.</p> <p>Aparentemente a Alice ignorou o Lucas.</p> <p>A Matilde parecia já estar interessada noutra brincadeira.</p>
<p><b>Comentário:</b></p> <p>A Alice tem por hábito aparecer na escola com brinquedos diferentes; frequentemente há crianças que se aproximam curiosas e interessadas em ver, mexer e explorar estes brinquedos. Infelizmente, na maioria das vezes, a Alice não se mostra espontaneamente receptiva em partilhar os seus brinquedos com as outras crianças, no entanto gosta de os exhibir.</p> <p>Neste dia a Alice levou para a escola uma ‘varinha’, que prontamente me mostrou com</p>	

entusiasmo, antes que eu tivesse tempo de fazer qualquer menção acerca da mesma. Abanando a 'varinha' em frente dos meus olhos, a Alice aguardava com expectativa a minha reação ao ver o seu brinquedo. Assim que eu observei a 'varinha' cor-de-rosa, coberta com papel brilhante e com uma estrela no topo, não resisti em fazer uma expressão de admiração e surpresa, como se estivesse em frente a um poderoso elemento mágico. Sem questionar a Alice eu designei o seu brinquedo de 'varinha mágica', fazendo alusão ao universo maravilhoso dos contos, e desafiando a sua imaginação, pois é certo que, possuindo uma 'varinha' semelhante à das fadas e bruxas, a Alice tinha o poder do encantamento.

Provavelmente a 'varinha' já era considerada mágica mesmo antes da minha intervenção, no entanto, creio ter sido importante para a Alice o valor especial que conferi ao seu brinquedo, reforçando a ideia de aquele objeto ser mágico.

Quando a Matilde se aproximou da Alice, ficou explícito o seu interesse e curiosidade relativamente à 'varinha'; a sua expressão facial, o olhar compenetrado e o tom doce com que falou, foram sinais reveladores do seu desejo em ver, mexer e brincar com a 'varinha mágica'. Porém, a Alice demonstrou indiferença quanto à vontade da Matilde. Sem qualquer hesitação, recusou emprestar-lhe a 'varinha' e voltou-lhe as costas repentinamente, afastando-se logo em seguida.

A Matilde, claramente determinada em conseguir brincar com a Alice e a 'varinha mágica', correu até junto das duas. Enquanto a Alice andava de triciclo, exibindo a 'varinha' que abanava no ar, a Matilde corria a seu lado.

Nestes instantes eu não consegui ouvir o diálogo entre as duas meninas, por isso não sei precisar de que forma se iniciou a sua brincadeira. Apenas quando observei a Alice a apontar a 'varinha' na direção da Matilde, que prontamente começou a saltar, é que me apercebi que brincavam juntas.

Aparentemente, as duas crianças começaram a brincar de forma natural e claramente imaginativa, certamente inspiradas na 'varinha mágica' e nos contos em que tantas vezes este objeto mágico está presente, sob o domínio de uma bruxa, fada ou outra entidade poderosa. Bettelheim (1998, p. 76) diz-nos que, a partir dos contos, a criança pode fantasiar sobre si e sobre o mundo que a rodeia, ultrapassando as suas dificuldades e limitações, sejam elas reais ou imaginadas.

Com um 'elemento mágico' nas mãos, era presumível que as crianças se entregassem ao maravilhoso mundo do imaginário, sendo inventivas na criação da brincadeira.

No momento em que o Lucas se aproximou da Matilde, curioso em saber o motivo pelo qual ela saltava sozinha no terraço, seguramente ainda não se tinha apercebido da brincadeira das

duas meninas.

Ao escutar a explicação da Matilde o Lucas reagiu de forma inesperada. Começando a correr atrás da Alice apelidando-a de 'bruxa' por ter transformado a Matilde num 'coelho'. Deliberadamente interferiu na brincadeira sem questionar as meninas.

O Lucas fez a sua interpretação da situação e mediante isso procurou integrar-se. Observando o seu comportamento poder-se-á deduzir que, naquele instante, aos olhos do Lucas a Alice só poderia ser uma 'bruxa má', pois acabara de enfeitiçar a Matilde abandonando-a em seguida. Naturalmente, reconhecendo a malvadez muitas vezes associada a esta personagem familiar dos contos de fadas, o Lucas entendia que tinha de deter a 'bruxa' Alice, para que o bem triunfasse.

Segundo Bettelheim (1998, p. 17),

As personagens dos contos de fadas não são ambivalentes – não são boas e más ao mesmo tempo, como na realidade o somos. Mas uma vez que a polarização domina o espírito da criança, ela domina também os contos de fadas. Uma pessoa é boa ou má, sem meios-termos.

Mesmo após a Alice pedir que parasse de correr atrás dela, negando ser uma bruxa, o Lucas, completamente envolvido na sua ideia, mantinha-se determinado em conseguir apanhá-la. Decididamente a Alice não queria brincar com o Lucas, mostrando-se somente preocupada em se afastar dele.

Observando o desenrolar da situação eu vi-me obrigada a interferir. Com o Lucas agarrado ao triciclo, sendo arrastado pela Alice, eu tive de me aproximar, para garantir que as crianças se separavam, evitando que se magoassem. Calmamente falei com o Lucas, convencendo-o a desistir da ideia de correr atrás da Alice.

Sendo defensora e muitas vezes promotora das brincadeiras imaginativas, raramente interfiro no sentido de pôr fim aos momentos de fantasia criados e vivenciados pelas crianças. Contudo há situações em que sinto necessidade de intervir, como aconteceu no caso acima relatado. Como refere Bettelheim (1998, pp. 83-84), "(...) permitir à nossa fantasia tomar posse de nós por algum tempo não é prejudicial, desde que não fiquemos permanentemente seus prisioneiros".